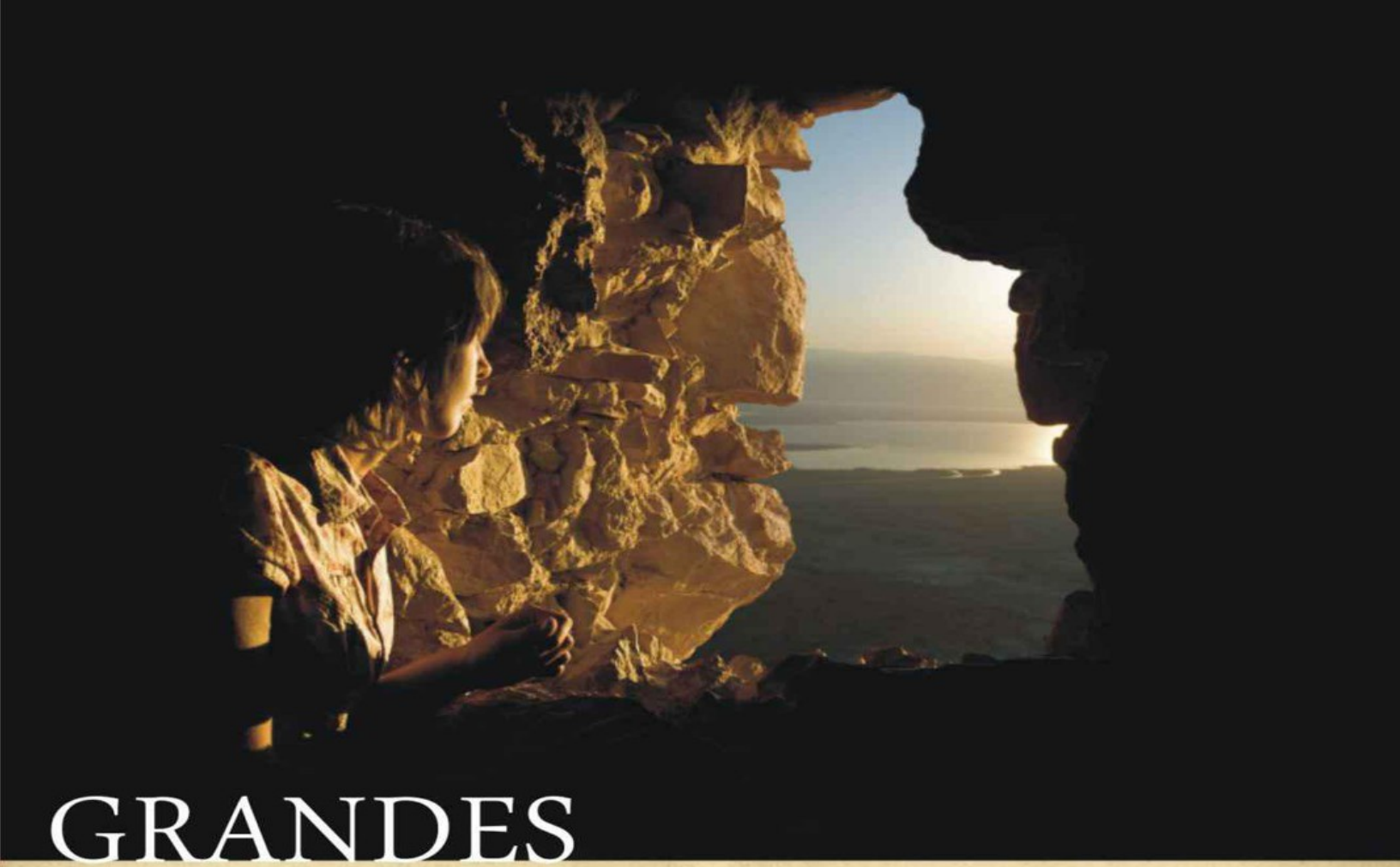

GRANDES Mulheres DA REFORMA

QUEM FORAM, O QUE FIZERAM E O QUE SOFRERAM
AS GRANDES MULHERES DA REFORMA DO SÉCULO XVI

James I. Good
Editado por Layse Anglada

Conteúdo

CAPÍTULO I: REFORMA NA SUÍÇA
Anna Reinhard
Idelette D’Bures
Anna Bullinger
CAPÍTULO II: REFORMA NA ALEMANHA
Katharine Zell
Margaret Blaarer
CAPÍTULO III: REFORMA NA FRANÇA
Margaret de Navarra
Jeanne D’Albret
Charlotte D’Mornay
Phillipine De Luns
Charlotte D’Bourbon
Louisa De Coligny
CAPÍTULO IV: REFORMA NA ITÁLIA
Renée de Este
Olympia Morata
APÊNDICE DO EDITOR
Katharina Von Bora

Grandes Mulheres da Reforma © 2009 Knox Publicações. Publicado originalmente em inglês com o título Famous Women of The Reformed Church de James I. Good. Todos os direitos desta edição são reservados.

Tradução:
Anna Layse Gueiros

Edição e Revisão:
Layse Anglada

Editoração e Capa:
Paulus Anglada

Edição:
1ª Edição: Knox Publicações, 2009

ISBN: 978-85-61184-07-0

Direitos desta tradução reservados pela

Knox Publicações

Estrada do Caixa Pará, 49 - Levilândia
67015-520 Ananindeua - PA - Brasil
Fone: (91) 3261-6006 / Fax: (91) 3245-0458
contato@knoxpublicacoes.com.br
www.knoxpublicacoes.com.br

PREFÁCIO ORIGINAL

Os capítulos deste livro apareceram inicialmente na Revista da Igreja Reformada, entre os anos de 1893 e 1895. Eles receberam, à época, vários comentários elogiosos; mas com o fim da publicação da revista, os artigos cessaram. Entretanto, desde essa época, tem havido um número tão grande de pedidos pela reedição desse material, que se tornou evidente o fato de que vieram ao encontro de uma grande escassez e necessidade na igreja. Felizmente, agora, a Comissão de Escola Dominical da Igreja Reformada nos Estados Unidos tomou a iniciativa de republicar este volume. O autor teve a oportunidade de adicionar diversos capítulos àqueles que apareceram originariamente na revista. Espera-se que as vidas destas santas mulheres da Reforma venham a estimular as mulheres da nossa igreja a um maior interesse em nossa gloriosa história e a uma maior atividade em missões e na obra prática da igreja, na qual elas já se destacam.

- James I. Good
Ministro da Igreja Reformada Norte-Americana
11 de Novembro de 1901

CAPÍTULO I:
REFORMA NA SUÍÇA

Anna Reinhard

Esposa de Ulrich Zwínglio

As esposas dos reformadores são um objeto de estudo muito interessante. Elas receberam grandeza dos seus maridos, e retribuíram transmitindo delicadeza, bondade e beleza às suas vidas e ministérios. O que teria sido de Lutero sem a sua Kathe?[1] De Zwínglio, sem Anna, a sua inseparável companheira? As mulheres da Igreja Reformada têm sido um elemento importante na sua história. Assim como Débora e Ester, juntamente com as Marias do Novo Testamento, ajudaram a construir a história bíblica, assim também as mulheres da Reforma têm contribuído para tornar a sua história ainda mais gloriosa. Nossa proposta é fornecer, neste volume, um breve relato de suas vidas.

A primeira e, em alguns aspectos, a mais interessante destas mulheres é a esposa do fundador da nossa Igreja Reformada, Ulrich Zwínglio. O seu nome era Anna Reinhard. Ela não foi uma freira ou religiosa como Katharina Von Bora, esposa de Lutero. Na realidade, quando eles se conheceram, ela era uma piedosa viúva. E existe um elemento de romance acerca deste período de interesse de um pelo outro que a vida de Lutero não possui. Essa é a história de Anna:

Não muito longe da residência paroquial de Zwínglio, em Zurique, havia uma casa chamada de Hoefli. Nela vivia a viúva de John Meyer, de Knonau. Ela nasceu por volta de 1487, embora essa data seja incerta. De sua juventude, não conhecemos praticamente nada, exceto que ela era muito bonita. A sua mão foi pedida por esse jovem, John Meyer Von Knonau. Mas acontece que o pai do jovem tinha outros planos para o filho; ele já havia escolhido outra noiva para o seu primogênito. Os Knonau eram uma das famílias mais antigas e proeminentes de Zurique, e o pai de John se orgulhava de sua família e de sua posição social. Ele desejava que o filho viesse a ocupar a mesma posição que ele alcançara na aristocracia. Por isso, enviou-o à corte do bispo de Constança, seu primo, para ser devidamente educado. E escolheu, como noiva para o rapaz, uma jovem de Thurgau, que pertencia a uma nobre família austríaca. Contudo, o rapaz tinha uma opinião bem diferente. Mostrando uma verdadeira independência suíça, ele preferiu uma moça de seu próprio país a uma nobre estrangeira. Ele não tinha se esquecido da bela Anna Reinhard, filha do senhor das terras de Roessli, e secretamente eles vieram a se casar em 1504, em uma capela da vila, no distrito de Zurique. Quando o pai do rapaz soube do acontecimento, ficou furioso. Ele o expulsou de casa e o deserdou, deixando sua fortuna à sua segunda esposa, ao invés de deixá-la para a família do seu filho. O marido de Anna se encontrava agora sem a posse dos seus próprios recursos. Contudo, ele foi eleito para o conselho da cidade em 1511, a despeito dos esforços em contrário de seu pai,

tornando-se, posteriormente, oficial do exército suíço, indo juntamente com as tropas de seu país para a Itália, durante as guerras contra a França. No entanto, após várias disputas, ele retornou com a saúde bastante abalada, vindo a falecer em 1517, deixando Anna viúva com três filhos: um menino e duas meninas.

É, então, em torno do seu pequeno menino – Gerold – que o romance do casamento de Zwínglio começa a acontecer. Gerold era um menino muito belo e cativante, e aconteceu de, um dia, o seu avô estar reunido com alguns conselheiros da cidade em uma sala que dava vistas para o mercado de peixes, observando as pessoas indo e vindo. Uma criada chegou ao local com um menino de três anos de idade e o deixou sentado em um uma barraca, enquanto pagava pelo peixe. O velho homem notou que o menino estava atraindo a atenção de todos os que passavam, tanto por sua beleza como por seu comportamento gracioso. Perguntou, então, aos seus companheiros se sabiam de quem se tratava, e foi surpreendido ao saber que era o filho do seu próprio filho! Ordenou que a criança fosse trazida a ele e o tomou em seus braços. A criança, dócil e desinibida, brincou com a sua barba e olhou nos seus olhos de forma tão cativante que o velho homem não resistiu às lágrimas. E disse ao menino: "O teu pai me deixou grandemente amargurado, mas eu não permitirei que isso te prejudique; ao invés disso, te tomarei como meu próprio filho, em lugar de teu pai". E, assim, ele ordenou que o menino fosse levado à sua própria casa, onde cuidou dele com grande carinho. Quando estava com nove anos de idade, o avô morreu, mas ele continuou sob os cuidados de sua avó.

Desse modo, este belo menino, que tão surpreendentemente quebrou a ruptura na família do seu pai – reunindo-a novamente – estava destinado a agir de maneira similar para com Zwínglio. Foi ele quem inconscientemente promoveu a união de sua mãe com o grande reformador, de modo que eles pudessem conhecer-se, relacionar-se e finalmente viessem a se casar. Zwínglio veio a Zurique após a morte do seu avô, quando Anna estava lutando para sustentar e educar a sua família com seus parcos recursos. Ela foi, desde o início, uma das ouvintes mais atentas de Zwínglio, em suas pregações. Como a casa dela fazia parte de sua paróquia, ele veio a ter contato com ela como seu pastor. O reformador percebeu de imediato as suas necessidades e também as suas virtudes cristãs. Mas foi Gerold quem especialmente atraiu a sua atenção. Os olhos atentos de Zwínglio logo se deram conta dos talentos deste menino precoce. O reformador deu a ele aulas particulares de Grego e de Latim, e quando Gerold precisou de educação mais elevada, ele o enviou, ainda com a tenra idade de onze anos, para Basiléia, o centro literário da Suíça. Foi assim que Zwínglio se tornou um pai adotivo para o órfão. O menino era tão inteligente que o seu professor em Basiléia escreveu para Zwínglio: "Se você tiver outros meninos como este, por favor, envie-os a mim. Eu serei um pai para eles, e eles serão meus filhos". Quando o jovem foi, em 1523, para as termas da região de Baden, ao invés de dar-lhe o presente costumeiro, Zwínglio providenciou algo melhor. Ele escreveu um livro intitulado Conselhos para a Educação de um Jovem Nobre, dedicando-o ao jovem Gerold.[2] Muito veementemente, neste livro, ele o encorajava à boa moral e à vida cristã. Este belo e oportuno apelo foi o instrumento utilizado por Deus para a sua salvação. O jovem deu início a uma nova vida e nunca trouxe desgraça – somente honra – à sua família e amigos. Ele veio a ser um dos mais brilhantes e promissores jovens de Zurique.

Tornou-se membro do conselho da cidade com apenas dezoito anos de idade, e presidente desse conselho aos vinte e um! Apesar de jovem, foi elevado muito rapidamente às posições mais destacadas na cidade. Foi, no entanto, o cuidado paternal de Zwínglio por Gerold, como seu protegido, que preparou o caminho para o seu posterior casamento com a mãe do rapaz. Gerold foi, no dizer de sua biógrafa, o elemento de união entre o seu tutor e a sua piedosa mãe.

É digno de nota o fato de que houve grande dificuldade na aceitação desse casamento, visto que não era comum, na época, que os ministros (pastores) se casassem. Em 1523, um pregador contraiu matrimônio, em Zurique, e isso causou um grande escândalo. Zwínglio casou-se com Anna em 1522[3]. Contudo, mais do que em Zurique, seu casamento causou um alvoroço ainda maior na sua cidade natal, Toggenburg. Os católicos e os anabatistas o acusaram de casar com Anna pela sua beleza e pelo seu dinheiro, acusação essa que ele rebateu, respondendo que, quanto ao dinheiro, ela não possuía mais do que 400 florins, o que não era absolutamente nada na época.

Após casar-se com Zwínglio, conta-se que Anna deixou de usar jóias. Zwínglio se referia a ela como sua "amada assistente", e isso é o que ela realmente foi: uma esposa muito útil e companheira em seu trabalho. Ela foi um modelo de esposa de ministro; uma verdadeira mãe adotiva para os pobres e auxílio para os doentes. Ela foi comparada à Dorcas, dos tempos apostólicos. E o seu cuidado pelo marido era ainda maior do que pela paróquia. Ela o alegrava em suas ocupações e compartilhava dos seus sofrimentos.

Quando o seu esposo, juntamente com outros ministros de Zurique, começou a traduzir a Bíblia (em 1525) e a publicá-la completa (em 1529) – alguns anos antes de surgir a Bíblia de Lutero (1534) – era seu costume ler para ela os seus rascunhos todas as noites, antes de se recolherem. Posteriormente, ela veio a mencionar o ávido interesse que sentia pelas narrativas bíblicas, do modo como elas haviam sido traduzidas por Zwínglio para a sua língua materna. E assim, a Bíblia tornou-se o seu livro inseparável. Ela lutou para introduzi-lo nos lares da congregação, a fim de que a Bíblia pudesse ser uma propriedade de cada família.



ZWÍNGLIO LENDO PARA A SUA ESPOSA AS NOTAS DE SUA NOVA BÍBLIA SUÍÇA

Quando ela percebia que o seu esposo, por levantar-se sempre muito cedo e por trabalhar excessivamente, estava se tornando demasiadamente consumido por seu

trabalho, ela – como diz Zwínglio em uma carta a Vadian –, puxava a capa do livro e sussurrava em seu ouvido: "Meu querido, já chega; agora é hora de descansar...". No seu relacionamento com os outros, demonstrava muito do seu espírito cristão. Quanto mais religiosa a conversa, maior era a sua participação nela. Não havia maior gozo para ela do que o de receber um novo esclarecimento acerca de alguma verdade sagrada. Ela amava ouvir Zwínglio em suas pregações, muitas vezes exaltando um novo aspecto acerca do caráter de Cristo. Portanto, ela não somente vivia em uma atmosfera religiosa, mas era esse o seu maior prazer.

Para com o seu marido, sempre manifestou grande reverência. Infelizmente, apenas uma carta do casal (escrita por Zwínglio) chegou até nós. Esta carta foi escrita em Berna, em 1528, logo após o nascimento de um filho em sua ausência. É uma bela epístola cristã, agradecendo ao Senhor pelo nascimento da criança e orando para que ambos pudessem estar habilitados para educá-la corretamente, encorajando-a a não ficar ansiosa quanto à sua segurança (de Zwínglio) e enviando saudações a amigos. Ele também escreveu para ela depois disto, quando se encontrava em Estrasburgo, a caminho de Merburg, carta em que elogia a esposa do reformador Zell, de Estrasburgo, dizendo que "ela combinava as graças de ambas: Marta e Maria".

Anna recebia os amigos do seu marido e recepcionava os seus convidados, dos quais sempre havia um grande número, visto que eram muitos os refugiados protestantes naqueles dias, e a casa de Zwínglio estava sempre de portas abertas para eles. Quando ele estava ocupado ou em viagem, ela era o centro das atenções. Os mais proeminentes cidadãos e ministros – tais como Leo Juda, Pellican e outros –, reconheceram seus méritos e virtudes. Conta-se que o chanceler superior de Silesia, Arator, que visitou Zwínglio em 1526, ficou tão cativado pela forma cristã como administrava sua casa, que declarou que nunca esqueceria da atmosfera piedosa daquele lar, referindo-se a Anna como "a esposa-anjo".

Entretanto, sua vida de casada não foi marcada somente por alegrias e honrarias, mas igualmente por muitos cuidados e ansiedades. O perigo ao qual seu esposo estava continuamente sujeito constituiu-se em uma fonte de grande preocupação para ela. Ele repetidamente era advertido a não sair sozinho à noite, a fim de que não fosse morto ou levado para um distrito católico, e viesse a sofrer como John Huss. Ele também era frequentemente alertado a ser cuidadoso com relação aos lugares onde comia ou bebia, por receio de que viesse a ser envenenado. Anna, sempre que pressentia qualquer perigo a rodeá-lo, pedia ajuda aos irmãos. Com muita frequência, quando Zwínglio, especialmente em dias de inverno, tinha que sair de casa após o escurecer, ela chamava algum amigo para acompanhá-lo. Ou quando ele tinha de permanecer em reuniões até tarde da noite, ela tentava providenciar algum irmão para acompanhá-lo na volta para casa.

Ela procurava estar sempre ao seu lado, mas não podendo acompanhá-lo em todas as ocasiões, preocupava-se com tudo o que pudesse causar-lhe dano ou perigo, fazendo o que estivesse ao seu alcance para preservá-lo. E foi assim que, embora muitas tentativas de ataque contra Zwínglio tenham sido efetuadas, felizmente foram sempre frustradas. Em 28 de agosto de 1525, a casa do casal foi apedrejada por dois cidadãos à noite, fazendo com que vários pedaços de madeira atingissem os compartimentos. Anna e os filhos ficaram aterrorizados, mas Zwínglio empunhou sua espada e os acalmou, bradando aos agressores que, se qualquer um deles tinha algo contra ele, que viesse na manhã seguinte, à luz do dia.

Estes episódios serviram como que prenúncios do grande sofrimento que estava por vir. Ela, juntamente com o seu esposo, presenciou a nuvem negra da tempestade se formar sobre eles, vindo a desabar no terrível onze de outubro de 1531. No dia nove, correu a notícia de que o exército dos distritos católicos estava se aproximando. Apressadamente, um pequeno exército foi reunido em Zurique para combatê-los. Zwínglio foi designado para acompanhá-los como capelão do exército.

Na Praça da Caridade, bem em frente à residência pastoral, uma parte dos soldados se reuniu e se preparou para a partida. Anna saiu de casa para despedir-se dele. Sem conseguir reprimir os seus sentimentos, ela irrompeu em lágrimas; seus filhos se uniram a ela em seu pranto, apegando-se, às vestes do pai, como que para protegê-lo do perigo, fosse isso possível. “É chegada a hora de nos separarmos”, disse Zwínglio a ela. “Que assim seja; é a vontade do Senhor.” Ele então lhe deu um grande abraço de despedida. Os seus temores quase lhe impediram a fala, mas ela disse: “Nós nos veremos novamente, se o Senhor assim desejar. A Sua vontade seja feita. E o que você trará de volta quando vier?” A resposta imediata de Zwínglio foi: “Bênçãos, após as trevas e escuridão da noite”. Estas foram suas últimas palavras à esposa; palavras que permaneceram como um santo conforto para ela em toda a sua vida, daí para frente. Pois ela cria que as bênçãos viriam após as noites de trevas deste mundo, esperando vê-lo na luz do novo dia no céu. Zwínglio então abraçou os seus filhos, pressionando-os junto ao peito e afastou-se deles para partir. Enquanto ele se dirigia com os soldados para o final da rua, olhou mais uma vez para trás e ela acenou-lhe um último adeus.

A quem, agora, em seu sofrimento ela iria recorrer, senão ao seu Salvador, Aquele a quem havia sido conduzida pelo próprio esposo ao chegar naquela cidade? Ela apressou-se para dentro de casa, e com os seus filhos, lançou-se no quarto solitário e clamou repetindo as palavras do Salvador: “Pai, seja feita a Tua vontade, e não a minha”. Reconfortada, ela se levantou e esperou pelo resultado da batalha. Quando as primeiras notícias da derrota e da morte do seu marido e do seu filho chegaram, os seus amigos tentaram ocultar dela os detalhes mais tristes relacionados a estes episódios. Entretanto, não podendo fazê-lo por muito tempo, eles se apressaram em confortá-la.

Proeminentes cidadãos e ministros foram visitá-la, expressando-lhe suas condolências. Importantes ministros de outras cidades, tais como Capito e Bucer de Estrasburgo, e

Keler, de Augsburgo, escreveram belas cartas de solidariedade cristã. Mas para ela, o maior conforto de todos veio através do jovem Henrique Bullinger, sucessor do seu esposo. Ele tomaria o lugar de Zwínglio e cuidaria dela como se fosse seu próprio filho. Ele lhe fez esta promessa: “De nada você necessitará, querida mãe. Eu permanecerei seu amigo, seu mestre e conselheiro.” Não foram apenas meras palavras, mas ele as cumpriu e provou com ações. Zwínglio havia deixado sua família sem recursos, pois tudo o que ele pôde poupar, havia sido doado aos pobres e refugiados. Então Bullinger a abrigou sob o seu próprio teto, à sua própria mesa, e uniu as duas famílias em uma só. Ele também agiu como um pai para os filhos de Zwínglio, supervisionando sua educação e enviando o jovem Ulrich à Basiléia, às suas próprias custas.

Dos últimos anos de Anna não sabemos praticamente nada. Diz-se que ela raramente saía de casa depois da morte do marido, exceto para ir à igreja. Ela agora vivia para os seus filhos e para o seu Senhor. No final da sua vida, ficou muito doente, e a sua doença persistiu por vários anos; mas ela suportou pacientemente os seus sofrimentos.

Da sua morte, em seis de dezembro de 1538, Bullinger comentou: “Eu não desejo um final mais feliz para uma vida do que este. Ela partiu placidamente, como uma tênue luz, e foi para o seu lar e para o seu Senhor, louvando e nos encomendando todos à graça de Deus.” A sua morte foi como sua vida: doce, bela e serena.

A cena mais trágica de sua vida está relacionada à morte de seu esposo no campo de batalha de Cappel. Bullinger conta que, ao chegarem as notícias daquela terrível derrota, Zurique foi tomada por um estrondoso e terrível clamor de lamentação, lágrimas, prantos e gemidos. Mas a tristeza de Anna foi ainda maior, e o seu sofrimento mais profundo. Em virtude da grandeza do seu esposo, maior era o seu pesar. Ela havia passado por muitos sofrimentos anteriormente, mas este eclipsou a todos, especialmente porque a morte de Zwínglio não foi o seu único pesar. Juntamente com ele, naquele campo de batalha, morreu também o seu brilhante e belo filho, Gerold. E a morte deste também não foi toda a sua aflição. Com o seu amado esposo e filho, caíram também à espada seu irmão e seu cunhado, ao mesmo tempo em que um genro foi ferido de morte.

O pesar da morte a cercou por todos os lados. Para coroar todo esse sofrimento veio a notícia de que o corpo do seu esposo havia sido esquartejado e queimado, e as suas cinzas profanadas. Haveria algum sofrimento como o dela? Sim, já houve Um que sofreu ao ponto do profeta dizer: “Considerai e vede se há dor igual à minha, que adveio sobre mim...”[4]. Para os braços deste Salvador, que sabe o que é sofrer, ela correu em seu sofrimento, e Ele confortou a sua alma e levantou pessoas para a ajudarem. Em uma das suas biografias, há um retrato seu chorando em oração, enquanto uma mão celeste a consola, enxugando as suas lágrimas; e abaixo da figura consta o texto bíblico: “E Deus enxugará dos seus olhos toda a lágrima”.

Tendo em vista as grandes aflições e angústias pelas quais passou, Anna pode bem ser chamada de a "Mater Dolorosa" (a Mãe Sofredora) da Reforma. Debaixo das cruzes dos seus amados ela chorou, como Maria sob a cruz. E assim como João, o discípulo amado, levou Maria para o seu lar, assim fez também o jovem Henrique Bullinger, oferecendo a Anna um lar e tornando-se para ela um filho amado.

A filha mais velha de Anna e Zwínglio, chamada Regula, herdou a beleza da mãe e possuía a piedade dos pais. Ela cresceu na família de Bullinger, juntamente com o jovem Rudolph Gualther, o qual veio a ser, mais tarde, seu esposo, e também o sucessor do seu pai e de Bullinger, como o Antistes da igreja de Zurique (título que designava, na época da Reforma na Suíça, o cabeça ou chefe da igreja). Durante a perseguição de Maria na Inglaterra, muitos refugiados foram para a Suíça e foram recebidos por ela em seu lar, dentre eles Grindal, que viria a ser o Arcebispo de Canterbury, e outros, que depois se tornaram bispos na Inglaterra.

Depois da morte de Regula, o seu esposo assim escreveu acerca de sua perda: "O que o piedoso Abraão sentiu com a perda de sua amada Sara, e Jacó com sua querida Raquel, o mesmo tenho eu para sentir e lamentar. Um exemplo do mais puro amor, da mais inviolável fidelidade conjugal e virtude doméstica. Ela sabia como lançar fora toda tristeza e toda inquietante preocupação da minha alma". O seu filho, Rudolph, cujo retrato é aqui mostrado em sua companhia, também escreveu um poema exaltando a fidelidade, piedade e muitas outras virtudes cristãs de sua mãe.



ANNA REINHARD E SUA FILHA REGULA ZWÍNGLIO

[1] Embora não conste da lista original do autor por não pertencer especificamente à Igreja Reformada – o título original do livro é: Ilustres Mulheres da Igreja Reformada – os editores acharam por bem, considerando a grande importância de Lutero, incluir a

biografia de sua esposa, Katharina Von Bora, como um apêndice.

[2] Uma boa tradução deste primeiro trabalho reformado em educação foi feita pelo Prof. A. Reichenbach, do Ursinus College, intitulado "The Christian Education of Youth".

[3] Schaff diz que uma carta de Myconius para Zwínglio pareceria mostrar que Zwínglio casou-se, realmente, em 1522, mas manteve o casamento em secreto por dois anos, por temer a oposição do povo quanto a isso. Myconius escreveu para ele em 1522, dizendo: "lembranças à sua esposa".

[4] Lamentações 1:12.

Idelette D'Bures

Esposa de João Calvino

A esposa de Calvino é uma figura quase desconhecida, mas muito interessante e digna de um lugar de grande destaque entre as mulheres da Igreja Reformada.

Calvino não pensou em casamento até os trinta anos de idade, quando veio, em 1539, a Estrasburgo. Foi ali que ele gozou de um pouco mais de tempo para considerar esta importante questão. Os seus amigos também o encorajaram para que se cassasse. Na realidade, os seus bem-intencionados amigos tinham se preocupado com esse assunto muito antes dele próprio, visto que o tempo passava e ele continuava solteiro.

Uma governanta mal humorada também contribuiu para que ele considerasse a questão do casamento, pois era dona de um temperamento tão irritadiço, que certo dia falou com tanta impertinência a Antoine, irmão de Calvino, que ele deixou a casa dizendo que nunca mais entraria ali enquanto ela lá estivesse; ao que ela replicou: "Pois eu também vou embora"; e deixou Calvino atrapalhado, sem ninguém para cuidar dos afazeres domésticos. Assim, desejando ele livrar-se das preocupações mais triviais da vida, a fim de poder dedicar-se mais plenamente ao trabalho do Senhor, começou a procurar pela pessoa mais adequada para ser sua esposa; ou melhor, deixou que os seus amigos procurassem em seu lugar, pois cogitou que eles saberiam escolher melhor do que ele próprio. Contudo, reservou para si a decisão final quanto à questão.

Ao que parece, ele recebeu de seus amigos a recomendação de várias moças."Foi-me oferecida", ele escreveu para Farel, o seu amigo mais chegado, "uma moça que era rica, jovem e de nobre nascimento, e cujo dote excedia a tudo o que eu poderia desejar. Duas coisas, no entanto, me levaram a recusá-la: o fato de ela não falar francês, e de me parecer que ela se orgulhava demais do seu nobre nascimento e da sua educação."

A maior dificuldade que Calvino experimentou foi com relação às qualidades morais da pessoa com quem casaria. Sua preocupação ia além da mera beleza de rosto ou de forma física; ele buscava por verdadeira beleza de alma. Ele diz que "desejava uma esposa que fosse gentil, pura, modesta, econômica, paciente, e para quem o cuidado do seu esposo fosse a questão principal"; provavelmente, devido à sua debilitada saúde, ele sentia necessidade especial do último requisito mencionado. É evidente que ele tinha um elevado ideal da esposa que desejava. De fato, tem sido dito que o seu casamento não foi tanto de coração quanto foi de intelecto; e que foi realizado não apaixonadamente, e sim mais como uma questão de necessidade. É por isso que muitos o tem considerado como um esposo frio, embora, gentil. E isso pode parecer, em algum sentido, natural para alguém como Calvino, que era tão eminentemente intelectual. Mas D'Aubigné, o grande

historiador da Reforma, o defende dizendo: "Esse fato me parece duvidoso; pois uma vez casado, ele demonstrou uma genuína afeição pela sua esposa. Havia no seu casamento, cremos, um enorme intelecto e um gênio sublime, mas também aquele amor familiar, juntamente com as afeições do coração que completam o homem."

Estes altos ideais de Calvino só revelam o quão elevado deve ter sido o caráter de Idelette De Bures (Van Buren), para ter sido capaz de preenchê-los. Quando Calvino já estava prestes a desistir de continuar procurando por uma esposa, Bucer chamou a sua atenção para Idelette, visto que Bucer a conhecia por sua piedade, sua atenta delicadeza e ternura, e poder de auto-sacrifício como esposa, viúva e mãe. Ela havia fugido de Liege por amor à sua fé Protestante, e havia casado com John Storder, que fora um Anabatista, mas ambos haviam sido convertidos à fé reformada por meio dos esforços de Calvino. Desse modo, Calvino havia sido apresentado a ela antes da morte do seu esposo. Aparentemente, porém, ela estava vivendo de forma tão reclusa, que ele não chegou a cogitar no seu nome. No entanto, com o passar do tempo, veio a notar a sua crença profundamente estabelecida e sua devota afeição e coragem cristã, as quais a haviam feito desistir de tudo pela sua fé. Foi então que Calvino a pediu em casamento, e ela aceitou.

O casamento ocorreu em primeiro de agosto de 1540. Foi uma cerimônia bem grande e concorrida; algumas das cidades suíças, tais como Neuchatel, foram representadas por deputados. Os amigos de Calvino, da França, também compareceram ao casamento. O reformador estava muito feliz com a nova vida de casado. Ele chamou Idelette de "a excelente companheira da sua vida, e sempre fiel assistente do seu ministério". Ele acreditava no que a Bíblia diz: "Aquele que acha uma esposa, acha o bem, e alcançou a benevolência do Senhor". D'Aubigné chama atenção para o fato de que o motivo pelo qual nós sabemos tão pouco sobre ela (menos do que sabemos sobre a esposa de Lutero, por exemplo) é porque Calvino escreveu bem menos sobre ela. E ao que parece, ele fez isso propositadamente, pois o que mais apreciava em seu coração com relação a Idelette era a sua modéstia. Ele, portanto, tinha um senso tão forte do que é adequado, que não a expôs em suas cartas ou em seu trabalho mais do que ela mesma permitiu. Para ele, tudo era tão governado pela preocupação com a obra de Cristo, que todos os seus interesses privados e domésticos ficavam eclipsados. Por esta razão é que ele escreveu menos sobre sua esposa do que Lutero e, portanto – infelizmente para nós –, sabemos tão pouco sobre ela. Mas até mesmo este silêncio já é, em si próprio, um belo tributo ao seu caráter.

Pouco depois do seu casamento, ele teve que deixá-la para participar de algumas reuniões. Ele havia sido intimado a comparecer às conferências em Hagenau e Worms para prestar contas de questões políticas. Desse modo, deixou Idelette em Estrasburgo, aos cuidados do seu irmão Antoine, e de uma família chamada Richebourg, cujos filhos haviam sido seus alunos. Mal tinha ele partido quando uma terrível peste irrompeu em Estrasburgo. Mas o seu senso de dever para com a causa protestante – que estava sendo ameaçada nessas conferências – era mais forte que o seu dever para com a família, e ele não pôde voltar logo para casa.

Nesse ínterim, a peste se alastrou violentamente. O jovem Louis De Richebourg e Claude Ferey, amigos íntimos de Calvino, perderam suas vidas nessa ocasião. Antoine, seu irmão, fugiu de Estrasburgo. Calvino, em agonia, ansiava por receber notícias da família, temendo o pior com relação à sua esposa. Ele escreveu a um amigo: "Dia e noite eu tenho minha esposa como que diante de meus olhos, sabendo que ela se encontra exposta a tantos perigos sem ajuda ou conselho, porque o seu esposo está fora. Preciso fazer um grande esforço para resistir à minha pesarosa ansiedade. Eu tenho recorrido à oração e à santa meditação". E as suas orações foram ouvidas, pois a vida de Idelette foi poupada, e ela pôde recebê-lo em sua volta à Estrasburgo.

Quando Calvino foi chamado novamente a Genebra, ele a deixou em Estrasburgo. O conselho de Genebra, enviou, posteriormente, três cavalos e uma carruagem para buscá-la, juntamente com o restante da família e os seus pertences. Eles escolheram, para Calvino e sua esposa, uma casa com jardim. Ali ela revelou as mesmas belas características de uma esposa fiel. Era extremamente dedicada ao seu marido. Como ele era naturalmente fraco e doente, ela o assistia ao lado da sua cama em sua doença, e o encorajava em momentos de fraqueza e depressão. Assim, ela o confortava grandemente em meio aos tremendos fardos dos seus labores.

Sem dúvida, nós devemos muito da abundância e da clareza dos pensamentos de Calvino ao gentil e fiel ministério de Idelette em casa. Muitas vezes ela cuidava dele ao lado do seu leito à noite, apoiando a sua cabeça cansada, pois ele sofria de terríveis dores de cabeça. Nas suas horas mais tristes, quando notícias adversas chegavam, ela o fortalecia e consolava. Quando os rebeldes se enfureciam nas ruas, levantando a voz contra os ministros de Genebra, ela se retirava ao seu aposento, dobrava os seus joelhos e orava. Como uma boa esposa de pastor, também costumava visitar os enfermos. Era sempre vista confortando aqueles que passavam por sofrimentos.

A sua casa era um asilo para os numerosos refugiados que vinham rastejando até Genebra. Ela cuidava deles com tão bela hospitalidade que alguns chegavam a dizer que ela era mais cuidadosa para com os estranhos do que para com os próprios nativos da cidade. Ela tinha prazer na companhia dos amigos de Calvino, especialmete de Farel, Beza e outros. Idelette acompanhava o seu esposo em suas caminhadas, as quais ele fazia muito raramente para Cologny e Bellerive. A esposa de Viret era como uma irmã para ela, e em maio de 1545, quando o seu esposo foi para Zurique a fim de incentivar os distritos germânicos a intercederem pelos Waldenses, ela aproveitou para visitar a esposa de Viret em Lausanne.

Contudo, ela passou também por grandes sofrimentos, os quais lhe trouxeram muita desventura e conseqüentes doenças. Um por um, os seus filhos foram sendo arrancados dela, pela morte, na infância. Em julho de 1542, ela ficou muito doente, e Calvino ficou grandemente alarmado. Ele escreveu a Viret: "Estou sofrendo de grandes ansiedades".

No mês seguinte, o seu bebê recém-nascido faleceu. Grande foi o pesar de Calvino. Escrevendo a Viret, ele diz: "Saudai a todos os irmãos – saudai também a sua esposa, a quem a minha envia o seu agradecimento pela doce e santa consolação que dela recebeu. Ela gostaria de escrever isso com suas próprias mãos para confirmar, mas ela mal teve forças para ditar algumas poucas palavras. Ao levar o nosso filho, o Senhor tem dolorosamente nos golpeado, mas Ele é o nosso Pai. Ele sabe o que é mais adequado para os Seus filhos". Desse modo escreveu Calvino, e me surpreende que, ainda assim, ele seja tido como alguém cujo coração estava na cabeça, ou que não possuía sentimentos carinhosos e profundos.

Dois anos depois, outro dos filhos que ela deu à luz veio a falecer, uma menina ainda bem pequena. E no outro ano, um outro bebê faleceu. Assim como a Raquel dos antigos, Idelette pranteou; no entanto, diferentemente de Raquel, ela não recusou ser confortada, pois o seu consolo era que eles estavam com Cristo, o que é incomparavelmente melhor. Estes sofrimentos se tornaram ainda maiores em virtude dos católicos atribuírem a morte dos seus filhos ao castigo divino por eles serem hereges. Calvino e a sua esposa suportaram estas acusações com mansidão, e Calvino respondeu a eles que, embora não tivesse nenhum filho natural vivo, ele possuía miríades de filhos espirituais ao redor do mundo cristão.

A vida de casada de Idelette durou apenas nove anos. Ela nunca foi muito saudável. Em 1549, era evidente que sua saúde estava ficando cada vez mais debilitada. Por três anos, ela sofreu de uma febre, a qual, juntamente com os seus demais sofrimentos, havia lhe abatido completamente. Calvino escreveu para Viret: "Eu temo um término fatal. Mas pode ser que o Senhor nos mostre ainda um semblante mais favorável". Contudo, os seus temores provaram ser verdadeiros. Embora a sua esposa tivesse um excelente médico, Textor, um refugiado e grande amigo pessoal de Calvino, ainda assim, todos os seus esforços não foram suficientes para frear a doença.

Ela foi gradualmente piorando, e por volta do dia primeiro de abril, o seu estado se tornou tão sério que toda esperança de cura se evadiu. Beza e outros amigos de Calvino, logo que souberam do fato, se apressaram em ir até lá para confortá-lo. À medida que ela se aproximava da morte, apenas uma coisa parecia atormentá-la – os seus filhos, do seu casamento anterior com Storder. Calvino, percebendo que ela estava angustiada, e adivinhando que essa era a razão das suas preocupações, prometeu que cuidaria deles como se fossem os seus próprios filhos. Ao que ela replicou: "Eu já os entreguei nas mãos do Senhor, mas fico muito aliviada em ouvir o que já sabia, que você não abandonará aqueles a quem eu tenho confiado ao Senhor". Tendo esta última preocupação retirada da sua mente, ela calmamente esperou pela morte. Embora sofrendo bastante, a sua face revelava a doçura da paz que reinava em seu interior.

O seu antigo pastor, Borgonius, que a visitou na véspera da sua partida, falou da simplicidade da sua fé e da sua elevada esperança como verdadeiramente edificantes. "Ó gloriosa ressurreição!", ela exclamou enquanto ele falava, e ainda: "Ó Deus de Abraão e

de todos os nossos pais: os fiéis de todas as gerações têm confiado em Ti, e nenhum deles foi jamais decepcionado. Eu, também, confio em Ti em todo o tempo". Às seis horas, tendo os seus amigos transportado-a para outro leito e estando ela se sentindo muito fraca, disse: "Orem, meus amigos; orem por mim". Calvino se aproximou dela; ela ainda o reconhecia. Ele falou a ela da graça de Cristo e da força que era aperfeiçoada na fraqueza. Ele a relembrou (embora a sua voz falhasse ao fazer isso) da bendita eternidade de alegria na qual ela estava prestes a adentrar. E então ele orou com ela, confiando-a ao Senhor, em Quem ambos criam. Por volta das nove horas do dia 5 de Abril de 1549, ela cessou de respirar, mas expirou tão pacífica e calmamente que aqueles que a assistiam junto ao leito acharam que ela havia apenas adormecido.

Calvino, escrevendo acerca dela para Farel e Viret, diz: "Eu perdi aquela que nunca teria me abandonado, fosse em exílio, ou na miséria, ou na morte. Ela foi uma preciosa ajuda para mim, e nunca se ocupava demais consigo mesma. A melhor das minhas companhias foi tirada de mim". E sete anos depois, ao escrever para Valenville, um pastor francês em Frankfurt, que também perdera a esposa, ele diz: "Eu sei, por experiência própria, quão dolorosas e devastadoras são as feridas causadas pela morte de uma excelente esposa. Quão difícil tem sido para mim governar os meus sofrimentos". Calvino, por mais que os seus deveres o pressionassem agora mais do que nunca, nunca esqueceu Idelette – e nunca, nem por um só momento, pensou em preencher o seu lugar casando-se novamente. Sempre que ele pronunciava o seu nome, o tom da sua voz e a sua expressão revelavam o quão preciosa ela havia sido para ele. Se o seu esposo, que era quem melhor a conhecia, pôde assim reverenciá-la e honrá-la, cabe a nós, então, honrar a sua memória como uma das mais verdadeiras e piedosas dentre as esposas dos reformadores – uma companheira à altura para Catharine Von Bora, esposa de Lutero, e para Anna Reinhard, esposa de Zwínglio.



IDELETTE D'BURES, ESPOSA DE JOÃO CALVINO

Anna Bullinger

Esposa de Heinrich Bullinger

Duas mulheres da Igreja Reformada são praticamente desconhecidas da grande maioria dos cristãos. Contudo, são especialmente dignas de nota, pois foram as Martas dos seus dias. Assim como Marta estava ocupada preparando uma recepção digna para Cristo em sua casa, assim também estas mulheres, não podendo receber a Cristo pessoalmente como Marta o fez, ocuparam-se diligentemente em receber os seus seguidores, e ao fazerem isso, foi como se o tivessem recebido pessoalmente. Trata-se da esposa de Zell, o primeiro reformador de Estrasburgo, que acolheu a Bucer, Calvino, Farel e muitos outros em seu lar, e também de Anna Bullinger. Os seus lares se tornaram verdadeiros abrigos, onde os refugiados protestantes encontraram segurança e a mais carinhosa recepção.

O nome de solteira de Anna Bullinger era Adlischweiler. Não sabemos ao certo a data do seu nascimento, mas foi provavelmente por volta de 1504. O seu pai morreu numa batalha quando ela tinha apenas oito anos de idade. A sua mãe, em sua cegueira romanista, pensando estar fazendo um serviço a Deus, levou sua filha e a entregou à Igreja, internando-a no convento de Oedenbach, em Zurique, onde ela se tornou freira. E como a própria mãe encontrava-se enferma, desejando ficar perto da filha, passou ela mesma a morar no convento.

No entanto, enquanto elas estavam vivendo a vida acomodada da clausura, coisas inusitadas estavam acontecendo do lado de fora, em Zurique. A Reforma havia chegado! A pregação de Zwínglio havia tomado conta da cidade e o evangelho estava sendo pregado nas igrejas e em todo canto, de modo que só havia um lugar onde o evangelho não era ouvido: o mosteiro de Oedenbach. Finalmente, o conselho municipal de Zurique, insatisfeito que, de todos os habitantes da cidade, somente as freiras ali dentro fossem as únicas impedidas de ouvir as boas novas, ordenaram a Zwínglio que fosse até lá, em 1522, e pregasse no convento. A esse chamado ele respondeu alegremente e pregou um memorável e impressionante sermão acerca da "Clareza e Veracidade da Palavra de Deus".

Este sermão teve um efeito duplo. Algumas freiras foram ganhas ao Evangelho, mas outras se rebelaram grandemente contra a mensagem. Como a discórdia se espalhou entre os adeptos e os oponentes de Zwínglio, o conselho municipal finalmente se viu forçado a proibir os Dominicanos (que eram os guias espirituais do convento) de entrar ali, e ordenou que Zwínglio e Leo Judá assumissem o cuidado espiritual das internas que lá residiam. Contra isso, os monges e algumas das religiosas protestaram, mas seu

protesto foi em vão.

O conselho, então, concedeu liberdade às religiosas: se qualquer uma desejasse, poderia deixar o convento levando todos os seus pertences. Foi o que muitas fizeram e várias das que saíram, vieram a casar-se posteriormente. Já àquelas que desejavam ficar, foi-lhes permitido permanecer, contanto que não mais usassem as vestimentas de freira. Logo após essa decisão, Anna foi a única freira remanescente no convento, exceto por uma outra religiosa idosa. Contudo, é bom salientar que ela não teria permanecido ali, não fosse por amor à sua mãe doente, já que havia sido ganha pela pregação de Zwínglio.

Aconteceu, porém, um dia, que Leo Judá – designado como capelão do convento – recebeu a visita do jovem Henry Bullinger. Ao conhecê-la, o coração de Bullinger se encheu de afeição por ela, e pouco tempo depois, ele lhe escreveu uma carta, pedindo-a em casamento. A sua carta é a mais antiga carta de amor – dos Reformadores – ainda existente. É uma longa carta[1], cobrindo quatorze páginas e meia, e pela sua pureza e amor cristão, pode bem servir como modelo a todos os que desejarem fazer propostas de casamento (exceto pelo fato de ser longa demais!).

Nela, Bullinger descreve a sua condição física, material, os seus meios, e eloqüentemente sumariza tudo isso dizendo: "Mas para que são necessárias tantas palavras! A suma de tudo isso é que o maior e mais seguro tesouro que você encontrará em mim é o temor a Deus, a piedade, a fidelidade e o amor, os quais eu alegremente demonstrarei; e o labor, a sinceridade e a dedicação não faltarão nas coisas temporais. No que concerne à alta nobreza e aos milhares de florins (moeda holandesa), eu nada tenho a dizer. Mas sei que o que é necessário para nós, não nos faltará. Pois Paulo diz: 'Porque nada temos trazido para o mundo, nem coisa alguma podemos levar dele. Portanto, tendo sustento e com que nos vestir, estejamos contentes'"[2].

Dez dias após ter enviado seu pedido de casamento, Bullinger recebeu a resposta de Anna, que foi afirmativa. Mas como a sua mãe se opunha ao casamento, e além disso, estava muito doente, ela desejou que o casamento fosse adiado, a fim de poder permanecer no convento cuidando da mãe. Bullinger aproveitou esse tempo, utilizando-o para prepará-la, por meio de cuidadoso ensino, para a sua futura posição como sua esposa. Ele escreveu um pequeno livro intitulado: Quanto à Educação Feminina, e a Como uma Filha Deve Guiar a sua Conduta e a sua Vida. Tendo a sua mãe falecido, eles se casaram em 1529.

Durante o ano anterior, Bullinger havia sido licenciado pelo Sínodo de Zurique como ministro, e aceitado o pastorado em Bremgarten, onde o seu pai havia servido como pastor. Duas filhas lhes nasceram ali, e grande foi a alegria do casal. Mas não tardou que

viesse o sofrimento. A derrota de Zurique em Cappel, em 11 de outubro de 1531, (na batalha na qual Zwínglio perdeu a vida) tornou tudo muito perigoso para eles, especialmente para Bullinger, visto que as milícias romanistas não tinham qualquer misericórdia para com os ministros protestantes. Então, na noite de 20 de novembro, Bullinger fugiu para Bremgarten, juntamente com o seu idoso pai e um irmão.

Eles mal haviam deixado a cidade quando os soldados católicos a invadiram e tomaram de assalto a casa de Bullinger, alojando trinta soldados na casa de Anna, que havia sido deixada ali com as suas duas crianças. Ela viu que não poderia permanecer ali, e então determinou fugir também. Ela tinha como criada uma mulher que, pela sua fidelidade, se tornou uma figura histórica. O seu nome era Brigitte. Ela havia servido à família por muitos anos, e não por dinheiro, mas por amor, pois o seu lucro anual era de quatro florins (em torno de dois dólares) e um par de sapatos, mas ainda assim, ela serviu à família durante trinta e cinco anos! Anna, deixando o cuidado da casa com esta serva fiel, fugiu com as duas crianças, uma de um ano e meio de idade, e outra de apenas seis meses. Quando ela chegou ao portão da cidade, o encontrou fechado e o guarda não queria abri-lo, mas impulsionada pela força super-humana de uma mãe, ela arrancou dele a chave, abriu o portão e fugiu. Grande foi a alegria do seu esposo – que estava em Zurique – quando ela chegou em segurança, juntamente com as suas filhas pequenas, e grande o contentamento deles em encontrarem refúgio ali.

Mas a realidade é que ninguém estava a salvo, pois após a derrota de Cappel e a morte de Zwínglio, sobreviera tal reação em Zurique, que mesmo Leo Judá, o amigo mais chegado de Zwínglio, tinha receio de sair às ruas e se expor, o que fazia com que sua esposa temesse pela sua vida. A igreja de Zurique estava procurando por um sucessor para Zwínglio. Os amigos de Bullinger – Leo Judá e Myconius – conseguiram fazer com que ele pregasse na catedral da cidade. E tão enérgico e eloqüente foi o seu sermão que as pessoas diziam que ele era um Zwínglio ressurreto dos mortos. A cidade de Zurique, descobrindo que ele havia sido convidado para assumir o pastorado em Basiléia, Berna e Appenzell, se apressou em elegê-lo, embora ele tivesse apenas vinte e sete anos de idade.

Grande foi a honra concedida a ele, mas também grande era a sua responsabilidade. Sua nova posição trouxe muita dignidade à sua esposa, mas também muitos cuidados. Não meramente a sua família crescia quase anualmente pelo nascimento de uma nova criança – até atingir o número de onze filhos – mas também, como a esposa do cabeça da igreja, ela tinha de receber e recepcionar muitos visitantes em sua casa. O pai e a mãe de Bullinger também moraram com eles até morrerem. Bullinger ainda, com muita gentileza, recebeu em sua casa a esposa e os filhos do seu antecessor Zwínglio, e cuidou deles como cuidava da sua própria família.

Ele recebeu, também, no seu lar, o jovem Rudolph Gualther e o educou. Foi uma bondade dignamente recompensada, visto que Gualther depois se tornaria o seu sucessor como Antistes (nome que designava o cabeça da igreja, naquela época, na Suíça). Bullinger era muito atencioso para com os jovens, e quando encontrava algum com uma

mente brilhante e inclinações espirituais, ele, às suas próprias custas, o recebia em sua casa e o educava. Assim, além de Gualther, ele ainda acolheu Henry Lavater, Josiah Simler dentre outros, e em 1531, dois meninos poloneses juntamente com o seu tutor, em sua família. Desse modo, a família de Anna Bullinger cresceu bastante e as suas responsabilidades também. O mais impressionante é que ela conseguia fazer isso com o pequeno salário de 700 Pounds[3]. Portanto, grande economia – e sabedoria – era necessária para alimentar e vestir a tantos na família.

Muito típica foi a carta que Bullinger escreveu ao seu filho mais velho em Estrasburgo, datada de 20 de dezembro de 1553: "A sua mãe arregala os olhos quando você diz que já vai precisar de um outro par de sapatos para o inverno. Mal fazem quinze semanas desde que partiu, quando levou três pares com você: o vermelho, o cinza e o preto. Nessa proporção, você precisará de seis pares de sapato por ano, enquanto eu me arranjo – mais do que suficientemente – com dois." Então, depois disso, Bullinger dá ao seu filho o seguinte conselho: "Não deixe que os seus sapatos se desfaçam em pedaços, mas conserte-os à tempo". Três meses depois, ele elogia o filho pela sua economia.

Com o seu pequeno salário, Bullinger não poderia ter sustentado tanta gente, não fosse pela boa administração que Anna fazia de seus poucos recursos. E Anna não poderia ter realizado o que realizou, sem o auxílio e assistência da mãe de Bullinger e de Brigitte, que havia se tornado muito mais uma companheira da família do que uma serva. Bullinger, ao escrever para o seu filho Henry em Estrasburgo, em 1556, diz: "As suas cinco irmãs o saúdam, e especialmente Brigitte, que envia a você o presente de três groschen (moeda austríaca)". Brigitte pode bem ser chamada de a serva-modelo da Reforma. Ela nunca pensaria que seria mencionada 350 anos depois do seu bondoso ministério no lar de Bullinger; mas a sua fidelidade é digna de ser lembrada, e a sua vida mostra como alguém de baixa posição social – uma simples criada – pode receber tal recompensa meramente pela sua fidelidade, ao servir não por dinheiro, mas por amor.

E assim, Bullinger, assistido por sua esposa, foi capaz de realizar tanto, com tão poucos recursos. E não foi somente a falta de recursos que se constitui nos cuidados e preocupações que sobrevieram a Anna. A sua casa não era apenas um lar para os desabrigados, mas tornou-se praticamente um tipo de alojamento, pois para ela se dirigiam refugiados provenientes de todo lugar. Zurique era um asilo para os reformados perseguidos em outras terras, e isso ocorreu devido à grande cordialidade de Bullinger para com os refugiados.

Primeiramente, em 1542, vieram os reformados italianos, expulsos pelas perseguições da inquisição, como Pedro Martyr, Bernardo Ochino, Celio Curione, e outros – homens eruditos e eloqüentes. Curione escreveu uma carta de agradecimento, na qual ele chama Bullinger de Bispo, segundo a descrição dada pelo apóstolo Paulo, dizendo: "A sua gentileza e o seu cuidado cristão por nós durante a nossa estadia em sua casa me obriga a demonstrar-lhe a minha mais profunda gratidão. Saudai por nós, de todo o nosso coração, a sua esposa, que se mostrou tão bondosa e cheia de amor em seu serviço".

Depois vieram os refugiados de Locarno, nas fronteiras do sul da Suíça. Beccaria havia fundado ali uma igreja reformada, e ela havia crescido, estando com cerca de duzentos membros. A sua prosperidade incitou os seus vizinhos católicos contra eles, e foi decidido, em 24 de novembro de 1555, que todos os que não retornassem à fé Romana deveriam deixar a cidade. Então, em 3 de março de 1556, eles fugiram cruzando os Alpes nevados, e um número de cento e dezesseis pessoas chegaram a Zurique em 12 de maio. Ali, eles foram alegremente recebidos pelo povo, e especialmente por Bullinger. Ele e sua esposa serviram de exemplo e demonstraram de forma inequívoca a verdadeira hospitalidade cristã. Grande foi o cuidado e a ansiedade dela para com os refugiados, os quais haviam deixado tudo por amor ao evangelho.

E quando o fogo da perseguição irrompeu na Inglaterra, em 1550 (sob o reinado de Maria, a Sanguinária), Bullinger e a igreja de Zurique alegremente receberam os refugiados ingleses. Mesmo antes disso, ainda em 1536, Cranmer, o arcebispo de Canterbury, havia enviado três jovens para serem educados em Zurique, um dos quais Bullinger recebeu em seu próprio lar, e no próximo ano, recebeu a outro. Quando eles partiram, mantiveram correspondência com ele. Um deles, Partridge, repetidamente expressava a sua gratidão a Bullinger e à sua esposa, a qual havia se tornado como uma mãe para ele. Em 1546, Hooper, futuro bispo e mártir da Igreja da Inglaterra, veio a Zurique e foi recebido por Bullinger em sua casa, onde teve uma filha também batizada por ele. Após o seu retorno à Inglaterra, ele escreveu a Bullinger expressando a sua grande gratidão tanto a ele quanto à sua esposa, pela hospitalidade do casal.

Quando a perseguição de Maria se acirrou na Inglaterra, a mesa de Bullinger tornou-se repleta de refugiados, e sua esposa estava sempre preocupada em como prover para todos. O conselho da cidade de Zurique fundou uma escola para a educação de doze alunos ingleses para o ministério, dos quais cinco vieram a se tornar bispos. Todos eles, posteriormente, vieram a expressar sua maior gratidão a Bullinger e à sua esposa, pela gentileza que eles demonstraram ao recebê-los em sua casa. Eles também enviaram presentes a Zurique, como símbolo da gratidão pela bondade evidenciada a eles. Há ainda hoje, em Zurique, três grandes taças de prata polida, as quais três desses bispos, Jewel, Horn e Parkhurst, presentearam a igreja de Zurique. E há ainda uma taça de fina manufatura, com a qual a Rainha Elizabeth presenteou Bullinger, como um sinal da sua gratidão. E não foram estes todos os refugiados recepcionados por Bullinger e sua família. Quando as guerras na Alemanha se intensificaram contra os protestantes, alguns deles encontraram refúgio em Zurique, como Musculus e Cellarius. Musculus, em uma carta enviada de Berna, agradece a Bullinger pela sua hospitalidade e também à sua esposa pelo conforto que haviam recebido dela na carta que enviara à esposa dele.

E assim, Anna Bullinger foi um anjo a serviço dos refugiados. Muitas foram as suas preocupações e as suas responsabilidades, das quais todos estes dão testemunho. Além

dos refugiados, muitos outros visitantes ilustres foram recebidos pelo casal, tais como Calvino e Farel de Genebra, e também Bucer e Capito de Estrasburgo; bem como Portalis, embaixador do rei de Navarra, e as nobres famílias de Wurtemburg e Schaumburg, que chegaram também como refugiados. Todos estes foram, por algum tempo, recepcionados pela família de Bullinger, ou mantiveram relações sociais com ela.

O lar de Bullinger não foi um refúgio somente para os estrangeiros, mas também para os pobres da sua própria terra. Assim, Fabrícius, o reformador de Chur, fala de um parente distante que se encontrou pobre e sem ninguém para ajudá-lo em Zurique, sendo então, tomado por Bullinger em seu próprio lar, mantendo-o ali por um tempo como membro da sua família. Uma correnteza contínua de belos dons fluía das mãos de Anna Bullinger para as cabanas dos pobres e acalmava o pesar de muitos. Ela provia para os doentes e necessitados comida, bebida, vestimentas, dinheiro e, na verdade, todo o necessário. Ela uniu-se às senhoras da liderança de Zurique, às esposas dos ministros (como de Leo Judá, Pellican, Pedro Martyr e outros) nesses labores de amor.

Não é de admirar, portanto, em vista de todas estas coisas, que ela fosse conhecida em Zurique pelo nome tão descritivo do seu caráter: "Mãe". E também em terras estrangeiras, pelos ingleses, italianos, holandeses e alemães, ela foi chamada pelo título de "A Mãe de Zurique". Anna foi uma verdadeira boa samaritana até a sua morte, em 1564. Quando o seu esposo foi atingido por uma praga que irrompeu na cidade, todos acharam que ele morreria. Durante a sua doença, Anna, esquecendo-se de si mesma, se desdobrou em seus cuidados por ele até que melhorasse. Mas ela o fez às custas da própria vida. Pois, enquanto ele se recuperava, ela adoeceu gravemente e veio a falecer. Zurique pranteou por ela, e a sua memória permanece para os Reformados como uma bela inspiração para atos de amor e caridade. "Bem-aventurados os mortos que, desde agora, morrem no Senhor. Sim, diz o Espírito, para que descansem das suas fadigas, pois as suas obras os acompanham."[4]



ANNA BULLINGER

[1] Ver "Heinrich Bullinger und seine Gattin", por Christoffel, p. 21.

[2] 1 Timóteo 6: 7,8.

[3] É verdade que Bullinger tinha alguns outros rendimentos, mas o total não

ultrapassava a quantia de 900 Pounds.

[4] Apocalipse 14:13.

CAPÍTULO II:
REFORMA NA ALEMANHA

Katharine Zell

Esposa de Mathias Zell

Dentre as mulheres da Reforma, nenhuma merece maior crédito pelas suas posições do que esta que é tema deste capítulo. É verdade que ela teve os seus defeitos – quem não os têm? –, mas podemos dizer que estiveram relacionados mais ao excesso de suas virtudes do que por qualquer outra razão, visto que ela possuía um caráter forte e uma firme personalidade. Ela excedeu a todas como mãe dos refugiados e, com o seu afetuoso coração, os acolheu em sua casa, de modo que esta se tornou um verdadeiro "hotel" para perseguidos religiosos durante toda a sua vida.

Katharine Schutz (pois este era o seu nome de solteira) nasceu em 1497, em Estrasburgo. Ela viera de uma proeminente família de artesãos, e felizmente, pôde receber dos seus pais uma excelente educação, que cuidadosa e sabiamente utilizou em favor da sua amada fé. Durante a sua infância e dias de escola, muitas mudanças foram acontecendo em Estrasburgo. Gradualmente, as doutrinas da Reforma foram influenciando o povo como fermento. Por volta de 1518, Matthew Zell foi chamado para ser o pregador na grande catedral da cidade, e ele logo começou a pregar o puro Evangelho. Isto causou uma grande excitação.

O arcebispo romano, porém, debaixo de cujo cuidado estava a catedral, recusou-se a permitir que ele utilizasse o púlpito novamente, trancando-o à chave. Então, estando o púlpito vedado a Zell, seus amigos confeccionaram um outro púlpito de madeira, e o carregaram para dentro da igreja, e foi deste púlpito que ele pregou para multidões de pessoas que lotaram aquela enorme igreja. Como resultado, a maioria da cidade se tornou Protestante, sob a influência da sua pregação. Entre os seus ouvintes estava a sua futura esposa, Katharine Schultz, a qual prontamente aceitou os seus ensinamentos com toda a sinceridade do seu caloroso coração e da sua natureza.

O seu casamento com Zell ocorreu em 3 de dezembro de 1525. Martin Bucer (que foi um reformador posterior a Zell em Estrasburgo, visto que Zell foi o primeiro reformador desta cidade) foi quem realizou o casamento. E no encerramento da cerimônia, eles celebraram a Ceia do Senhor na grande catedral, segundo o modelo reformado. Aquele imenso prédio estava repleto especialmente de homens, que ali compareceram para mostrar, por meio da sua presença, a aprovação que davam ao casamento de um pastor como Zell.

Ela provou ser uma piedosa, ocupada e discreta esposa, e da mais abundante conformidade e harmonia para com o seu esposo. Por esta unidade de sentimentos entre os dois ela sempre agradeceu a Deus, e falava acerca do seu esposo e de si mesma

freqüentemente como "sendo uma só mente e uma só coração". Ela diz: "O que nos uniu e nos manteve juntos não foi prata ou ouro. Nós dois possuíamos algo mais elevado: 'Cristo foi o marco adiante dos nossos olhos'". Como ela tinha recebido uma boa educação, o seu domínio da Bíblia deu a ela um conhecimento profundo da religião. Tendo sido dotada de rara coragem e de grande eloqüência natural, ela possuía grande habilidade para defender os seus pontos-de-vista, fosse por palavras ou mesmo pela sua caneta, caso se fizesse necessário. O seu grande alvo era propagar o evangelho nos locais mais distantes. Algumas vezes, parecia até que ela se excedia nisso ao seu próprio esposo, de modo que ele parecia ficar ofuscado pelos seus talentos. Por esta razão, Bucer, dando de ombros, pôde dizer que ele era, até certo modo, governado pela sua esposa. Ainda assim, o próprio Bucer dá testemunho de que ela era "tão temente a Deus e tão corajosa como um herói". Ela mesma diz que gostaria de ser apenas uma auxiliadora do seu marido, e um "pequeno pedaço da costela do santo Matthew Zell".

A sua correspondência foi bastante numerosa e, nisso, ela era excelente. Logo após o seu casamento, veio a se corresponder com Lutero. Também trocou cartas com Zwínglio, e depois com Bullinger. Além disso, também encheu a sua vida com a prática de boas ações, ao cuidar, por exemplo, dos doentes e dos necessitados. E a este respeito, ela sobrepujou a muitos pelo seu cuidado com os refugiados que chegavam a Estrasburgo em virtude da perseguição católica. Ela diz: "Eu tenho recebido, desde o início do meu casamento, muitas pessoas extraordinárias e de boa educação em suas fugas, e os tenho confortado, como Deus ordenou: 'restabelecei as mãos descaídas e os joelhos trôpegos'".

Quando quinze respeitáveis homens tiveram de fugir de Baden por amor à sua consciência (dentre eles um velho e sábio chamado Doutor Mantel), Zell o levou para sua casa, e deu a ele um lar. Após esta gentil recepção, Mantel novamente caiu nas mãos dos católicos e foi aprisionado, permanecendo na prisão por quatro anos, durante cujo tempo, relata, as suas lembranças da bondade de Katharine Zell foram uma bênção para ele. Em 1524, 150 cidadãos foram arrastados, em uma noite, para fora da pequena vila de Kenzingen, em Breisgau, e chegaram a Estrasburgo. Zell recebeu oitenta deles em sua casa, e a Sra. Zell gentilmente cuidou deles, alimentando cinquenta a sessenta deles pelo período de quatro semanas.

Ela estava continuamente ocupada assistindo e dando atenção a tais refugiados, fosse por esforço próprio, fosse conseguindo outras pessoas para fazê-lo. Zell se deleitava nestas obras de amor cristão de sua esposa. Muitos (e muitos mesmo!) eram os refugiados que recebiam calorosas boas-vindas em sua casa. Entre estes, Heilandt, da cidade de Calw, em Wirtemberg, que permaneceu ali até encontrar um cargo em Estrasburgo. Quando, em 1543, um número de eruditos pobres se reuniu ali, ela foi incansável em preparar refeição para todos. Ela passou a fazer coletas para eles e os ajudou a conseguir abrigo no mosteiro de Williams.

Assim ela recepcionou a muitos dos maiores reformadores que chegavam como refugiados. Quando Bucer, o grande reformador de Estrasburgo, veio foragido de Weissenburg, ele encontrou um lar e um refúgio na casa da Sra. Zell. E novamente, quando Calvino veio foragido da França, tendo tido todo o seu dinheiro roubado no caminho, foi a Sra. Zell quem deu a ele calorosas boas-vindas ao redor da sua lareira. Um período peculiarmente brilhante da sua vida foi o ano de 1529, quando a conferência entre Lutero e Zwínglio em Marburg trouxe tantos ilustres reformadores a Estrasburgo. Assim como a ocupada Marta dos antigos recepcionou o seu Salvador da melhor forma possível em Betânia, assim também ela empenhou-se em acolher estes nobres seguidores de Cristo. Ela declarou: "Eu tenho sido, por quatorze dias, serva e cozinheira, enquanto homens extraordinários como Ecolampadius e Zwínglio estavam aqui".

O seu esposo era mais inclinado à quietude e à paz, embora não faltasse nele coragem pela verdade, como demonstra a sua ousadia no fato de ter sido o primeiro pregador do Protestantismo em Estrasburgo. Ainda assim, enquanto ele era mais inclinado a manter a calma e a paciência em controvérsias que enfureciam os protestantes ao seu redor, ela era mais inclinada às disputas, e com destreza utilizava a sua caneta em prol da verdade e da paz sempre que achava ser necessário. Ela chegou até a escrever para Lutero pedindo-lhe que tratasse os suíços com um pouco mais de delicadeza na controvérsia com relação à Ceia do Senhor. Lutero respondeu a ela com muita polidez e delicadeza.

Após a Concórdia de Wittemberg, em 1536, ter trazido paz entre Lutero e os suíços, Zell empreendeu uma jornada a Wittemberg, acompanhado de sua esposa, e desta viagem ela fala com muito entusiasmo. Mas ao mesmo tempo em que ela foi convicta e leal à verdade, foi bastante liberal com relação às suas simpatias mesmo para com os Schwenkfelders e os Anabatistas. Quando Schwenkfeld, um nobre silesiano, veio a Estrasburgo como refugiado em 1528, ele foi recebido com muita gentileza em sua casa. E quando os jovens ministros de Estrasburgo o atacaram por seus erros teológicos, ela o defendeu em uma carta pública. Eles, em resposta, repreenderam a "Sra. Doutora Katharine", como eles a chamavam, pelos seus "caprichos mentais e obstinação" e a aconselharam, antes, a "concentrar-se em sua máquina de fiar e no amparo aos doentes", ao invés de se engajar em conflitos teológicos que pertenciam, na realidade, à liderança da igreja. Mesmo depois que Schwenkfeld deixou Estrasburgo, ela continuou a manter correspondência com ele.

Ela foi autora de um grande número de obras. Desde 1524, ela defendeu a conversão de Zell ao Protestantismo, e depois, o seu casamento com ela. Naquele ano, também, ela publicou um trabalho de conforto "às suas irmãs perseguidas na congregação em Kezingen", cujos esposos haviam sido levados pelos austríacos, havendo fugido para Estrasburgo. Em 1534, ela escreveu uma introdução para um hinário. Os seus grandes labores foram pesando com a idade, no entanto, ela ainda era vigorosa quando o Senhor

tomou para si o seu esposo em 9 de janeiro de 1548.

Na última noite da sua vida, ele a chamou e pediu que desse o seu último recado aos seus pastores assistentes, e pedisse a eles que "deixassem os anabatistas e os Schwenkfelders em paz, e que pregassem a Cristo ao invés de persegui-los". Aconteceu que o funeral de Zell ocorreu no dia em que os cidadãos renovaram os seus juramentos à cidade e elegeram os seus magistrados, e então três mil homens seguiram o seu marido ao túmulo. Após Bucer ter pregado o sermão do funeral, e a maioria das pessoas já haver retornado para os seus lares, ela fez um discurso aos amigos mais íntimos, no qual falou acerca dos labores piedosos do seu esposo e transmitiu a eles as suas últimas palavras de amor, incitando-os à paz, e a deixarem de perseguir os Anabatistas e os Schwenkfelders. Os magistrados, por consideração ao seu esposo, permitiram que ela continuasse vivendo na grande casa pastoral da catedral, a qual ela, como "Mãe dos Reformadores" (como era chamada), havia consagrado por torná-la, tão freqüentemente, em um asilo espiritual para os refugiados.

Então, vieram dias muito pesarosos para ela, quando o Imperador tentou introduzir o Interim (1547), juntamente com os ritos romanos. Ela escreveu um livro, no qual lamentava a condição em que eles agora se encontravam, e implorou que a cidade de Estrasburgo permanecesse fiel a Cristo, e desistisse do Papa. Com a morte de Zell e a partida de Bucer para a Inglaterra, as circunstâncias mudaram muito em Estrasburgo. O luteranismo foi introduzido. Ela havia recebido em sua casa o sucessor do seu esposo, Rabus, o qual tornou-se o pregador mais popular da cidade. Embora ele houvesse sido treinado na família de Zell, agora começara a atacar as concepções e costumes de outros reformados e a estimular a introdução dos métodos luteranos. A Sra. Zell, porém, não era o tipo de mulher que se manteria em silêncio quando os atos e as visões do seu esposo estavam sendo atacados, e ela escreveu contra ele.

Ela, portanto, tornou-se a grande mulher defensora das visões reformadas na Reforma. Rabus respondeu a ela em 1557, de Ulm, onde foi posicionado. Ela contestou, em uma de suas cartas a toda a cidadania de Estrasburgo. A sua linguagem foi bastante severa e a sua defesa, muito eloqüente. Ela continuou a ser o refúgio dos perseguidos de todas as denominações. Assim, em 1549, quando Bucer e Fagius deixaram Estrasburgo e foram para Londres, antes de se despedirem dela, deixaram em suas mãos duas pepitas de ouro, com o pedido de que fossem utilizadas para o bem dos refugiados, quando fosse necessário. Este foi um belo tributo desses grandes reformadores reconhecendo a sua bondade para com os refugiados.

Em sua resposta a eles, ela diz que tinha vontade de fazer o que José fez aos seus irmãos – devolver o dinheiro. Contudo, expressou que havia chegado ao seu conhecimento o caso de um ministro sofrendo perseguição com os seus cinco filhos, e também um outro caso, com relação à esposa necessitada de um ministro, diante de cujos olhos o marido havia sido decapitado. Em ambos os casos, todos estavam passando por grande necessidade. Assim, a estes ela havia concedido uma das pepitas de ouro, e a outra

ela enviou de volta para Bucer e Fagius, achando que eles próprios poderiam precisar dela, como provavelmente aconteceria quando chegassem à Inglaterra.

E assim ela permaneceu em seus labores de amor até o final de sua vida. A data da sua morte não é exatamente conhecida. Ela ainda estava viva em 3 de março de 1562, pois esta foi a data em que enviou o seu pedido de desculpas a Lewis Lavater, de Zurique, por não ter respondido a sua carta, afirmando que "esteve, por muitos momentos, praticamente inválida pela sua longa doença, não podendo sequer segurar a caneta". Quanto tempo depois disso ela veio a falecer não é conhecido.

Tal foi a vida e o testemunho de uma das principais mulheres da Igreja Reformada nos dias da Reforma. Ela é digna de muito mais notabilidade do que o silêncio do passado tem dado a ela. De fato, pode-se dizer que ela merece o título de "Mulher Reformadora da Igreja Reformada" mais do que qualquer outra, com exceção, talvez, de Margaret Blaarer. Pois as esposas dos outros líderes reformadores, como Anna Zwínglio e Anna Bullinger, viveram vidas mais quietas, e se ocuparam principalmente dos seus deveres domésticos, enquanto que Idelette Calvino foi de certa forma eclipsada pela grandeza de seu ilustre marido.

Mas Katharine Zell se sobressai grandemente, tanto pela sua vida, quanto pelos seus escritos. Ela parece ter sido tão habilidosa quanto o seu esposo; no entanto, parece ter tido uma energia ainda maior. Ao mesmo tempo em que se excedeu na administração do seu lar e fez dele um deleitoso abrigo para todos os refugiados em sofrimento, ela também, com os seus escritos, habilidosamente defendeu as suas opiniões. A sua defesa dos Reformados contra os Luteranos faz com que ela se sobressaia dentre todas as mulheres da Igreja Reformada. Ela foi uma verdadeira teóloga, no melhor sentido da palavra, uma fiel reformada, uma generosa mulher e uma cristã piedosa.

Margaret Blaarer

Irmã de Ambrose Blaarer

Não foram apenas as esposas dos reformadores que deram uma grande contribuição para a Reforma, mas também as suas irmãs. Temos uma ilustração disso em Margaret Blaarer, a irmã de Ambrose Blaarer, o grande reformador de Constança e Wittemberg. Nesta cidade, Huss havia sido queimado na estaca, profetizando que a Reforma ressurgiria das suas cinzas. Em 1527, aquela cidade se reergueu – tal qual Fênix – para livrar-se da opressão de Roma. Encontramos ali cerca de vinte e três ministros pregando o evangelho nas igrejas locais: um evangelho do qual as imagens e os altares romanos foram expulsos e abolidos. Os padres e bispos católicos também acabaram fugindo, deixando a cidade. Nesta reforma, a família Blaarer foi grandemente usada por Deus. O reformador Ambrose havia sido um monge, mas deixou o mosteiro indignado com os vícios que ali encontrara. O seu irmão, Thomas, tornou-se prefeito da cidade e Margaret, veio a ser a grande figura feminina da Reforma na Suíça.

Muitas, no entanto, foram as dificuldades que se levantaram para impedir o avanço do movimento naquela região. Secas, pragas e terremotos vieram um após o outro. Durante todas estas provações, Margaret foi a excelente auxiliadora do seu irmão Ambrose. Ela era uma mulher intelectual, naqueles dias em que muito poucas mulheres recebiam educação formal. Ela lia os autores clássicos em suas línguas originais, mantinha correspondência com muitos eruditos em Latim e foi grandemente honrada como poetisa por Erasmus e Bullinger. Bucer, o reformador de Estrasburgo, tendo atendido à conferência de Berna em 1528, retornou com Blaarer à Alemanha pelo caminho de Constança.

Ali, ele veio a conhecer a irmã de Ambrose e, depois disso, manteve freqüente correspondência com ela, de modo que não menos do que setenta e nove cartas de Bucer para ela podem ser encontradas na biblioteca de Zurique. Ele se referiu a Margaret como "irmã" e "mãe", embora ele fosse três anos mais velho que ela. Ela pode realmente ser considerada como uma mãe para muitos, por causa das suas boas obras. Mas, acima de todos os seus dons, a sua piedade era o que mais resplandecia. Pois, embora tão honrada pelos homens e tão bem versada nas ciências da época, ela se vestia, diz o escritor: "com o maior ornamento da modéstia, de modo que não somente havia encontrado uma pérola de grande valor, mas era, em si mesma, uma valiosa pérola (este é o significado do nome Margaret) em virtude do esplendor da sua piedade e do seu exemplo de boas obras". E não somente isso, mas ela foi um verdadeiro adorno apara a sua cidade.

Margaret era incansável em fazer o bem. Ela ensinou muitas crianças pobres a ler. Muitas foram as viúvas e os órfãos que ela visitou em seu sofrimento. Enquanto o seu

irmão Ambrose empunhou a espada espiritual, a Palavra de Deus, e o seu outro irmão Thomas empunhou a espada da autoridade civil como líder da Reforma no conselho da cidade, o seu trabalho foi um labor quieto e silencioso de amor que alcançou a todos. A primeira sociedade de mulheres para cuidar dos enfermos foi organizada por ela; e com isto ela tornou-se a fundadora da primeira sociedade de mulheres da Igreja Protestante.

Quando a peste irrompeu em 1541, ela mostrou-se incansável em seus labores. Negando-se a si mesma, ela trabalhou em meio aos doentes, colocando em risco a sua própria vida. O seu irmão Ambrose assim escreveu a Bullinger em 5 de Novembro de 1541: "Margaret, a melhor das irmãs, se comporta como uma arqui-diaconisa de nossa igreja, expondo a sua própria vida ao perigo. Diariamente, ela visita as casas onde os enfermos da peste estão sendo cuidados. Ela acabou de tomar uma pequena menina, a qual já tem ajudado e apoiado durante dez anos, para morar em sua casa. Ore ao Senhor, eu lhe suplico, para que Ele não permita que ela, que é o nosso único conforto, seja arrancada de nós".

E o pedido de Ambrose foi atendido. Ela não morreu pela peste. No entanto, também não viveu muito tempo depois disso, pois veio a falecer de uma febre em 15 de novembro de 1541, à idade de 47 anos. Após a sua morte, Ambrose recebeu muitas cartas de condolências e pesar de todos os líderes da Reforma, tais como Bucer e Bullinger. Ambrose escreveu um belo hino por ocasião da sua morte, cheio de esperança cristã. Ele foi um dos mais antigos compositores de hinos dentre os reformados, visto que até 150 anos após a Reforma, eles cantavam principalmente os salmos.

Ela foi uma genuína irmã de misericórdia, não como uma freira enclausurada em um convento, mas uma irmã que adentrou a esfera muito mais ampla da vida cotidiana, ocupada em atos de misericórdia em toda oportunidade que encontrava. Se o seu irmão tem sido chamado de o "apóstolo de Wittemberg", ela pode muito bem ser chamada de o "anjo de misericórdia de Constança".

O momento de sua morte foi providencial. Foi bondade de Deus não permitir que ela vivesse por mais alguns anos, e visse a Reforma sendo expulsa de Constança, e o seu irmão Ambrose sendo compelido a fugir da Suíça para a sua segurança. Quando esta tempestade insurgiu em Constança, ela já estava a salvo, acima de todas as tempestades, no seio do seu Senhor no céu.

CAPÍTULO III:
REFORMA NA FRANÇA

Margaret de Navarra

Rainha de Navarra

A primeira princesa a se tornar reformada foi a Rainha Margaret de Navarra. Antes de qualquer outra dama da nobreza vir a tornar-se adepta da Reforma, ela o foi. As doutrinas reformadas, desde logo alcançaram a realeza e, assim como na época de Paulo, podiam-se encontrar santos na corte de César. Margaret foi uma marcante combinação de virtudes. Ela foi uma das mais belas princesas da sua época, e também das mais bem-instruídas. Muitos dos estadistas seus contemporâneos a consideravam como a mente mais privilegiada da Europa. Mas acima de toda a sua beleza e de todas as suas habilidades, brilhava a sua piedade. A beleza da sua alma chamava muito mais atenção do que a beleza do seu rosto. A ela, os reformados franceses deviam tudo, pois não fosse pela sua grande influência e proteção, eles teriam sido esmagados desde os primórdios da sua atuação ali.

Margaret nasceu em 11 de abril de 1492, em Angouleme. Em seus tempos de menina, havia um homem na França que pregava o Evangelho antes mesmo da época da Reforma. O seu nome era Lefevre, e ele pregava o evangelho desde 1512 (quatro anos antes de Zwínglio, e cinco anos antes de Lutero). Ele ensinava que Cristo era o único que podia salvar, e não a Igreja, e que a Igreja devia ser purificada. A sua pregação e as cartas do Bispo Briconnet ganharam Margaret, ainda jovem, à fé evangélica – embora ainda tenha permanecido como membro da Igreja Romana, visto que os Protestantes ainda não haviam formalmente se separado daquela igreja.

Ela tinha um irmão que se tornou Francis I, Rei da França. Ele não dava crédito à fé reformada (pois simpatizava mais com o a ala romana), mas era muito chegado à sua irmã. Quando um amigo reclamou para ele que Margaret estava inclinada ao Protestantismo, ele respondeu: “Se o que você diz é verdade, eu a amo demais para permitir que ela sofra qualquer problema por este motivo”. Frequentemente, ele dizia na presença dos inimigos dela: “Minha irmã Margaret é a única mulher, dentre todas as que eu já conheci, que possui toda virtude e toda graça, sem qualquer mescla de vício”. Assim, na corrupta corte de Louisa de Savoy, ela anunciava a Cristo com maravilhosa doçura, fazendo com que muitos da nobreza abraçassem a fé reformada.

A sua influência sobre o seu irmão foi utilizada para difundir e proteger o Protestantismo. Ela esperava que ele viesse a colocar a si mesmo como cabeça dos Protestantes, assim como o Imperador Charles V, da Espanha, havia se colocado como cabeça dos Romanistas. Ela tentou, de todas as maneiras, introduzir o protestantismo na corte. Um nobre alemão, o Conde de Hohenloe, que era um grande amigo seu, tornou-se

Protestante. Como ele era um alto dignitário da Igreja Romana, possuía grande influência; e como ele falava francês tão fluentemente quanto o alemão, esperava ganhar a França para a Reforma.

A rainha Margaret era a porta através da qual ele esperava que a Reforma viesse a adentrar a França. Foi com essa intenção que ele escreveu um livro intitulado The Book of the Cross ("O Livro da Cruz"), para ajudá-la nessa missão. Quando o seu irmão, Francis, retornou da Espanha, Margaret esperava que ele viesse a reunir em torno dela os amigos do Evangelho, e com esse intuito escreveu a Hohenloe. Ela esperava que Francis convidasse Hohenloe a vir a Paris, de modo que ele pudesse ter oportunidade de pregar o Evangelho ali. Mas ao retornar, para a sua grande surpresa e sofrimento, Francis proibiu os livros protestantes e cuidou para jamais dar a Hohenloe essa oportunidade. Tudo que Margaret podia fazer, e assim consolar-se a si mesma, era escrever alguns dos seus belos poemas religiosos, como o que segue:

"Ó Tu, meu Sacerdote, meu Advogado, meu Rei,
De quem depende a minha vida, o meu Tudo;
Ó Senhor, que primeiro bebeu o amargo cálice desta angústia,
E conhece o seu veneno – se é que homem algum jamais o conheceu-,
Estes espinhos, quão agudos; estas feridas, quão profundas –
Salvador, Amigo, Rei; Ó defende a minha causa, eu clamo;
Fala, socorre e salva-me, senão morrerei."

Em 1533, ela publicou um volume de poemas religiosos, intitulado "The Mirror of the Sinful Soul" (O Espelho da Alma Pecadora) – um comentário das seguintes palavras bíblicas: "Cria em mim, Ó Deus, um coração puro". Neste volume, ela se detém no grande sacrifício de Cristo pelo pecado, e nunca menciona as doutrinas romanas da intercessão dos santos, do mérito humano ou do purgatório. Essa omissão causou grande ofensa aos Católicos.

Ela foi, portanto, a primeira grande poetisa dentre os reformados. Eles se alegraram muito com a defesa dos seus princípios por uma pessoa que não era ninguém menos do que a própria Rainha; mas os Católicos ficaram tão furiosos que alguns dos seus estudantes encenaram uma peça alegórica, na qual ela era ridicularizada. Os seus poemas religiosos revelam grande beleza e habilidade, todos santificados por sua grande piedade.

Quando percebeu que não conseguiria mais utilizar a sua influência para introduzir o Protestantismo na França, ela a usou para protegê-lo, especialmente após o início das perseguições aos reformados. Durante as perseguições, sempre que estava em Paris, o seu irmão, por consideração a ela, não permitia que nenhum Protestante fosse condenado à morte. Os romanistas conspiraram contra ela, mas a sua instrução, piedade e benevolência, bem como a sua genialidade e beleza, providencialmente os impediram de

fazer-lhe mal.

Muitas e muitas vezes ela protegeu os reformados, e freqüentemente salvou as suas vidas. Certa vez, um jovem rapaz de qualidades raras, que tinha sido seu amigo na universidade, foi, durante um período em que ela estava ausente de Paris, preso e arrastado pelas ruas da cidade, seguido por uma imensa multidão, e lançado na prisão. A cela na qual ele foi colocado era um local úmido e inabitável. Não havia ali nem sequer um local onde ele pudesse sentar-se; havia apenas um lugar (visto que a cela estava, em grande parte, coberta de água) onde ele podia permanecer em pé ou apoiar as suas costas contra a úmida parede de pedras. Ali ele foi mantido sem luz, ar ou atenção alguma – exceto quando lhe davam alguma comida – durante três dias, até que se sentiu total e completamente exausto. Foi então que, finalmente, a porta da cela foi aberta e ele se viu livre.



RAÍNHA MARGARET DE NAVARRA ABRIGANDO REFUGIADOS EM NERAC

Ele sabia, em seu coração, que Margaret havia feito isso. Mas quando, com as suas vestimentas rasgadas e imundas, ele saiu – vacilante e trêmulo, por fraqueza e por falta de alimento – pelas ruas de Paris, nem mesmo os seus antigos amigos falavam com ele ou atendiam ao seu apelo por comida. Infelizmente, a perseguição havia endurecido os seus corações contra ele. Então determinou ir ao palácio e apelar à sua libertadora. Pondo-se como um mendigo diante dos portões do palácio – os quais ele havia, muitas vezes, adentrado com honra – escreveu um recado a ela, expressando a sua triste condição. Ela imediatamente ordenou que ele fosse levado à sua presença.

Quando ele chegou à sua sala elegantemente projetada e decorada, a encontrou em toda a sua resplandecente beleza e magnificência, cercada de embaixadores e autoridades. Logo que ele entrou, ela avançou ao seu encontro, o apresentou a todos os que estavam em sua companhia, e então o enviou a um aposento, onde tudo foi providenciado visando o seu conforto. Este fato demonstra o quão nobre e destemidamente ela se mostrou em face das perseguições. Parece-nos que, tão logo ela retornou à cidade e soube do aprisionamento deste homem, ela imediatamente foi ao seu irmão e, com lágrimas, implorou por sua libertação, defendendo a sua inocência. Francis atendeu ao seu pedido, pois para ele era difícil recusar uma solicitação de sua irmã. Este episódio fez com que os romanistas a odiassem mais ainda, caricaturando-a, em uma

peça, como uma bruxa montada em um cabo de vassoura. Contra este insulto, seu irmão prontamente demonstrou a sua indignação, ordenando que fosse posto um fim a esta encenação.

Marot, seu servo pessoal e o melhor poeta da época, também foi preso. Ele passou todo o tempo na prisão escrevendo poemas, e logo Margaret conseguiu libertá-lo também. Teria sido uma grande perda para a igreja reformada francesa se ela não tivesse conseguido libertá-lo, pois ele foi o autor da tradução francesa dos Salmos, os quais têm sido cantados naquela igreja pelos últimos três séculos.

Berquin, um dos mais instruídos dentre os nobres franceses, e um especial amigo de Margaret, foi outro a ser preso, em 1523, pelas suas idéias evangélicas, mas foi também libertado pela influência dela. Dois anos depois, Berquin foi novamente preso e severamente examinado em Sorbonne. Quando eles quiseram convencê-lo a objetar-se a algumas poucas coisas e a observar alguns dos ritos romanos a fim de salvar a sua vida, ele replicou: "Eu não retiro um único ponto de tudo o que tenho dito". Ele já esperava ser queimado em praça pública; mas eis que, novamente, Margaret intercedeu por ele, fazendo com que fosse libertado em 1526. No entanto, em 1529, Berquin, que aspirava resgatar a França do domínio papal, foi novamente detido e aprisionado. Margaret usou de todos os meios e esforços para tentar libertá-lo, mas foi tudo em vão, e para a sua grande angústia, ele foi executado em 22 de abril de 1529, vindo a tornar-se um mártir da fé reformada em seu país.

Quando reformadores, tais como Lefevre e Roussel, fugiram da França e se reuniram em Estrasburgo, ela se responsabilizou por trazê-los todos de volta. Foi até o seu irmão, que quase sempre estava pronto para atendê-la em tudo. Ela inclusive conseguiu que, em 1534 – como é tão maravilhoso relatar! – ele permitisse que Russel pregasse na principal igreja de Paris, a igreja de Notre Dame. No entanto, o povo acabou por imperdir que isso acontecesse. Ela ainda foi útil para fazer com que o seu irmão convidasse Melanchthon para vir à França.

Em 1527 ocorreu o seu segundo casamento, agora com o rei Henrique de Navarra. Esplêndido foi o casamento, mas ela descobriu que a sua vida de casada não consistia somente em felicidade, e a sua mente piedosa se voltou para o alto, na esperança de um casamento melhor, como escreveu:

Ó, que logo venha o dia, Senhor,
Tão almejado por mim,
Quando, pelos laços do divino amor
Eu serei atraída a Ti.
E, unidos em eterna vida,
Eu a esposa, e Tu o marido.
O dia deste casamento, Ó Senhor,

Meu coração tanto anseia ver,
Que nem a fama, riqueza ou posição
A mim poderão trazer.
Para mim o mundo não mais
Deleite algum pode render,
A menos que Tu, Senhor, comigo estejas,
Eis que tudo é noite e densa escuridão.

O reino do seu esposo não tinha sido exposto às doutrinas da Reforma. Ela começou, portanto, a espalhá-las pelo seu exemplo e influência. No entanto, seu esposo, sendo um romanista, não ficou satisfeito com isso, embora nada tenha dito para opor-se a ela, exceto em uma ocasião. Margaret costumava ter cultos evangélicos privados em seus aposentos, nos quais Lefevre ou Russel pregavam, e em um dia, eles ministravam o sacramento da Ceia do Senhor. Havia um salão subterrâneo no palácio, chamado de "Mint", debaixo do terraço do castelo. Ali, os seus servos, escondidos, colocaram uma mesa, a cobriram com um tecido branco, e sobre ela puseram um prato de pão e cálices de vinho. Margaret foi para lá e se uniu aos protestantes no seu culto de comunhão.

No entanto, embora isso fosse feito secretamente, as notícias logo se espalharam e chegaram aos ouvidos do rei, que ficou muito irritado com o que chamou de "os banquetes do porão". Um dia, ao retornar de uma caçada, perguntou por sua esposa. Quando disseram a ele que ela estava em seus aposentos ouvindo um pregador, ele foi ao seu encontro. O ministro e outros, tendo sido avisados, conseguiram escapar, porém, Margaret, ansiosa e tremendo, permaneceu ali sozinha esperando a sua chegada. O rei, tomado de ira, esbofeteou-lhe a face, dizendo: "Madame, você sabe demais!".

Este era um insulto muito grande para ser deixado passar sem maiores conseqüências. Ela logo reportou o ocorrido ao seu irmão. Que qualquer um viesse a pôr mãos violentas na sua bela e adorada irmã era demais para Francis, e ele imediatamente começou a se preparar para ir a Navarra, ameaçando guerra. As notícias da sua vinda encheram o rei de Navarra de temor. Ele implorou à sua esposa que o perdoasse, e chegou a ficar tão arrependido que não só prometeu permitir o culto Reformado, mas até prometeu investigar e se empenhar para conhecer as doutrinas reformadas. Este incidente levou à sua própria conversão, e assim, a fé reformada foi introduzida em Navarra, de modo que aquela nação veio a tornar-se um local de asilo para os reformados que fugiam da França.

Margaret convidou ao seu palácio, em Nerac, o líder dos Huguenotes[1], quando este foi expulso da França. À sua mesa, eles discutiam passagens das Escrituras, tendo a rainha como uma ouvinte que não somente se deleitava nessas conversas, mas que freqüentemente tomava parte nas discussões. Uma bela ilustração é contada acerca do último dia da vida de Lefevre. Diz-se que, enquanto todos os que lhe acompanhavam

estavam desfrutando com prazer suas refeições, Lefevre pareceu estar muito triste. Com dificuldade, ela conseguiu extrair dele a causa da sua tristeza. Ele disse que deveria partir em breve para encontrar-se com o seu Criador; e, embora houvesse vivido uma vida pura, ainda assim, enquanto muitos dos que seguiam os ensinamentos evangélicos haviam ousadamente defendido o Protestantismo, e até morrido por causa dele, ele, por sempre haver fugido da perseguição, nunca houvera firmado a sua posição por meio de uma pública ruptura com a Igreja de Roma. A rainha o confortou e ele pareceu ficar satisfeito. Depois disso, ele a nomeou como sua inventariante, e quando ela perguntou o que ele queria que ela fizesse, ele respondeu: "a tarefa de distribuir todos os meus bens aos pobres". Ela replicou: "Eu aceito a sua confiança e ela me é mais aprazível do que se o meu irmão houvesse deixado a mim todo o reino da França". Lefevre então se deitou para dormir, e faleceu enquanto dormia.

Logo antes da morte de Margaret, é dito que ela se conformou a algumas práticas católicas, mas a sua correspondência àquela época foi tão evangélica que irritou os católicos. Ela morreu em 21 de dezembro de 1548, regozijando-se na esperança. Na sua morte, ela clamou a Jesus, e não à Virgem, para salvá-la. Ela disse: "Estou certa, de que Deus levará avante a obra que Ele me permitiu iniciar, e o meu posto será mais do que bem preenchido por minha filha, que tem a energia e a ousadia moral que, temo eu, tem sido insuficiente em mim". Essa esperança que ela demonstrou em sua morte foi inteiramente cumprida por sua filha, Jeanne d'Albret – que bravamente pelejou as batalhas pelos reformados –, e também pelo seu neto, Henry, que se tornou rei da França e concedeu aos reformados o Edito de Nantes, permitindo a liberdade de culto na França.

[1] Denominação dada aos protestantes franceses (Nota do Revisor).

Jeanne D'Albret

Rainha de Navarra

Uma Joana D'Arc protestante foi esta nobre moça. Ela era a filha da rainha Margaret de Navarra. Contudo foi ainda maior que a sua mãe no que diz respeito à coragem e ousadia moral. A sua mãe apenas iniciou a Reforma, mas Jeanne foi a sua maior defensora militar. Ela nasceu no palácio de Fontainbleau, em 7 de janeiro de 1528. Era uma menina muito franca, aberta e destemida – a própria alma da verdade. Ela foi criada na França, longe de sua mãe e de seu pai (que viviam em Navarra), pois o rei da França queria manter o controle sobre a sobrinha. Ela estava cercada pelas influências romanistas, e na realidade, não foi sequer dada a ela a chance de conhecer o protestantismo enquanto era ainda menina.

Mas o rei da França logo descobriu que ela era dona de uma forte vontade própria. Antes que completasse os três meses de idade, o rei da Espanha havia pedido sua mão em casamento para o seu filho; e quando ela tinha por volta dos quatorze anos, seu tio determinou casá-la, mesmo tão jovem, com um príncipe alemão, o Duque de Cleve, em um casamento político. Mas o rei ficou muito surpreso quando descobriu que Jeanne havia se recusado veementemente a casar-se com o Duque. Ele tentou fazer com que o pai e a mãe da menina o ajudassem, mas todos os seus artifícios e até ameaças (como, por exemplo, de que ela seria açoitada até a morte), foram em vão para ela.

O rei também estava inflexível: ela tinha de casar! Então ela fez tudo o que estava ao seu alcance para impedir o enlace. Levantou dois protestos contra o casamento, declarando que estava sendo forçada a isso contra a sua vontade. Os processos foram abertos mas arquivados; contudo vieram a ser úteis posteriormente, como veremos mais adiante. Ainda assim, ela foi forçada a comparecer à cerimônia de casamento, em 1546. Porém, tão relutante ela estava que eles tiveram de carregá-la até o altar – uma noiva contra a sua vontade! Após o casamento, no entanto, o Duque foi para a guerra e foi então permitido a ela que retornasse para a casa de sua mãe; e foi ali que, pela primeira vez, ela entrou em contato com a fé reformada. Visto que o Duque de Cleve logo depois se voltou contra o rei da França, o seu casamento com ele foi anulado pelo Papa, em virtude dos processos que ela havia impetrado anteriormente e que haviam sido arquivados.



JEANNE D'ALBRET, RAÍNHA DE NAVARRA

Quando completou os vinte anos de idade, a sua beleza continuava atraindo muitos pretendentes. Ela é descrita como formosa, de feição generosa e aberta, e olhos cor de violeta. Dentre os seus pretendentes estava o príncipe de Bourbon, Antoine, duque de Vendome. Ela o aceitou como esposo. Quando o seu pai morreu, o rei da França queria apropriar-se do pequeno e montanhoso reino de Navarra que pertencia a ela; mas agora, pela primeira vez, Jeanne revelava a sua perspicácia e habilidade como estadista. Ela reuniu tropas e se preparou para a guerra. Felizmente, no exato momento em que estava correndo perigo de ser derrotada, o rei da França morreu, e a sua terra foi livrada do perigo.

Então, ela fez uma pública profissão da sua fé reformada perante o seu povo e o mundo, em Pau, capital de Navarra, em 5 de dezembro de 1560. Mas ainda assim, a França e os romanistas não estavam ociosos. Catarina de Médici, sua feroz inimiga, uma das mais desonestas e enganadoras mulheres que já existiu – a Jezabel de sua época – conspirou contra ela. Ela armou um plano para separar Jeanne do seu esposo, ganhá-lo novamente para a fé romana, e desse modo, conquistar o reino de Navarra para a França. Como Antoine era, à época, regente da França, e precisava estar naquele país, longe de Jeanne durante grande parte do tempo, havia o perigo de que este plano vil viesse a se consumar. Pobre Jeanne! O seu esposo foi enredado pelo inimigo e logo retornou para a fé Católica. E quando, depois disso, Jeanne visitou Paris, ele a tratou com desrespeito e tentou forçá-la a ir à missa. Mas ela não seria forçada contra a sua consciência!

Quando Catarina de Médici, agora empenhada em auxiliar o seu marido a tentar fazê-la desistir da fé reformada, pressionou-a, Jeanne nobremente replicou (ainda que estivesse, nesta época, com o coração partido pela infidelidade do seu esposo): "Madame, se eu tivesse, neste momento, o meu filho e todos os reinos do mundo sob o meu domínio, eu preferiria arremessá-los todos ao fundo do mar do que fazer perecer a salvação da minha alma". Os seus inimigos chegaram ao ponto até de intentar contra a

sua vida, um deles insistindo que ela fosse jogada de cima do muro para dentro do rio Sena. Vendo o perigo que estava correndo, ela pediu permissão para deixar a França. Essa permissão foi dada a ela, porém traiçoeiramente, pois foram urdidos planos para que ela fosse assassinada em seu caminho para casa. Ao partir e deixar o seu filho, a despedida foi de muita angústia e sofrimento. Ela temia deixá-lo para trás juntamente com os romanistas e os franceses, porém não lhe permitiram levá-lo. Ao partir, ela o fez prometer que nunca iria à missa, ao que ele, desmanchando-se em lágrimas, concordou.

Para recuperar a autoridade sobre a sua própria terra de Navarra, ela, com grande coragem e incomparável destreza, conduziu a sua pequena companhia de 200 soldados por uma terra cheia de inimigos, mas ao mesmo tempo, à medida que passava, recebia novos recrutas oriundos dos povoados por onde passava. Ela não sabia de todos os perigos que a ameaçavam. No entanto, felizmente, o duque reformado de Conde pôs forças militares em Vendome, onde ela deveria passar a noite, e assim evitou que os seus inimigos a assassinassem.

No próximo dia, Montluc, que houvera sido enviado ao seu encalço, a seguiu tão de perto que a sua fuga constituiu-se em uma verdadeira corrida por sua vida. Ela enviou à sua frente rápidos mensageiros para convocar os seus soldados a virem socorrê-la. Os seus inimigos estavam quase alcançando-a – tão perto que o clangor das suas trombetas podiam ser ouvidos pela sua escolta – e foi então que, quando ela menos esperava, eis que oitocentos dos seus bravos soldados de Navarra atacaram repentinamente o bando, a tomaram debaixo da sua proteção e a salvaram. Este foi o primeiro dos seus muitos livramentos – de ataques que quase se consumaram – e que viriam a repetir-se posteriormente.

Este ataque, no entanto, despertou a consciência de sua fragilidade feminina. Ela agora percebeu o perigo que corria e quão traiçoeiros eram os seus inimigos. Com sublime coragem, maravilhosa habilidade militar, destreza e agilidade, ela deu um golpe em seus inimigos antes que eles estivessem prontos para encontrar com as suas tropas. O seu marido voltou-se contra ela por ter introduzido o Protestantismo em suas terras, mas isso não a abalou. Pouco tempo depois disso, ele caiu gravemente enfermo. A face da sua ofendida esposa parecia vir à sua mente enquanto ele se enchia de remorso. Diz-se que ele novamente professou a fé reformada antes de morrer, e fez um voto que, caso lhe fosse permitido viver, ele a introduziria em toda a França.

Em virtude da sua morte, ela agora tinha um poder ainda maior, e Jeanne emitiu um decreto abolindo a religião romana em Navarra, pois descobriu que os seus súditos romanistas estavam sempre conspirando contra ela. Quando o Papa, em resposta, emitiu uma bula contra a sua pessoa, Jeanne, com rara diplomacia, o compeliu a cancelá-la, fazendo até mesmo com que a sua arqui-inimiga Catarina de Médici intercedesse por ela diante do Papa. E quando ele falou em deserdar a sua família, declarando o seu

casamento com Antoine nulo de validade legal, visto que ela havia sido casada anteriormente com o duque de Cleve, ela, então, com admirável diplomacia, compeliu Catarina a novamente impedir que o Papa fizesse isso, a fim de que com isso o seu filho não viesse a ser deserdado, impedindo-o de assumir o trono da França, e ainda para que o príncipe de Conde não viesse a assumir este trono, a quem Catarina odiava mais ainda do que ao filho de Jeanne.

Maravilhosa foi a sua habilidade em fazer com que mesmo os seus inimigos realizassem o que ela desejava. Em tudo isso, uma bondosa Providência parecia estar continuamente assistindo-a. Pois quando o rei da Espanha iniciou uma rebelião em sua terra, de modo a atrair sua atenção com o intuito de capturá-la, eis que a própria esposa do rei avisou Jeanne que o seu marido conspirava contra ela, e assim ela foi salva, pois era dona de uma personalidade cativante e encantadora, que atraía a todos.

Finalmente, o Rei Charles IX, da França, e o rei da Espanha planejaram novamente um massacre contra todos os reformados, mas especialmente contra Jeanne e o príncipe de Conde. Sem mais demora, ela reuniu as forças da sua pequena terra montanhosa. Isso impediu o massacre, ou, ao menos, o adiou por oito anos, até o terrível dia de São Bartolomeu. Ela agora tinha um só grande desejo, e este era ver o seu filho, agora já com treze anos de idade. O seu grande propósito era tirá-lo da França e colocá-lo debaixo de sua autoridade. Ela temia que ele viesse a tornar-se Católico ou até coisa pior, visto que ele residia na imoral corte francesa.

Quando ela novamente visitou a França, obteve sucesso em conseguir permissão para que o menino a acompanhasse até Vendome. Agilmente, ela planejou a fuga do filho. Mas tudo teria que ser feito com muito cuidado, pois um só erro seria fatal. Ela secretamente enviou um mensageiro à sua própria corte, dizendo que eles deveriam enviar uma força armada para encontrá-los. Seis horas após a partida deste mensageiro, à meia-noite, ela e o seu filho fugiram silenciosa e cuidadosamente, e galoparam à maior velocidade possível para Pau, a capital do seu reinado, chegando ali com segurança, embora essa tenha sido uma fuga bastante perigosa.

Ela agora tinha o seu filho debaixo de sua influência, e cuidadosamente o treinou às suas próprias vistas. Ele logo revelou notáveis habilidades, especialmente na arte da guerra. Ele estava sendo preparado pela providência de Deus para tomar parte na próxima grande guerra entre os Huguenotes e os Católicos. Neste conflito, Jeanne lançou toda a sua sorte. Embora o seu montanhoso reino de Navarra (situado à sudoeste da França, entre a França e a Espanha) não estivesse diretamente envolvido nesta guerra – pois era um combate entre as duas religiões na França –, ainda assim ela previu que a derrota dos reformados na França significaria também a queda do seu reino, visto ser este reconhecidamente reformado.

Então, logo que Gustavus Adolphus deixou a Suécia para salvar o Protestantismo na

Alemanha, ela foi salvar os huguenotes na França. A sua coragem se elevou a uma altura tão sublime que ela lançou todo o seu destino e o do seu filho nesta guerra pelos Reformados. Ela estava temerosa de anunciar essa decisão do seu coração aos seus próprios conselheiros em Navarra, por medo de que eles viessem a impedi-la de realizar a sua vontade. Então, fugiu secretamente da sua própria terra e chegou a Rochelle, onde os huguenotes franceses haviam se reunido para a sua defesa.

A sua chegada causou grande surpresa naquela cidade. Os reformados estavam alvoroçados de alegria com esse novo e inesperado reforço. O prefeito a presenteou com as chaves da cidade. Ela foi recebida com milhares de aplausos e assim ela adentrou pela primeira vez o Concílio dos Huguenotes. Ali, o príncipe de Conde, herói e líder deles, se levantou e abdicou do seu comando do exército huguenote para passá-lo às mãos do filho de Jeanne, Henry. A platéia respondeu entusiasticamente a isso. Foi então que ela se levantou, e com grande beleza e dignidade, recusou a oferta: "Não, senhores", disse ela, "Eu e o meu filho estamos aqui para promover o sucesso desta grande causa ou para compartilhar o seu fracasso. A causa de Deus é mais preciosa para mim do que o engrandecimento do meu filho".

Após este discurso, ela compeliu o seu filho a recusar a honra de comandante-chefe em meio a tantos aplausos quantos mostravam que eles aceitariam a Henry como seu líder, embora ele tivesse apenas dezesseis anos de idade àquela época. Quando os huguenotes descobriram que ela não permitiria que o seu filho liderasse as suas forças, eles a colocaram como cabeça do governo civil, como a governante de Rochelle. Muitos foram os seus cuidados, mas mesmo em meio a todos eles, ela fez com que o Novo Testamento fosse traduzido para a língua Basca por uma parte dos seus subordinados e o publicou às suas próprias custas. Ela era responsável por toda a correspondência com os príncipes estrangeiros, e foram as suas petições que asseguraram que a Rainha Elizabeth, da Inglaterra, viesse a se aliar aos huguenotes.

A rainha Elizabeth é considerada na história como uma mulher maior que Jeanne, mas em termos de caráter, ela não chegava aos seus pés. Ela era profana, onde Jeanne era pura. Ela era egoísta e extravagante, onde Jeanne era humilde e altruísta. Elizabeth vivia para si mesma, enquanto Jeanne, para os reformados. Mas Elizabeth a auxiliou na tarefa de salvar os huguenotes, ao ajudar Rochelle com a sua frota. Terrível foi aquela guerra, mas Jeanne foi elevada sobre todas as suas desventuras e todos os seus cuidados. O rei da Espanha e o rei da França determinaram que, enquanto Jeanne estava longe do seu reinado, em Rochelle, eles se apropriariam dele, mas, mesmo de longe, ela garantiu que seu reino fosse defendido e mantido a salvo.

Então, ocorreu a morte do príncipe de Conde, em 13 de março de 1569, o heróico líder militar dos huguenotes. Esse fato afetou tanto o exército huguenote que nem mesmo Coligny pôde unir novamente as suas forças e reanimar as tropas. Em desespero, Coligny

pediu que ela fosse chamada ao acampamento, dizendo que ela era a única que possuía influência suficiente para inspirar o exército novamente com entusiasmo e coragem, a fim de que eles pudessem marchar para a vitória. Ela veio perante o exército com as suas bandeiras hasteadas em luto pelo Conde, e os seus corações tomados de tristeza.

Ao seu lado, montado em um cavalo, o filho do Conde; do outro, também montado, o seu próprio filho, Henry. Então ela fez o seu memorável discurso, dizendo: "Soldados, vocês pranteiam, eu entendo. Mas a memória do Conde não merece mais do que meras e inúteis lágrimas? Não façam isso apenas. Unamo-nos e concentremos novamente a nossa coragem para defender esta causa que nunca poderá perecer, e para vingar aquele que foi o seu firme sustentador. É verdade que o desespero os sobrepuja? O desespero, aquele sentimento vergonhoso e de naturezas fracas? Se eu, uma mulher, embora rainha, tenho esperanças, como podem vocês temer? Porque o Conde está morto, estaria agora tudo perdido? Será que a nossa causa deixou de ser justa e santa? Não! Deus, que já nos resgatou de incontáveis perigos, tem levantado irmãos de guerra dignos de sucederem o Conde. A estes líderes eu acrescento o meu próprio filho. Provem o seu heroísmo. O sangue dos Bourbon e dos Valoirs corre em suas veias. Ele arde com o desejo de vingança à morte do príncipe. Contemplem também o filho do Conde, o digno herdeiro das virtudes de seu pai. Ele sucede o nome e a glória do seu genitor! Soldados, eu vos ofereço tudo que está em meu poder e ao meu alcance – meus domínios, meus tesouros, minha vida, e aquilo que me é mais precioso do que tudo, o meu filho. Eu faço aqui um solene juramento diante de todos vós: eu juro defender, até ao meu último suspiro, esta santa causa que agora nos une, a causa da honra e da verdade". Quando ela terminou, houve por um momento um silencio de tirar o fôlego, e então, de todos os lugares, levantaram-se brados impetuosos por todas as fileiras, e como se tivessem sido dominados por um repentino impulso, o exército saudou o jovem príncipe Henry como seu líder.

Assim ela se portou ali, perante o seu exército, como uma mulher maior que Joana D'arc, inspirando o seu exército não pela espada, mas pelo sutil poder do seu caráter incomparável. Esta foi a cena mais grandiosa de muitas que ocorreram em sua vida. Com maravilhoso habilidade, ela, juntamente com Coligny, conduziu a guerra. Mas o seu amado Coligny foi derrotado e seriamente ferido em Moncontour. Ela, de uma vez, saiu a caminho para encontrá-lo, embora grandes perigos ameaçassem sua jornada. Ela o encontrou em um leito, com o seu maxilar tão terrivelmente rompido que ele não podia falar. Mas embora não pudesse falar, ele pôde derramar lágrimas de gratidão pela sua visita. Esquecendo-se daquela derrota, ela, de uma vez, passou a planejar a vitória, até conseguir que o exército huguenote acampasse debaixo dos próprios muros de Paris e forçasse os Católicos a fazerem a paz. E então ela retornou, coberta de triunfo, em meio aos aplausos do povo, ao seu reino de Navarra.



JEANNE D'ALBRET SE DIRIGINDO AO EXÉRCITO HUGUENOTE

Mas eis que agora os romanistas determinaram conquistar por diplomacia e fraude, o que eles não puderam conquistar pela guerra. Eles passaram a urdir planos para aquilo que culminaria, ao final, com o terrível massacre de São Bartolomeu. Jeanne, com a sua aguda percepção, previu que haveria ali alguma artimanha, mas ela não podia discernir exatamente a natureza do grande perigo que corriam e da tragédia que adviria. Mas Coligny foi confiantemente levado para a armadilha. O seu primeiro erro foi fazer com que o jovem Henry de Navarra se casasse com a filha do rei da França. Jeanne objetou-se a idéia. Ela não queria que o seu filho casasse com uma católica, por medo da sua influência. Mas todos os seus conselheiros, estando Coligny à frente deles, a forçaram a consentir com o casamento.

Os romanistas estavam tão ansiosos para que isso acontecesse, que eles até concordaram que o casamento fosse segundo a liturgia reformada. Finalmente, Jeanne, forçada por todos a dar o seu consentimento, foi a Paris para fechar os contratos necessários, e para garantir que os direitos da sua terra e da sua religião fossem preservados. Ela se opôs aos franceses em muitos pontos, mas eles concordaram com tudo, e ela finalmente assinou os artigos do casamento. Mas ainda assim, não estava satisfeita. Ela sentiu que havia algum ardil sendo tramado. O Massacre de São Bartolomeu "parecia projetar a sua sombra sobre ela desde àquela época".

Ela não sabia o que estava por vir; apenas pressentiu que seria um dano aos reformados. As suas ansiedades provaram ser grandes demais para ela. Ela adoeceu gravemente antes do casamento do seu filho, em 4 de junho de 1572. Os huguenotes ficaram consternados pela sua doença. Se ela morresse, quem cuidaria deles? Pois ela havia sido, por tanto tempo, a sua santa defensora. Mas a sua fé foi triunfante na sua morte, como ela disse: "Eu nunca temi a morte. Eu não ouso murmurar contra a vontade de Deus, mas sinto grande e profundo pesar em deixar meu filho exposto a tantos perigos. Mas ainda assim, eu confio tudo isso a Ele". Ela morreu, em 9 de junho de 1572, em sua fé reformada, com a sua Bíblia ao seu lado, confiando nas promessas e recebendo a sua coroa. Um dos seus últimos atos foi ordenar que o seu filho permanecesse fiel à religião Reformada.

Assim morreu a Débora da igreja reformada francesa. Assim como Langravine Amalie Elizabeth, de Hasse Cassel, foi a Débora dos reformados alemães, assim também ela o foi para a França. Ela havia hasteado os seus estandartes em nome do seu Senhor e da sua fé reformada. Ela tem ocupado, até os dias de hoje, a primeira fileira entre os líderes militares dos tempos da Reforma. Quando os seus generais foram mortos, capturados ou feridos, ela reuniu e reanimou as suas tropas, inspirou-os com coragem e os guiou para a vitória. Em todas as suas guerras, ela nunca foi derrotada. E ainda assim, ela não o fez por si mesma, e sim pela sua fé. Ela pode ser considerada como uma das mais belas, brilhantes e fortes personalidades femininas da história.

Mas (humanamente falando) ela morreu cedo demais. Ela havia visto e passado por grandes sofrimentos, mas um ainda maior estava por vir após a sua morte, o terrível massacre de São Bartolomeu, que teria partido o seu coração ainda que não viesse a tirar a sua vida. Talvez, tivesse ela vivido, ela, com o seu impressionante caráter visionário, pudesse ter descoberto esse plano a tempo de impedi-lo, ou com a sua maravilhosa fertilidade de recursos, pudesse ter tornado possível um combate contra ele. Enfim, esta é uma questão aberta para a história: teria tal massacre acontecido se ela tivesse sobrevivido? Mas ela já havia partido. Ela morreu enquanto a sua causa era ainda gloriosa, antes que viesse a derrota e o massacre. E assim morreu a mulher que combinava a Débora das Escrituras com a Joana D'Arc da História em uma só pessoa. Ela pôde cantar juntamente com Débora: "Então, pereçam todos os teus inimigos, mas deixem que o amor a ti seja como o sol, quando ele se põe em toda a sua majestade".

Charlotte D'Mornay

Esposa de Philip de Mornay

Charlotte Arbaleste, que veio a ser, depois, a esposa do conhecido Philip De Mornay – o famoso estadista francês –, nasceu em fevereiro de 1549. Embora a sua mãe tenha permanecido católica até o final da sua vida, o seu pai tornou-se protestante nos seus últimos anos. Muitos anos antes, enquanto viajava pela Alemanha, ele teve contato com o Protestantismo, e, em Estrasburgo, ouviu uma discussão teológica entre os reformados e os romanistas, que veio a abrir os seus olhos para alguns dos abusos destes últimos. Mas ele permaneceu ignorante das verdades evangélicas por muitos anos, até que, tendo sido acusado pelos romanistas de herege, determinou examinar mais profundamente a "heresia huguenote" de modo que, finalmente, veio a aceitá-la. As suas últimas palavras ao morrer, em 1570, foram: "Senhor, Tu me concedeste uma alma há cinqüenta e oito anos atrás; Tu a conferiste a mim branca e limpa. Eu a rendo a Ti impura e poluída. Lava-a no sangue de Cristo Jesus, Teu filho".

Charlotte casou-se, em 28 de setembro de 1567, com um nobre de Feuqueres, um bravo e zeloso huguenote, que infelizmente morreu de uma febre, cerca de dois anos após o casamento. A sua morte a deixou em difíceis condições financeiras, mas o Senhor levantou amigos que a ajudassem, e posteriomente ela foi a Paris para receber a sua porção da herança do seu pai. E assim, aconteceu que ela estava em Paris no dia do terrível massacre de São Bartolomeu, e foi salva somente pela providência divina. Ela conta que, de início, não foi avisada do massacre; mas quando viu os batalhões de soldados, cada um usando uma cruz branca em seu capacete indo para as ruas, ela sentiu que havia ali grande perigo.

Pressentindo o grande risco que correria nas ruas, ela permaneceu em seus aposentos. Então, resolveu enviar a sua criada com sua filha pequena a um amigo católico, o qual, depois, mandou dizer que Charlotte também seria bem vinda se fosse ter com eles. Ela mal tinha deixado os seus aposentos quando os soldados o invadiram, e ficaram furiosos por não a encontrarem ali. A quantidade de refugiados na casa deste amigo aumentou até chegar ao número de quarenta, mas eles permaneceram ali até ao terceiro dia, a noite de terça-feira.

Entretanto, o vai-e-vém de pessoas levantou suspeitas, e foi ordenado que a casa fosse vasculhada. Informados a tempo, todos escaparam dali, exceto Charlotte e outra pessoa. Ela, juntamente com a sua criada, foi posta em um galpão vazio, enquanto sua filha foi enviada em segurança para a casa de sua avó católica. Depois disto, ela ficou escondida na casa de vários amigos por mais três dias, até que foi levada a residência de um

comerciante de milho. A sua mãe tentou fazer com que ela comparecesse à missa, nem que fosse apenas pelas aparências, para salvar a sua vida. Mas ela se recusou terminantemente. A sua fé reformada lhe era mais preciosa do que a própria vida.

Enfim, após ter permanecido ali por cinco dias, ela determinou deixar Paris, mesmo sabendo de todos os perigos que corria. O seu quarto ficava exatamente em cima do quarto de uma senhora católica e ela não ousaria passar pelo quarto dessa senhora, por temer ser descoberta. Ela não ousou sequer acender uma vela, ou as suspeitas dos vizinhos poderiam ser despertadas. Quando algo lhe era trazido, era apenas um bocado de comida, e isso secretamente. Finalmente, então, na quarta-feira – o décimo-primeiro dia após o massacre –, ela foi bem sucedida em chegar a um barco, no rio Sena, afim de fugir para Sens. Em Tournelles, um guarda exigiu o seu passaporte. Como ela não possuía um, foi acusada de ser uma huguenote. Quase em desespero, pediu para ser levada a um conhecido ali, com quem a sua avó, que era católica, costumava fazer negócios. Dois soldados a trouxeram ao portão. Os seus amigos asseguraram ao soldado que ela era uma boa católica, e só então ela foi levada de volta ao barco, sendo permitido que continuasse a sua jornada. Contudo, ela continuava em meio a grandes perigos; no entanto, o Senhor a livrou e guardou-a em segurança, pois, no momento em que ela estava chegando ao barco, a casa do comerciante de milho, foi também vasculhada e, tivesse ela permanecido lá, eles a teriam encontrado e provavelmente teria sido morta.

Dali, ela viajou para Villegrand, onde, por quinze dias, encontrou um abrigo no país com um cultivador de vinhas. De lá, foi para Sedan, onde permaneceu em segurança, visto que o duque de Bouillon, seu governante, era um adepto da fé reformada. Foi enquanto se encontrava ali que ela conheceu o seu segundo esposo, Philip DeMornay, um dos mais devotos huguenotes, e que, assim como ela mesma, havia conseguido escapar quase miraculosamente, do massacre de São Bartolomeu. Ele era reconhecidamente um ilustre cristão, estadista, soldado e escritor. Eles casaram-se em 3 de janeiro de 1576. Ele foi enviado como embaixador para a Inglaterra e para a Holanda, tendo ela acompanhado-o a esses lugares. Por fim retornaram à Paris em julho de 1582, e de lá, foram para Montauban, no sul da França, onde passaram a viver.

Enquanto lá se encontravam, ocorreu um caso curioso de disciplina na igreja reformada. O consistório daquela congregação era bastante rígido quanto à simplicidade no vestir, assegurando ser impróprio para as mulheres cristãs o usar frisos de cabelo, chegando a proibir esse adereço com a ameaça de exclusão da ceia do Senhor. Eles citaram 1 Timóteo 2:9: “Da mesma sorte, que as mulheres, em traje decente, se ataviem com modéstia e bom senso, não com cabeleira frisada e com ouro, ou pérolas, ou vestuário dispendioso, porém com boas obras (como é próprio às mulheres que professam ser piedosas)”; e também 1 Pedro 3:3: “Não seja o adorno da esposa o que é exterior, como frisado de cabelos, adereços de ouro, aparato de vestuário; seja, porém, o homem interior do coração, unido ao incorruptível trajo de um espírito manso e tranqüilo, que é de grande valor diante de Deus.”

Charlotte e suas filhas, não obedecendo a essa imposição do consistório, foram proibidas de participar da Ceia do Senhor. DeMornay, seu esposo, severamente repreendeu o consistório, mas foi tudo em vão. Ela defendeu-se dizendo que em nenhum outro lugar a Igreja Reformada havia agido desta maneira, e que, em I Timóteo 2:9, como Calvino mostrou em seu comentário, a referência era mais à reforma dos costumes, do que propriamente ao vestir. Ela finalmente apelou ao Sínodo Geral da Igreja Reformada da França. Não somos informados de como esta questão foi finalmente solucionada, mas parte da sua família passou a atender à Ceia do Senhor em uma congregação reformada da vizinhança, e ela, em 1589, retirou-se para Saumur. Ali, quando o seu esposo – tendo sido liberado de seus serviços pelo rei – retornou, encontrou-a construindo, às suas próprias custas, uma igreja para a congregação reformada. Esta foi dedicada poucos dias após o seu retorno.

Ela mostrou sempre uma grande dedicação ao seu único filho, Philip, a quem, quando ele estava na Holanda, escreveu uma belíssima carta maternal. "Meu filho, Deus é minha testemunha de que, mesmo antes do seu nascimento, Ele me inspirou com a esperança de que um dia você O serviria; e isto, para você, deve ser um sinal da Sua graça e uma admoestação para que você realize o seu dever. O seu pai e eu também cuidamos tanto para instruí-lo em cada ramo de aprendizado que lhe pudesse ser útil, a fim de que você possa não apenas viver, mas também brilhar na Sua igreja. Você é jovem, meu filho, e diversas idéias se apresentam à juventude, mas lembre-se sempre dos dizeres do Salmista: 'Como pode o jovem guardar puro o seu caminho? Certamente, conduzindo-se segundo a tua palavra, Ó Senhor'. Não serão poucas as pessoas que desejarão desviá-lo, seja para a direita, seja para a esquerda. Mas diga também com o salmista: 'Eu me associarei somente com aqueles que guardam as Tuas leis. As Tuas leis, Ó Deus, serão o meu conselheiro'". Belas foram estas palavras, e nobremente ele as cumpriu, pois ele desenvolveu um belo caráter cristão em resposta a tais orações e admoestações.

A sua morte na batalha, em 1605 – enquanto lutava pelos holandeses –, quase partiu o coração da sua mãe. Ela não se recuperou desta perda, e sobreviveu a ele por poucos meses. No domingo do dia 07 de maio de 1606, ela compareceu ao culto da manhã, na igreja, e esperava ir também à tarde para a catequese, mas caiu doente. Ela suportou grande sofrimento até o próximo domingo, quando seu esposo deu a ela a notícia de que, segundo os médicos, sua vida estava chegando ao fim. Ela recebeu a notícia com alegria. Ela sustentou o seu testemunho, mesmo às portas da morte, exclamando: "Eu estou indo para Deus, persuadida de que nada pode me separar do Seu amor. Eu sei que o meu Redentor vive. E Ele tem triunfado".

Um dos seus médicos, um católico, exortou-a a ter coragem, ao que ela respondeu: "Minha coragem vem do alto". Ela, então, dirigindo-se a ele falou de um consolo superior que a religião Protestante oferecia sobre a Católica, e o encorajou a olhar para "Cristo, e Ele crucificado". No próximo dia, o seu pastor a relembrou das palavras de Cristo: "Pai, em tuas mãos eu entrego o meu espírito". Ela, então, acrescentou as palavras do Salmo 31:

“Pois Tu me redimiste, Ó eterno Senhor da verdade”. Ela expirou com a palavra “Jesus” em seus lábios, em 15 de maio de 1606. O seu esposo prestou um belo tributo à sua memória quando afirmou a seu respeito: “Ela me ajudou a viver bem, e, pela sua piedosa morte, me ensinou a como morrer bem”.

Phillipine De Luns

A Mártir Huguenote

Uma verdadeira mártir da igreja foi esta santa reformada, pois o sexo feminino também forneceu a sua cota de mártires para a nossa fé. Ela nasceu em Gascogne, na França. De sua juventude, não sabemos quase nada. Ainda muito jovem, ela foi desposada por um nobre chamado Von Graberon. Ela acompanhou-o à Paris, vindo a congregar-se na Igreja Reformada, da qual ele era presbítero. Freqüentemente, os huguenotes se reuniam em assembléia em sua casa e os vizinhos os ouviam cantando salmos, visto que não lhes era permitido ter uma igreja na cidade. Mas logo o seu esposo veio a falecer e, em 1557, ela ficou viúva, com apenas vinte e três anos de idade.

Logo após a morte dele, em 4 de setembro de 1557, ela se encontrou com quatrocentos franceses reformados em uma sala na rua de St. Jacques, atrás do prédio da universidade. Ali eles celebraram a Ceia do Senhor, e o ministro pregou sobre as palavras da sua instituição, em I Coríntios, capítulo onze. Mas à meia-noite, quando pretendiam voltar para as suas casas, ouviram uma terrível gritaria do lado de fora. A multidão evidentemente queria arrombar as portas da casa. A razão disto era que o povo, fanático, acreditava que aqueles huguenotes haviam sido a causa da derrota do exército francês em St. Quentin e, portanto, haviam reunido uma grande quantidade de pedras, com o intuito de apedrejá-los quando saíssem do culto reformado.

Enquanto os inimigos provocavam grande alvoroço e gritaria do lado de fora da casa, os reformados lá dentro ficaram grandemente assustados. Os presbíteros os encorajaram a permanecerem calmos, perguntando, em seguida, se eles preferiam ficar ali até que a luz da manhã tornasse mais segura a sua volta para casa, ou se eles desejavam sair e lutar, enfrentando a multidão armada lá fora, na esperança de escapar. Muitos homens desembainharam as suas espadas e facas ali mesmo e determinaram forçar seu caminho para fora, e, assim, muitos conseguiram escapar. Mas muitas outras pessoas, dentre elas, Phillipine, tiveram de permanecer para trás. Quando o dia amanheceu, elas foram presas.

Enquanto esse grupo de crentes reformados era levado pelas ruas, a multidão caía sobre eles praticando toda sorte de abusos. Phillipine permaneceu em uma horrível prisão por um ano inteiro. Freqüentemente, ouviam-na cantar os Salmos 25 e 42. Padres eram frequentemente enviados à sua cela, tentando convencê-la a retornar para fé Católica, mas ela sempre resistiu aos seus ataques. Uma vez, um deles lhe fez a seguinte pergunta: “Você acredita que a hóstia da comunhão é o verdadeiro corpo do nosso Senhor?” Ao que ela respondeu: “Como poderia Ele, que enche os céus e a terra, estar contido em um pedaço de pão, que pode ser comido por um rato e envolto por teias de

aranha?" O seu testemunho pelas verdades evangélicas foi tão firme que eles a colocaram em uma prisão ainda mais isolada. Até àquela época, lhe era permitido receber a visita de sua irmã, mas depois disso, ela foi sentenciada a um confinamento solitário.

A partir daí, o curso da lei foi acelerado, pois os romanistas viram que não havia esperança de convertê-la de volta à fé católico-romana. Além disso, o juiz queria condená-la a fim de obter uma parte dos seus bens. Enquanto isso, Calvino, de Genebra, encorajava os príncipes protestantes da Alemanha a usar de sua influência junto ao príncipe francês, a fim de que esses prisioneiros pudessem ser poupados. Mas a sua intercessão só veio tarde demais.

Ela foi trazida perante os seus juízes para julgamento. A prova a que foi submetida foi bastante severa, mas as suas respostas foram todas baseadas nas Escrituras. Foi perguntado a ela: "Você crê na missa?" Ao que respondeu: "Quanto a este sacramento, eu creio apenas naquilo que é ensinado no Antigo e no Novo Testamento. Eu ainda não encontrei ali que a missa foi estabelecida por Deus". "Você receberá a hóstia?" "Não, eu receberei apenas aquilo que Cristo instituiu". "Quanto tempo faz desde que você se confessou a um sacerdote?" "Eu não me lembro, mas sei, sim, que tenho diariamente feito confissões ao meu Senhor. Outra confissão não é ordenada por Cristo, pois somente Ele tem o poder para perdoar pecados". "O que você crê com relação à oração à Virgem e aos santos?" "Eu não conheço nenhuma outra oração além daquela que o nosso Senhor ensinou aos Seus discípulos. A Ele nós devemos recorrer, e a nenhum outro. Os santos no paraíso são felizes, isto eu sei, mas orar a eles, isso eu não farei". "Você observa o jejum na sexta-feira e no domingo?" "Não, pois ele não é ordenado na Bíblia". Eles então tentaram argumentar com ela, dizendo: "Mas a Igreja exige o jejum, e mesmo que o não jejuar não fosse pecaminoso em si mesmo, isso se torna em pecado porque a Igreja o exige". Muito habilmente, ela respondeu: "Eu não creio em nenhum outro mandamento além daquele que Cristo deu. E em nenhum lugar no Novo Testamento eu encontro tal poder conferido ao Papa para governar a Igreja". Mas eles ainda argumentaram: "os governos espirituais e terrenos são ordenados por Deus, e devem ser obedecidos." Ao que ela respondeu: "A Igreja não possui nenhuma outra autoridade sobre ela senão a autoridade de Cristo". "Quem lhe ensinou tais coisas?" "O Antigo e o Novo Testamentos". Assim como o seu Salvador em Suas tentações, ela respondeu a eles com a Palavra de Deus.

Em 27 de setembro de 1558, ela foi sentenciada à morte. Um idoso homem, Clivet, e um jovem, Gravelle, ambos presbíteros da Igreja Reformada – os quais haviam sido presos no mesmo momento que ela –, foram sentenciados a morrer em sua companhia. Os três foram severamente torturados, e após a tortura, foram lançados na capela da corte judicial. Ali eles esperaram pela libertação desta prisão terrena, a fim de que pudessem ir para a liberdade do céu. Como era costume, o padre ainda foi tentar convertê-los de volta para o Catolicismo antes de morrerem, mas todos os esforços do padre foram em vão.

Eles puseram de lado as suas vestimentas de sofrimento, e vestiram-se com a sua melhor vestimenta, pois afirmaram que estavam indo não para um funeral, mas para um casamento, e queriam estar prontos para encontrar com o seu noivo, o Senhor Jesus Cristo. Eles foram então colocados em vagões e levados para o local da execução. Clivet, que havia sido um mestre escolar nos distritos do país, e cujo retrato já havia, uma vez, sido queimado pelos romanistas, ousadamente manteve o seu testemunho cristão para com os espectadores enquanto o vagão era dirigido pela estrada.

Um padre disse a Phillipine que ela deveria se confessar a ele. Ela respondeu: "Em meu coração, eu continuamente me confesso ao meu Senhor, e tenho certeza do perdão de meus pecados". Alguns dos conselheiros ofereceram que ela levasse um crucifixo de madeira em suas mãos, mostrando, como um argumento, que Cristo havia convidado os homens a carregarem a sua cruz. Ela, no entanto, se recusou a fazer qualquer deferência à Roma, e respondeu que Cristo, de fato, nos convidou a levarmos a nossa cruz, mas Ele não se referia a uma cruz de madeira exterior, mas a uma cruz interior a nós, em nossas almas.

Um padre perguntou a Gravelle de que maneira ele gostaria de morrer. Ele respondeu: "Que eu morrerei, eu bem sei; como isso será, não importa, pois eu sei que Deus estará ao meu lado em cada sofrimento". Porque ele prestou tão nobre testemunho por Cristo, os seus inimigos exigiram que a sua língua fosse cortada fora. Ele, no entanto, rapidamente a ofereceu ao executor, tão disposto estava a sofrer pelo seu Senhor. "Eu oro a Ti; intercede por mim", foram as suas últimas palavras.

Então veio a vez de Phillipine. Quando pediram que a sua língua fosse cortada, ela alegremente a ofereceu, dizendo: "Eu não me importo que o meu corpo sofra; porque deveria eu me importar com a minha língua?" Na Praça Maubert, todos foram queimados na estaca. Os dois homens foram queimados vivos. Phillipine, após terem queimado a sua face e os seus pés com tochas, foi estrangulada, e então, o seu corpo foi queimado também.

"O sangue dos mártires é a semente da Igreja". Não foi em vão a morte de Phillipine; ela trouxe importantes frutos. Assim como a morte de Estevão foi uma preparação para a conversão de Paulo, assim também o bravo testemunho destes mártires contribuiu para o avanço do Protestantismo. Pois, no ano seguinte, a Confissão de Fé Francesa, ou Gaulesa, foi elaborada, e foi publicamente reconhecida pela corte francesa em 1561.

Oh, se os nossos antigos pais e mães reformados puderam sofrer tanto pela nossa fé, como deveríamos amá-la! E, como eles, deveríamos estar dispostos a negar a nós mesmos, a fim de que ela venha a se expandir, com vistas à salvação do mundo por Cristo!

Charlotte D'Bourbon

Princesa de Orange

Charlotte era filha do Príncipe Louis, Duque de Bourbon. A sua mãe, Jacqueline, no entanto, cria nas doutrinas reformadas e secretamente as ensinou aos seus filhos. O pai de Charlotte, ao descobrir o fato, determinou impedir a influência de sua esposa, enviando três das suas filhas a conventos. A razão para isto era que ele tinha sido acometido por tantos revezes da sorte que seria muito difícil prover dotes de casamento apropriados para as suas cinco filhas, e então, pensou que a melhor maneira de evitar que elas casassem (e ainda mantê-las católicas) seria enviando-as a conventos.

Além disso, naquela época era considerado muito honroso para as mulheres de classe mais alta ingressar na vida religiosa; elas não perdiam qualquer status social por causa disso. O duque foi grandemente recomendado pelos seus amigos romanistas a realizar este ato de auto-negação, entregando suas filhas à Igreja.

Mas o homem planeja e Deus desfaz os planos. Nunca se poderia esperar que uma freira viesse a tornar-se uma princesa reformada, mas foi isto que aconteceu. Sua mãe havia ficado com o coração partido por este ato do seu esposo e não apenas chorou, mas também orou muito, especialmente por Charlotte, que tinha então apenas treze anos de idade. Charlotte instintivamente recuou e não aceitou a vida que lhe estava sendo imposta, implorando para permanecer com a sua mãe.

A sua mãe, com sabedoria, preparou um solene protesto contra a sua entrada no convento, o qual Charlotte assinou secretamente, mas ainda assim Charlotte foi obrigada a ir para o mosteiro de Jouarre, na Normandia. Tudo o que a sua mãe podia fazer era orar. Mas muito pode a súplica do homem justo (e a de uma mulher justa, por vezes, vale mais ainda) e, assim, as suas orações foram respondidas, embora ela não tenha vivido para ver essa resposta, visto que faleceu em agosto de 1561, e a libertação de Charlotte só ocorreu dez anos depois.

Enquanto isso, no convento, Charlotte demonstrou sempre um procedimento exemplar. Mas ela não havia esquecido das últimas instruções de sua mãe – de quem tinha sido tão cruelmente arrancada. Quando a sua mãe morreu, os papistas sequer permitiram que ela fosse ao seu funeral, e deste modo, o seu descontentamento com a Igreja foi crescendo. Agora, entretanto, enquanto ela passava os seus dias na quietude do convento, uma terrível batalha acontecia na França entre os huguenotes e os romanistas.

Embora estivesse pessoalmente longe deste conflito, ela o assistia com grande interesse, nutrindo grande simpatia pelos huguenotes. Mas tão secreta era a sua simpatia por eles que todos a consideravam uma boa católica. E, por ser quem era – uma princesa da linhagem real dos Bourbons – os seus amigos conseguiram obter para ela a alta posição de abadessa (freira principal do convento). Isto lhe rendeu a oportunidade de ensinar, embora de maneira bastante sutil, as novas doutrinas da Reforma, de modo que muitas das freiras foram influenciadas por suas idéias.

Contudo, com o passar do tempo, passaram a suspeitar de suas posições, e ela foi acusada de perverter as freiras que se encontravam sob a sua supervisão. Foi quando começou a correr grande perigo. Os romanistas estavam prestes a iniciar processos contra ela. Porém, exatamente nesta época (em 1572), providencialmente a Normandia foi invadida pelos huguenotes, e o seu convento foi aberto por eles. Ela viu a oportunidade que a providência de Deus havia concedido a ela, e de uma vez, desistiu para sempre da vida no convento. Para se justificar, ela tornou público o fato de que havia sido forçada a entrar no convento contra a sua vontade, e revelou o protesto que havia assinado muitos anos antes.

Isto diminuiu os ataques dos romanistas contra ela, fazendo, ao mesmo tempo, com que ganhasse a confiança dos huguenotes, os quais foram convencidos de que ela não estava agindo com duplicidade. Assim sendo, abandonou a clausura e recorreu à sua irmã mais velha, a Duqueza de Bouillon, que era fortemente vinculada à fé reformada. Desse modo, ela fugiu da França em virtude do perigo que corria e foi para Heidelberg, onde foi recebida pelo Eleitor Frederico III, do Palatinado, como se fosse sua própria filha. Isto porque Frederico (que foi quem ordenou a elaboração do Catecismo de Heidelberg) foi um grande protetor dos reformados e abriu o seu território para servir de refúgio a estes cristãos perseguidos.

Quando o seu pai soube da sua fuga do convento, ficou fora de si. Como não se sabia onde ela estava, ele conseguiu com que a corte francesa assumisse o seu caso, ordenando que fosse feita uma busca por ela, e que sendo achada, fosse severamente punida. Foi então que o Eleitor Frederico, que veio a ser um verdadeiro pai para ela, escreveu para o seu pai, em 15 de março de 1572, notificando-o de que a sua filha havia encontrado asilo no Palatinado, e que ele a havia recebido, pois ela havia seguido os ditames da sua consciência.

O seu pai estava agora mais furioso do que nunca. Estava indignado não só por ela ter deixado o convento – pois se ainda assim ela tivesse permanecido católica, ele poderia tê-la perdoado – mas o fato de ter se tornado Protestante – exatamente aquilo que ele tão fortemente tentou evitar que acontecesse durante tantos anos – era demais para suportar. Ele chegou a ir tão longe em sua ira que escreveu de volta a Frederico, para contestar os seus motivos: “Parece honroso alguém receber em sua casa filhos que fugiram dos seus

próprios pais? Não é mais digno que você os aconselhe a retornar à casa de seus pais?" Mas o Eleitor Frederico não se acovardou em sua devoção ao Protestantismo e respondeu ao seu pai de modo muito digno, declarando a sua disposição de que Charlotte viesse a retornar, desde que ela obtivesse uma garantia de liberdade para o exercício da sua religião reformada na França.

Ele também escreveu nestes mesmos termos ao rei da França. O rei declarou que estava disposto a permitir que ela adorasse segundo a sua fé, e até designou mensageiros para ir a Heidelberg para trazê-la de volta à França, mas o seu pai estava inflexível. "Se ela intenta persistir na religião Protestante", ele disse, "eu prefiro que permaneça na Alemanha a que, retornando à França, venha a escandalizar a todos, e seja a desgraça da minha velhice". Os mensageiros do rei foram a Heidelberg, mas ela se recusou a voltar para a França, visto que o seu pai não consentiria com a sua religião. Desse modo, ela permaneceu em Heidelberg com a corte Palatina.

Alí, ela passou três agradáveis anos, debaixo do gentil cuidado do Eleitor Frederico. Foi então que o Príncipe Guilherme de Orange pediu a sua mão em casamento. Foi uma união muito apropriada, pois ele era o soberano da Holanda, e ela era uma princesa da linhagem real francesa. Mas houve também graves dificuldades no caminho, pois quando é que o curso do amor verdadeiro é tranqüilo? Era necessário, para o bem da paz política, conseguir o consentimento do rei da França e do seu pai, a fim de que o casamento pudesse acontecer.

O rei francês, em sua resposta, recusou a comprometer-se com relação a qualquer dos lados, e a corte holandesa ficou satisfeita, seguindo o princípio de que "quem cala, consente", especialmente por ter ele afirmado que não levantaria objeção alguma quanto ao assunto. O parlamento francês finalmente deu o seu consentimento. Mas será que o seu pai daria o seu? No entanto, embora anteriormente ele tivesse sido o mais inflexível nesse aspecto, agora via a oportunidade de um brilhante casamento para a sua filha com o principal estadista da Europa, e não apenas deu o seu consentimento, mas ainda deu a ela um grande dote. Outras dificuldades surgiram, mas apesar disso, o casamento ocorreu em 12 de junho de 1575. Foi um casamento muito feliz, pois ambos eram membros da Igreja Reformada e tinham os mesmos alvos, as mesmas motivações caridosas e as mesmas esperanças. Ela provou ser, como disse o irmão de Guilherme, o Conde John de Nassau: "Uma distinta esposa pelas suas virtudes, piedade e inteligência".

Mas o casamento também lhe acarretou novos cuidados e ansiedades, pois o seu esposo estava engajado em uma terrível guerra contra a Espanha. Aquele país havia feito de tudo para derrotá-lo, e para tornar em desgraça o seu casamento, visto que ele havia se separado da sua esposa anterior, que lhe havia sido infiel. Guilherme, portanto, havia sido compelido a defender a si mesmo e ao seu casamento, o que ele fez em um documento, mostrando ao mundo ser, o rei da Espanha, uma das almas mais sombrias

que já governaram uma nação. Guilherme difundiu esta resposta por toda a Europa. Em junho de 1580, o rei da Espanha, finalmente, percebendo que não poderia derrotar Guilherme por justos meios, determinou usar de meios vis, e ofereceu uma recompensa de 25.000 coroas a qualquer um que o trouxesse, vivo ou morto.

Charlotte ficou grandemente alarmada com tudo isso. Ela vivia em constante temor pela vida do seu esposo. Muitas e muitas vezes ela o alertou para ter cuidado, e a não deixar que estranhos se aproximassem dele. Mas ele havia se tornado tão habituado ao perigo durante as últimas guerras que não deu atenção aos seus alertas. No ano seguinte, o que ela temia aconteceu. Dois espanhóis, um deles, um banqueiro de Antuérpia, e outro, um dos seus empregados, conspiraram para tirar a vida de Guilherme. O banqueiro deveria dividir a recompensa, e o criado executar o ato.

Antes do criado Jaurequay realizar este terrível feito – no domingo, dia 18 de março de 1582 – ele foi absolvido de todos os seus pecados por um padre romano, o qual deu a ele o sacramento e ainda um amuleto para proteger a sua vida. O padre, temendo que lhe faltasse a coragem necessária para praticar o ato, o acompanhou até ao castelo e deu a ele a sua bênção para o trabalho diabólico que ele estava prestes a realizar, e então eles se separaram. O príncipe Guilherme havia comparecido à Igreja Reformada naquela manhã e estava jantando quando o assassino tentou entrar na sala de jantar, mas foi impedido pelos servos do príncipe. No entanto, após o jantar, Guilherme estava mostrando ao Conde Laval algumas tapeçarias, que continham ilustrações das crueldades espanholas. Então Jaurequay novamente tentou forçar o seu caminho, mas os servos o impediram. Guilherme, porém, de modo inocente e insuspeito, reprovou os servos e ordenou que fosse permitido a ele adentrar o local, pois pensava que tal homem fosse algum cidadão que desejava vê-lo. O assassino, vendo a sua oportunidade, deu um passo à frente, e posicionando a sua pistola por sobre o ombro do Conde de Laval, atirou. O príncipe foi ferido na cabeça, e a bala entrou quebrando vários de seus dentes, passando pela parte inferior da cabeça e indo parar em sua bochecha direita. Ela chegou a arranhar a veia jugular, passando tão perto dela que a cauterizou.

Por um momento, Guilherme parecia não conseguir perceber o que tinha acontecido; a sua sensação é que a casa havia caído, quando ele mesmo é que havia tombado. Imediatamente, porém, voltando o príncipe a si, pediu que o assassino fosse poupado. No entanto, o homem já estava morto. Charlotte, quando ouviu o barulho da arma, se apressou a ir ao salão, ao encontro do seu esposo, e vendo-o coberto de sangue, desmaiou. Quando ela se recuperou, veio a cuidar dele com o maior desvelo. Verificou-se, portanto, que ele não se encontrava em maior perigo, pois a ferida cicatrizou rapidamente. O povo reformado da Holanda ficou grandemente agradecido à providência divina em poupar o seu príncipe e líder. Em 2 de maio, eles prestaram um culto solene de ações de graças pela sua recuperação em Antuérpia, no qual ambos, Guilherme e Charlotte, se fizeram presentes.

Mas a excitação e o cuidado provaram ser demais para ela. Quase imediatamente após

aquele culto de ação de graças, ela caiu doente de pleurisia, e veio a morrer poucos dias depois. Ela foi sepultada na bela catedral de Notre Dame, em Antuérpia. Essa catedral contém magníficas obras de arte de pinturas, como o "Descida da Cruz", de Rubem, e o seu "Subida para a Cruz", mas nenhuma destas obras de arte se equiparam à sua beleza de caráter, pois a sua vida foi uma figura de sacrifício vivo e de consagração a Cristo.

O pináculo daquela catedral é maravilhosamente belo, e mesmo sendo de mármore, foi tão delicadamente esculpido, que o seu corte faz parecer, diz um escritor, como se o laço de Bruxelas (pelo qual Antuérpia era tão conhecida)[1], houvesse sido transformado em mármore e colocado ali como um grande enfeite branco. Assim também o seu caráter, puro como o mármore e delicado com todas as graças da espiritualidade, aponta para o céu como aquela torre, permanecendo como um amoroso testemunho do poder da fé reformada.

Charlotte tornou-se uma ancestral de reis. A sua filha veio a casar-se com o filho do Eleitor Frederico III dos Palatinos, o qual havia tão gentilmente a abrigado e protegido, de modo que a rainha Vitoria da Inglaterra foi uma descendente direta dela. E foi, portanto, desse modo que uma freira se tornou reformada, e uma princesa veio a ser mãe de reis, sendo agora uma santa na corte do Rei dos Reis.



CHARLOTTE D'BOURBON

[1] Laço de renda com formato típico (Nota do Revisor).

Louisa De Coligny

Princesa de Orange

Entre os filhos do Almirante Coligny, da França, estava Louisa. O seu pai havia lhe dado uma boa educação, mas ele e a sua mãe (cujo lema era: "quanto a mim, eu e minha casa serviremos ao Senhor") deram a ela o que era ainda melhor: a sua fé reformada. Durante a sua infância, seu pai estava envolvido nas guerras dos huguenotes, lutando e sofrendo pela fé reformada. No entanto, suas cartas para ela eram cheias de beleza e demonstravam um caráter sublimemente cristão.

Dentre os seus oficiais estava um rapaz que, embora jovem, possuía tanta sabedoria que fora admitido ao conselho dos huguenotes: o jovem Charles De Teligny. Ele logo se tornou um pretendente à mão de Louisa, e a conquistou. O seu pai deu a ela o seguinte conselho: "Você tem outros pretendentes, ricos e nobres, mas eu a aconselho a escolher Teligny como seu esposo". Eles se casaram em Rochelle, em 1571.

Houve, então, uma trégua e um certo período de paz, depois das guerras, mas infelizmente não durou muito tempo. Pois quando Henry de Navarra estava para casar com Margaret da França, Coligny foi a Paris para o casamento, ao qual Teligny e Louisa também compareceram. Teligny havia sido avisado, por uma carta anônima, a não se dirigir para lá, mas assim como Coligny, ele também era, infelizmente, muito confiante. À meia-noite de 24 de agosto de 1572, o sino da igreja do outro lado do Louvre tocou o sinal do terrível massacre, e 25.000 huguenotes, somente em Paris, foram mortos ou gravemente feridos.

Dentre as vítimas deste horrível massacre estavam ambos: o pai e o esposo de Louisa. O seu pai foi brutalmente assassinado em seu próprio quarto. O seu marido conseguiu escapar pelo telhado juntamente com o pastor de Coligny. Teligny era tão popular que um dos guardas que fôra enviado para matá-lo não conseguiu fazê-lo. Mas depois vieram os soldados do Duque de Anjou e o mataram.

Não se sabe bem como, mas Louisa conseguiu escapar. O mais provável é que ela tenha fugido sozinha e a pé. Ela caminhou o mais depressa que pôde até o castelo do seu pai, em Chatillon, em Burgundy, a fim de avisar à sua madrasta e aos seus irmãos que fugissem. Parece que a sua fuga foi tão rápida que ela conseguiu chegar lá antes que qualquer notícia sobre o massacre chegasse até sua família. As tristes notícias que trouxe foram como um raio caindo sobre eles.

Mas não havia tempo para prantear, apenas para fugir, e talvez nem para isso. Eles então consideraram que era mais seguro dispersarem-se em sua fuga. Os seus dois irmãos mais velhos imediatamente saíram e conseguiram escapar com segurança, bem como a sua madrasta. Louisa, juntamente com o seu primo, fugiram para Genebra. Mas o seu irmão mais novo, um menino de extraordinário potencial, e o predileto do seu pai, foi capturado e levado de volta para Paris. Assim Louisa, com a apenas dezenove anos de idade, tornou-se órfã, viúva, exilada e ainda por cima em pobreza, visto que a propriedade do seu pai fôra confiscada.

Ela permaneceu em Genebra e em Berna por algum tempo, mas finalmente seguiu a caminho de Heidelberg, aquele verdadeiro abrigo para os refugiados huguenotes, onde ela foi o mais cordialmente possível recebida pelo Príncipe-Eleitor Frederico III, do Palatinado. Os franceses chegaram a oferecer a ela propriedades se renunciasse à sua fé reformada, mas assim como Moisés, ela preferiu a pobreza a todas as riquezas da França.

Em Heidelberg, ela conheceu Charlotte De Bourbon, que também havia sido exilada, e encontrara refúgio ali. Elas se tornaram uma só alma em seu sofrimento e amizade. Algum tempo depois, o Duque de Anjou, que era o líder do grupo que havia assassinado o seu pai e o seu esposo, passou por Heidelberg, em seu caminho para tomar o trono da Polônia. O príncipe Frederico estava conduzindo-o por entre a galeria de retratos dos reis, rainhas e príncipes no castelo, quando apontou para o retrato de Coligny e perguntou ao Duque se ele sabia de quem se tratava. “Sim”, ele respondeu, “o almirante”. Frederico não pôde mais se controlar e disse: “São dele, o melhor dos homens, o mais sábio e mais grandioso capitão de toda a Europa, os filhos que eu tenho sob a minha proteção; pois não fosse isso, os cães da França os teriam destruído, tal como fizeram ao seu pai”.

O Duque ficou muito amedrontado com estas palavras, como bem deveria. Mas o Eleitor continuou: “De todos os senhores da França, dos quais eu tenho conhecimento, ele foi quem mais zelou pela gloria do nome ‘francês’, e eu não temo afirmar que o rei e toda a França sofreram nele uma perda que nunca poderá ser compensada”. O Duque tentou se eximir da culpa pelo assassinato de Coligny sugerindo que os huguenotes estavam planejando uma conspiração à época. Mas o Eleitor logo o interrompeu dizendo: “Nós sabemos de tudo a esse respeito, senhor”.

Quando Charlotte de Bourbon, a esposa do Príncipe de Orange, morreu, aquele príncipe, em 1583, propôs casamento à Louisa. Ela já estava viúva há cerca de onze anos e, além disso, era pobre. Mas o príncipe estava muito feliz em aceitá-la, mesmo sem um dote de casamento, visto ser ela a filha do almirante Coligny. Então eles se casaram em Antuérpia, em 12 de abril de 1583, e em seguida passaram a residir em Delft.

O povo da Holanda, embora inicialmente inclinado a olhar com suspeita para o casamento que representava a união com a França, logo aprendeu a amá-la. O seu charme pessoal e seus modos polidos encantaram os seus súditos. Motley diz: “Ela era uma

mulher pequena e de boa aparência; com traços delicados, pele refinada e olhos negros muito belos, os quais pareceram, em anos seguintes, estar sobrecarregados de lágrimas não derramadas; ela possuía uma notável firmeza de opinião, assim como uma angélica doçura de caráter". A senhorita Benger chegou a afirmar: "Ela possuía mais firmeza de caráter e vigor intelectual do que Charlotte De Bourbon". O povo holandês havia reverenciado Charlotte, e agora, amavam Louisa.

Em 28 de fevereiro de 1584, nasceu a ela um filho, o príncipe Frederick Henry, que depois viria a ficar conhecido como o tão ilustre Príncipe de Orange, e líder dos holandeses. A alegria do povo foi tão grande pelo nascimento deste menino como filho do Príncipe, pois, se não fosse por ele, ela não teria tido nenhum outro filho do sexo masculino, de modo que se alguma coisa acontecesse ao seu filho mais velho, o príncipe Maurice, o Estado poderia sofrer grande perigo com uma mudança de dinastia. Mas o nascimento do filho de Louisa evitou que isso acontecesse.

No entanto, Louisa enfrentou também conflitos e temores, além, é claro dessas muitas alegrias. Ela temia que o seu marido fosse assassinado. Tenhamos em mente que isso havia sido intentado em 1582, mas sem sucesso. A recompensa que o rei da Espanha havia oferecido por sua vida continuava válida. E o seu receio provou ser verdadeiro, pois o homem que iria realizar este feito já se encontrava no palácio. Era um francês, chamado Gerard, proveniente de uma parte da França que estava sob o controle espanhol. Pensando na grande recompensa e movido por sua fé romanista, ele maquinou este feito durante seis anos.

Ele foi a Delft, em maio de 1584, e se dedicou tanto ao serviço do Príncipe que acabou se tornando um dos seus servos de maior confiança. Mas as suspeitas de Louisa cresceram e tornaram-se mais concretas, pois os olhos de uma mulher podem ver de modo mais penetrante o caráter de um homem, e assim ela perguntou ao seu esposo: "Quem é aquele homem de aparência sinistra, e o que ele quer?" "Ele quer um passaporte, e eu o concederei a ele", o príncipe respondeu.

Logo depois, Guilherme deixou a sala de jantar e encontrou com Gerard no corredor, ao pé da escada. Gerard segurava o passaporte em uma das mãos, como que esperando que o Príncipe o assinasse, mas a sua outra mão segurava uma arma. No momento em que Guilherme tirou os olhos dele, ele detonou três tiros que o acertaram em cheio. O príncipe cambaleou sob o efeito das feridas mortais e clamou em francês "Ó meu Deus, tenha misericórdia da minha alma e deste pobre povo".

Um dos auxiliares do príncipe o aparou em seu braços e o colocou sobre os degraus. Louisa e a irmã de William, a Condessa de Schwarzenburg, se achegaram a ele imediatamente. A sua irmã, sabendo que ele estava morrendo, perguntou se ele encomendava a sua alma a Cristo. Ele respondeu: "Sim". Esta foi a sua última palavra, pois ele morreu enquanto os seus assistentes o colocavam na cama. O assassinato ocorreu

em 10 de julho de 1584.

A pobre Louisa estava dominada pelo pesar. Ainda jovem, com a idade de trinta e dois anos, ela ficava viúva pela segunda vez. A trágica morte do seu esposo trazia à sua lembrança as dolorosas mortes de seu primeiro marido, bem como de seu pai, por assassinato. Ela como que sofreu novamente o terrível massacre de São Bartolomeu. Foi uma terrível provação, mas ela confiava em Deus e suportou o seu sofrimento com uma bela resignação.

"Ela tinha", diz Maurier, "a vantagem de ser filha do maior homem da Europa, e de ter tido dois esposos das mais eminentes virtudes, o último dos quais deixara para trás uma reputação imortal. Mas mesmo assim, ela ainda teve a desventura de perder os três por súbitas e violentas mortes, de modo que a sua vida não foi mais do que uma série contínua de aflições, as quais poderiam fazer com que qualquer pessoa afundasse sob elas. No entanto, uma alma como a dela já havia se conformado completa e inteiramente à vontade de Deus."

Deste modo, Guilherme foi assassinado um pouco mais de dois anos após a primeira tentativa, e Louisa veio a ficar viúva depois de apenas um ano e três meses de casada, estando o seu bebê com somente quatro meses e meio de idade. Ela ficou sem recursos financeiros e teve dificuldades com a manutenção de sua família. "Eu mal sei", escreveu ela para o irmão do seu esposo, o conde João de Nassau, "como as crianças e eu deveremos nos manter de acordo com as honras da casa". As províncias holandesas, no entanto, gentilmente concederam a ela uma pensão anual de $4.000.

Assim ela passou de uma condição anterior de falta de recursos para uma de certa tranqüilidade financeira ao longo de sua vida. Contudo, ela enfrentou muitas preocupações e cuidados especialmente com relação à educação das seis filhas da esposa anterior de Guilherme, a mais velha das quais tinha apenas oito anos de idade quando foi confiada a ela. Este dever ela cumpriu fielmente, a ponto de se dizer que ela estampou o seu próprio caráter nelas, de modo que elas pareciam-se mais com ela do que com a sua própria mãe.

Enquanto isso, grandes mudanças políticas haviam ocorrido na França. O rei Henrique de Navarra tinha se tornado rei da França e os reformados haviam conseguido o direito de culto, de acordo com o edito de Nantes. Desse modo, Louisa pôde gozar do privilégio de poder retornar à sua terra natal em 1549. Em um certo domingo daquele mesmo ano, ela veio a conhecer a Duquesa de Montpensier, que, no massacre de São Bartolomeu, havia distribuído sinais entre os católicos com vistas ao extermínio dos huguenotes. Quando ela adentrou a sala onde Louisa se encontrava, Louisa a deixou abruptamente, por não poder suportar a presença de tal mulher.

Mas o caminho de Louisa ainda viria a enfrentar alguns reveses. As controvérsias

religiosas irromperam na Holanda entre os Calvinistas e os Arminianos. O seu próprio pastor veio a se envolver nestas controvérsias. Pois quando ela se mudou para Haia, a capital da Holanda, em 1591, ela havia encontrado ali uma igreja reformada francesa e teve como pastor o renomado Utenbogard. Ele era um dos líderes do partido arminiano, e por isso a simpatia de Louisa esteve deste lado na controvérsia; mas o que ela desejava em seu coração era a tolerância religiosa.

Quando o governo holandês ordenou que todos os arminianos ou Remonstrantes deixassem o país, ela intercedeu por eles, especialmente por Barneveld, no que dizia respeito à paz e à liberdade religiosa. O resultado foi que ela se tornou impopular entre os holandeses e não pôde mais se sentir em casa entre eles. Então, após ter residido na Holanda por trinta e sete anos, ela decidiu deixar aquele país e voltar à França, sua terra natal. E, tão impopular ela acabou se tornando em virtude da controvérsia religiosa que, quando partiu, a população a vaiou nas ruas.

Mas o seu filho, Frederick Henry, a quem ela deixou ainda na Holanda, acabou por tornar-se rei, reintroduzindo ali a liberdade religiosa, permitindo que os arminianos retornassem para lá. Então, em última instância, ela saiu vitoriosa em seus princípios de liberdade. Porém, antes que isso acontecesse, ela já havia adentrado o seu estado de recompensa. Ela viveu apenas por um curto período depois que retornou à França. Em Fontainebleau, ela ficou doente. Quando se tornou conhecido que estava gravemente enferma e prestes a morrer, os católicos fizerem de tudo para que renegasse a sua fé, tentando ganhá-la para a fé romana.

O Cardeal Richelieu, o mais ardiloso dentre eles, foi enviado com esse propósito. Quando ele entrou no seu aposento, ele encontrou, de um lado do seu leito, o seu pastor reformado de Fontainbleau, Courcelles, e do outro lado, uma senhora protestante devota. Richelieu disse: “Madame, tome cuidado com a sua alma. Você tem dois espíritos malignos ao seu lado”. E então ele começou a admoestá-la quanto à situação da sua alma e a incitou a salvá-la pelo retorno à Igreja de Roma. Mas o malicioso cardeal, que sabia tão bem como moldar a história, encontrou alguém ainda maior à cabeceira do leito desta princesa reformada.

Ela se declarou firme quanto aos princípios da fé reformada e segura em sua esperança do céu e da salvação por meio dos méritos de Cristo, pedindo para ser poupada de intrometimentos como o dele, os quais não traziam a ela nem segurança, nem paz. Richelieu partiu derrotado, e o pastor reformado, Courcelles, a confortou até que viesse a morrer, regozijando em esperança, em 9 de outubro de 1620.

O seu corpo foi embalsamado e levado para Delft, onde foi posto em uma magnífica sepultura, juntamente com seu esposo. Por meio do seu filho, Frederick Henry, ela tornou-se a ancestral da Princesa Louisa Henrietta de Brandenburg e do Rei William da Inglaterra. “Nunca houve”, diz Brandt, “uma mulher de mais nobre alma e de um amor

mais verdadeiro pela justiça do que esta princesa”.



LOUISA DE COLIGNY, PRINCESA DE ORANGE

CAPÍTULO IV:
REFORMA NA ITÁLIA

Renée de Este

Duquesa de Este

Até mesmo pela Itália, a terra do Papa, a Reforma se espalhou. Uma das suas grandes protetoras ali foi a Duquesa Renée de Este. Ela não era italiana por nascimento, e sim francesa, tendo nascido em Blois, em 15 de outubro de 1510. Os seus pais haviam orado ardentemente por um filho que pudesse vir a ser herdeiro do trono francês, o qual excluía as mulheres de serem herdeiras. Quando, no entanto, uma menina nasceu, eles ficaram grandemente desapontados e olharam para ela como uma intrusa inocente, – um tipo de 'Icabode' [1] feminino, mostrando que a glória havia sido desviada da casa de seu pai.

Ela foi, portanto, desprezada e alguns a tem descrito como feia e até como corcunda, o que, no entanto, provavelmente não é verdade. Mas mais do que isso, o que importa é que ela era muito bela em seu caráter. Pois "belo é aquilo que a beleza faz". Mas, sendo filha do rei, tratava-se de alguém de muito prestígio, de modo que a sua mão foi, avidamente cobiçada e disputada. Ela quase chegou a casar-se com o jovem príncipe que depois veio a tornar-se o Imperador Carlos V, da Alemanha. Depois veio o Duque de Bouillon, o homem mais rico da França, e também o Cardeal Woolsey, que pediu a sua mão para o rei Henrique VIII, da Inglaterra, a fim de que ela viesse a suceder Catarina de Aragão.

Renée havia crescido duplamente órfã, visto que a sua mãe havia morrido quando ela tinha apenas três anos de idade, e o seu pai, quando ela tinha cinco. Ainda assim, ela foi bem treinada sob os cuidados da Rainha Margaret de Navarra, e pela Madame Soubise, sua governanta. Os seus estudos foram nos mesmos moldes dos de Margaret de Navarra, e uma das suas companheiras era Margaret de Angouleme, a qual veio a tornar-se uma grande adepta dos reformados, assim como era também a Madame Soubise. Debaixo de tais influências, ela desde cedo inclinou-se à 'nova religião' – como os reformados eram chamados naquela época.

No verão de 1528, quando ela tinha dezoito anos de idade, ocorreu o seu casamento com Hercules, Duque de Este, cujo lar era em Ferrara, no norte da Itália. A sua sogra era a famosa ou, melhor ainda, a infame Lucrecia Borgia, reconhecida por seus brilhantes talentos e por sua terrível maldade e astúcia. Foi um casamento político, mas Renée fora para a Itália para ser uma esposa fiel. A corte do seu esposo era um centro literário e ele convidou muitos homens letrados para Ferrara, publicando os seus trabalhos.

O artista da corte era Ticiano e o idoso Tasso era o seu secretário. Ariosto e Rabelais,

por suas genialidades e talentos, abrilhantavam a corte em Ferrara. Renée convidou as mentes mais brilhantes da Europa, assim como promoveu a elegância de modos que é tão própria aos franceses. Ela herdou todas as virtudes de seu pai unidas à bondade da sua mãe. Mesmo estando na Itália, ainda assim permaneceu fiel à sua religião reformada, e por esta razão foi severamente tratada pelo seu esposo.

Ainda em 1528, houve em Ferrara um ministro reformado, contudo não se sabe se foi em virtude da influência dela ou não. Como o seu sogro, o Duque Afonso, era um devoto católico-romano, ela só podia cercar-se de influências reformadas por meios indiretos. Selecionou, portanto, como tutores para seus filhos, alguns mestres reformados. O médico principal do seu esposo, Manzolli, era também um reformado. Os seus trabalhos, que satirizavam a viciosa vida do clero, foram proibidos pelo Papa e o seu corpo, depois da sua morte, chegou até a ser exumado e queimado por heresia.

Alguns dos professores e mestres da Universidade de Ferrara também eram reformados. Clement Marot, o escritor de hinos da Reforma e Charles D'Espeville, cujo nome verdadeiro era João Calvino, agraciou também a sua corte por um período. É dito que Calvino proferiu palestras sobre assuntos religiosos na capela do palácio, que era muito bela em virtude das imagens de Ticiano; e o número de reformados foi crescendo dia após dia.

Durante alguns anos, foi-lhe permitida grande liberdade em seus esforços religiosos, porém, com o tempo, a suspeita começou a manifestar-se dentro do clero romano. A filha de um rei tinha a liberdade que os filhos de um camponês não tinham, mas a sombra da terrível inquisição começou a soerguer-se. Calvino, após uma estadia de poucos meses, foi obrigado a se retirar dali. Em uma ocasião, o esposo de Renée permitiu que Calvino fosse preso em sua corte, sendo ele um convidado de sua esposa. Ela, no entanto, arranjou tudo em termos de um assalto ao homem que estava levando-o a Bologna para julgamento, e assim ele pôde escapar cruzando os Alpes.

Ochino, também, o general da ordem dos Capuchinhos, que podia "fazer pedras chorarem", como disse o Imperador Carlos V, foi condenado à morte por heresia, mas ela conseguiu que ele escapasse para Genebra. O seu esposo permitiu que a inquisição enchesse seus calabouços de prisioneiros, mas ele não pôde impedir a sua esposa de visitá-los em suas aflições e sofrimentos. Ao final, todos os reformados foram expulsos dali.

Ela sofreu grande pesar por seu total isolamento na Itália, como escreveu em uma carta à Rainha Margaret de Navarra. Mas ainda assim, por correspondência ela podia manter contato com os seus amigos reformados. A sua correspondência com Calvino foi considerável. O Papa a visitou em 1543 e deu a ela um valioso diamante e jóias, mas não pôde suborná-la para aceitar o Romanismo. A inquisição, no entanto, a cercou de espiões e gradualmente, a pequena congregação de Ferrara foi definhando até que, em 1550, a luz

da fé reformada havia se extinguido ali.

Tendo destruído os seus amigos, os papistas agora se voltaram contra ela. Por volta de 1552, um jesuíta foi forçado a ser seu capelão, mas ele descobriu que Renée sabia argumentar e debater melhor do que ele próprio, e relatou que ela era obstinadamente firme em suas convicções. Não obtendo sucesso em convertê-la ao romanismo, ele demandou do Duque que a excluísse de toda a sociedade. Então, em 1555, ela foi carregada à noite pelo castelo e colocada em confinamento solitário. Não foi permitido a ela nem livros, nem visitantes, e os seus filhos mais novos foram lançados em um convento. Só lhe era permitido conversar com os jesuítas.

Ameaçada, abandonada por todos os que lhe eram chegados, como um animal atemorizado, ela foi enfraquecida até que teve de aceitar a missa, tendo os jesuítas se vangloriado de ter conseguido convertê-la à Roma. Calvino manteve contato com ela durante todo o tempo por correspondência, tentando guiar a sua mente de modo correto, e fortalecê-la debaixo das perseguições. Em 1559, o seu esposo morreu, deixando para ela em testamento a sua fortuna, desde que ela permanecesse católica. Mas a fé de Renée não estava morta, embora os seus sofrimentos por ela tenham sido suficientes para destruir a fé de muitos outros. Ela novamente fez uma ousada declaração pela sua religião reformada. O seu filho, forçado pelo Papa, deu a ela a alternativa de tornar-se católica ou deixar a Itália. Ela, sem hesitação, escolheu a última opção. E em meio a grande pesar por parte do povo de Ferrara, ela deixou aquele país.

Mas quando retornou à França, quanta diferença encontrou depois dos trinta anos em que esteve ausente. Quase todos os seus antigos companheiros não mais ali estavam. Ela determinou, no entanto, fazer dos huguenotes os seus amigos, e lançar sobre eles o escudo da sua proteção. Ela intercedeu por eles junto à sua arqui-inimiga, Catarina de Médici, se correspondeu com Elizabeth – rainha da Inglaterra – em defesa deles, e encorajou Jeanne D'Albret. O comprometimento de Renée com os reformados acabou tornando sua permanência em Paris insegura, de modo que ela teve de se retirar para seu antigo castelo em Montargis, que se transformou em um asilo para os huguenotes perseguidos, de modo que eles o chamaram de "Hotel Dieu" ou "Hotel do Senhor". Ela abrigou a centenas ali e diz-se que, certa vez, cerca de trezentos huguenotes se assentaram à sua mesa.

O povo da cidade de Montargis era católico e intolerante e, em seu ódio pelos reformados, organizaram uma ofensiva contra o castelo; no entanto foram derrotados pelos soldados enviados pelo Duque de Conde, de Orleans. Finalmente, o Duque de Guise – que era genro dela, mas também líder do partido católico – determinou destruir aquele "ninho de hereges" em Montargis e ordenou que ela deixasse o castelo, pois o rei havia requerido aquele forte.

Ele enviou Malicorne, que ameaçou demolir o castelo caso ela não liberasse o prédio,

ocasionando a morte de todos os pastores reformados ali abrigados. O seu sangue real ferveu ao ouvir isso. "Esta sofrida mulher, prematuramente envelhecida", diz um escritor, "intimidou o general, mesmo tendo ele seis companhias de soldados à sua retaguarda". "Malicorne," – disse ela – "considere bem o que você está fazendo; pois homem algum no reino tem o direito de mandar em mim, senão o rei! E se você avançar, eu me colocarei na linha de frente para ser a primeira a ser ferida... pois eu quero ver se você terá a audácia de matar a filha de um rei, cuja morte tanto os céus como a terra exigiriam vingança, atingindo você e à sua semente, e até aos filhos dos seus descendentes". Malicorne não teve outra opção senão se retirar após tão brava atitude da sua parte. Sem dúvida, ela teria sido retirada à força do castelo, porém, felizmente para ela, logo após este episódio, o Duque de Guise foi assassinado.



RENÉE DE ESTE DESAFIANDO MALICORNE

O seu grande interesse na igreja reformada pode ser visto ainda no fato de que ela se fazia presente nas reuniões do consistório e tomava parte em seus procedimentos. Calvino escreveu para ela advertindo-a com relação a isso, e gentilmente a lembrou de que o apóstolo Paulo proíbe as mulheres de exercer autoridade eclesiástica (I Cor. 14:34-35 e I Tim. 2: 11-14). Ela respondeu que a rainha de Navarra, a esposa do Almirante Coligny e a sogra do Príncipe de Conde haviam feito a mesma coisa, mas que, ainda assim, ela não faria isso novamente. Em sua relação com o consistório, ela não fez mais do que prenunciar, pela sua ação, a presente atividade das mulheres na igreja.

Quando Calvino morreu, ela lamentou profundamente a sua morte. Tão grande era a sua consideração para com ela, que ele chegou a escrever-lhe inclusive em seu leito de morte. Ela manifestou continuamente a sua grande admiração pelo reformador, prestando honra à sua memória. Ela também foi testemunha do terrível massacre de São Bartolomeu em 1572. Alguns escritores supõem que ela estava em Paris na época, mas isto não é provável, pois ela teria, sem sombra de dúvida, sido morta naquela ocasião. O seu grande pesar e tristeza foi que a sua própria filha, a Duquesa de Guise – a qual, desde o assassinato do seu esposo, havia demonstrado que toda a feroz natureza da sua avó, Lucretia Borgia, se insurgira no seu interior – foi uma das primeiras a viabilizar o massacre dos huguenotes. Não há dúvidas, porém, de que Renée, com sua usual bondade, protegeu e salvou tantos huguenotes quanto pôde, neste massacre.

Ela morreu em Montargis, tendo sido grandemente pranteada pelos huguenotes, em 12 de junho de 1575, com cerca de 65 anos de idade. A sua sepultura está ali, com a insígnia de Ferrara e o seu número sobreposto por uma coroa. Mas ela já recebeu uma coroa ainda maior, uma coroa celestial, juntamente com a bênção do seu Senhor, que certamente pôde dizer da sua vida e da sua bondade "Muito bem!". Em um lado de sua lápide estão esculpidos os lírios da França, e no outro, um vison, de pelagem branca, sem mancha alguma, símbolo da sua pureza de caráter, e símbolo também das vestes que agora usa, "lavadas e purificadas no sangue do Cordeiro".

[1] Do Hebraico: 'onde está a glória?'. Nome dado pela nora de Eli ao seu filho, em 1 Samuel 4:21, dizendo: 'foi-se a glória de Israel'; visto que, logo antes do parto, ela recebera a notícia de que a arca da Aliança havia sido tomada de Israel, e ambos o seu sogro e o seu esposo haviam morrido na guerra contra os filisteus (Nota do Tradutor).

Olympia Morata

A Erudita Cristã

Uma das personagens mais belas da Reforma foi Olympia Morata, a erudita cristã. O seu nome era clássico – Olympia – mas o seu espírito mesclava todos os antigos gênios da Grécia clássica com a doçura do cristianismo. Ela era, por nascimento, italiana, um dos frutos da reforma na Itália, que teve os seus primeiros brotos terrivelmente esmagados pela inquisição. O seu pai era tutor dos dois filhos do Conde de Este, no norte da Itália, e ela nasceu em Ferrara, em 1526.

O seu pai, Fulvio Morato, desde cedo a treinou nas línguas clássicas, que na época, estavam causando tão grande furor na Europa. Ela progrediu tanto nesses estudos que, em poucos meses, já podia falar Latim e Grego com muita facilidade. Quando completou doze anos de idade, a sua fama como uma estudiosa dos clássicos já havia sido divulgada até mesmo no exterior. À idade de quatorze anos, ela compôs uma defesa para Cícero, em resposta aos seus caluniadores. Ela era considerada um prodígio – a mulher mais erudita de toda a Europa.

Ela tornou-se tão culta e instruída que quando a Duquesa Renée de Este estava à procura de uma companheira de estudos para sua filha, escolheu Olympia. E assim a sorte de Olympia foi lançada e cercada das mais agradáveis circunstâncias – um gênio feminino vivendo como princesa. Ela logo se tornou o ídolo da corte, que era repleta de doutores. Ela proferia palestras em Ferrara acerca dos autores clássicos na academia privada da Duquesa.

Assim, enquanto estava morando no palácio, as doutrinas da Reforma começaram a chegar em Ferrara. Dois alemães, de nome Sinapius, que ensinavam grego e medicina ali, haviam trazido estas doutrinas da Alemanha. A vinda de Calvino e a sua breve estadia ali fortaleceram as influências evangélicas naquela corte. Mas foi a conversão do seu pai ao protestantismo que mais a influenciou.

De humanista, ele tornou-se protestante. Pois enquanto Olympia estava na corte, o seu pai havia sido banido de Ferrara e se estabelecido em Vercelli. Ali aconteceu de ele hospedar um missionário protestante, chamado Celio, que havia sido um antigo conhecido seu. Celio retribuiu a gentileza guiando-o em direção a alguém muito mais elevado e valioso do que os clássicos (que até este momento haviam sido os seus ídolos): a Cristo. A conversão de Morato foi seguida pela conversão de outros em sua casa.

Enquanto isso, Olympia, na corte do Duque de Este, ainda idolatrava os clássicos. Ela diz de si mesma: “Eu não tinha gosto algum pelas coisas divinas. A leitura do Antigo e do Novo Testamento só me inspiravam repugnância”. Mas em meio às suas alegrias e honrarias, eis que o seu pai veio a encontrar-se enfermo em 1548. Ela deixou a corte imediatamente e partiu para cuidar dele. Ele calmamente aguardou a morte, prestando um belo testemunho por Cristo.

A morte do seu pai foi apenas o início de uma vida de muitos sofrimentos. Logo após a morte dele, a princesa que ela havia acompanhado durante tanto tempo, Anne de Este, veio a se casar, e ela ficou agora sem ninguém na corte que a defendesse das suspeitas de haver se tornado protestante. Ela foi obrigada a deixar a corte e, embora fosse a mais estimada deste círculo social, foi cuidar da sua mãe que se encontrava inválida, bem como das suas três irmãs e de um irmão ainda criança. Desse modo, ela veio a sacrificar honra e posição social pelo evangelho, escolhendo, assim como Moisés, antes sofrer pelo povo de Deus do que desfrutar dos prazeres transitórios do pecado.

Entre os estrangeiros que haviam ido estudar na Universidade de Ferrara estava um alemão de nome Andrew Grunthler. Por meio de Sinapius, ele ouviu acerca de Olympia. Desse modo, ele aprendeu a admirá-la, e depois a amá-la. Ele pediu a sua mão em casamento, e foi aceito, de modo que vieram a se casar em 1549. As orações da pequena igreja reformada de Ferrara se elevaram em favor desse jovem casal, suplicando as bênçãos de Deus sobre suas vidas. Ela compôs um hino nesta ocasião, o qual poderia ser comparado à uma ode de Píndaro[1], embora com um tema cristão ao invés de pagão, ao logo de todo o poema: “Oh, todo-poderoso Deus, Rei dos Reis, Criador do homem e da mulher! Tu que deste ao primeiro homem uma companheira para que a raça dos mortais não perecesse; Tu que desejaste que a alma proveniente da humanidade venha a ser a mística noiva do Teu próprio Filho, e que fizeste com que Teu divino Filho desse Sua vida por ela; Oh, derrama paz e bênçãos sobre estes dois que agora se unem diante de Ti. A Tua lei é o leito nupcial e o hímen deste eterno amor”.

Mas os perigos começaram a rondar a pequena igreja reformada de Ferrara. O Papa não admitiria uma igreja reformada na Itália. Grunthler, portanto, se preparou para partir e retornar à Alemanha, a fim de procurar vaga em alguma universidade. Ele, primeiramente, deixou Olympia ainda em Ferrara, visto que temia que a jornada pelos Alpes em pleno inverno seria algo severo demais para ela. Após alguns meses ele retornou, levando-a com ele para longe de sua querida cidade. Eles começaram esta viagem em junho de 1550, acompanhados do irmão dela, Emilio, de oito anos de idade.

Eles viajaram pelo Tyrol, passando o exército imperial, e finalmente chegaram em segurança em Augsburg. Ali, os irmãos Fugger eram comerciantes ricos, e lideravam o comércio e as artes na cidade. Eles haviam ouvido da fama de Olympia, e então, deram a ela e a sua família uma calorosa acolhida, providenciando acomodação para eles

enquanto estivessem na cidade. De lá, eles seguiram para Wurzburg, onde o seu irmão mais novo sofreu um acidente, tendo sido salvo da morte por um milagre. Enquanto brincava com um amigo, ele de repente caiu de uma galeria elevada, batendo com a cabeça nas rochas abaixo. Todos pensaram que ele havia morrido, mas, por incrível que pareça, nem sequer chegou a machucar-se seriamente. Ela disse que viu nisto como Deus envia os seus anjos para cuidar daqueles que são os seus santos.

Então, em 1551, juntamente com o seu esposo, seguiu para Schweinfurth, cujo senado havia convidado-o para servir como médico dos soldados espanhóis. E Olympia, a grande intelectual clássica da época, teve que abrir mão dos seus talentos indo viver em uma pobre vila do campo. A sua estadia ali, no entanto, tornou-se agradável pelo seu empenho na educação de seu irmão e pelo carinho dos protestantes da pequena cidade, especialmente de seu pastor. Ali ela traduziu para o grego muitos dos Salmos ao mesmo tempo em que cuidava da educação do irmão mais novo.

No entanto, infelizmente, o lugar que eles esperavam ser um refúgio provou ser o lugar de maior perigo. A maré de guerra veio depois a varrer esta cidadela. Aconteceu que o Marquês Albert de Brandenburg escolheu Schweinfurth como o lugar para defender-se do Imperador. Os príncipes vizinhos do Império se juntaram para derrotá-lo. Assim, os habitantes da cidadela vieram a sofrer terrivelmente por uma disputa que não lhes dizia respeito. O bloqueio militar começou em abril de 1553 e durou por quatorze meses.

Foi uma experiência terrível. Os muros e as casas eram continuamente atingidos pela artilharia inimiga. Os cidadãos temiam sair às ruas, e ainda assim, acabavam encontrando a morte no interior de suas próprias casas. Bandos do inimigo muitas vezes invadiam a cidade e, entrando nas casas, extorquiam os moradores. Estas cenas foram se tornando cada vez piores. A fome e a escassez acrescentaram os seus horrores à guerra, e a peste seguiu-se à fome, até ser dizimada metade da população da cidade.

Em meio a todos estes horrores, a coragem de Olympia não lhe abandonou. Ela escreveu: “Debaixo do peso de tantos males, temos encontrado consolação apenas na oração e na meditação na Santa Palavra”. O seu esposo contraiu a febre e – que desgraça! – todos os remédios estavam esgotados. Parecia que nada além de um milagre poderia salvá-lo. Olympia foi Àquele que é melhor do que qualquer remédio, Aquele que ouve e atende as orações. As suas orações foram respondidas e, graças aos Céus, o seu esposo foi salvo! Isto deu a ela coragem, pois o Senhor, que havia cuidado e poupado ao seu esposo, certamente cuidaria deles em meio ao bloqueio também.

Mas os terrores da guerra só se agravaram. O inimigo lá fora estava enfurecido pela bravura dos defensores. Uma chuva de fogo parecia invadir a cidade todas as noites. As casas não podiam mais garantir segurança alguma para os seus habitantes. Eles foram obrigados a buscar refúgio até nas profundezas da terra. Olympia, com seu esposo e

irmão, passou várias semanas na profundeza de uma caverna obscura, com medo de sair dali. Finalmente, o Marquês, vendo a derrota à sua frente, repentinamente evacuou a cidade no meio da noite. O inimigo entrou, e os cidadãos descobriram que eles não trouxeram alívio algum, apenas mais opressões; pois saquearam a cidade e ainda a incendiaram!

Terríveis foram aquelas cenas. A multidão se comprimia junto aos portões tentando escapar, apenas para serem trazidos de volta e condenados a perecer. Alguns prepararam os seus próprios funerais em suas casas. Alguns caíam de joelhos tentando amolecer os duros e cruéis corações do inimigo, mas foi tudo em vão. Outros correram em direção à igreja como um asilo de segurança, mas acabaram perecendo no interior do prédio quando foi incendiado. Olympia e sua família estavam sendo arrastados com a multidão que se agitava em direção à igreja, onde eles teriam perecido, quando um soldado os ajudou a fugir, evitando assim que fossem mortos e soterrados pelos escombros da cidade.

Eles seguiram este misterioso guia, enviado do céu para salvá-los, que guiou-os por uma rota tortuosa para além dos muros da cidade. Ao olharem para trás, eles viam as chamas se amontoando em direção ao céu e as casas despedaçando-se com o calor. Eles se apressaram e pensaram que estavam a salvo quando foram atacados por um bando de soldados que roubou tudo o que tinham, tendo o seu esposo também sido levado por eles como prisioneiro. Em sua grande aflição, ela clamou ao Senhor: “Ajuda-me, ajuda-me, por amor ao Teu nome!”.

Excessivamente triste era a sua condição quando finalmente escapou de todo esse perigo. Ela havia perdido seus sapatos, seu cabelo completamente desgrenhado e as suas roupas não passavam de trapos, de modo que mal tinha vestimenta suficiente para cobrir-se. Durante aquela terrível noite ela viajou mais de dez milhas. Chegou à vila de Hamelburg podendo ser comparada à “rainha dos mendigos”, pois entrou ali com um vestido emprestado, pálida, desnutrida e doente com a febre.

Os cidadãos de Hamelburg não ousaram mantê-los por muito tempo, por medo do inimigo. Então, embora ela estivesse tão doente que mal conseguia andar, foi obrigada a partir dali. Quando eles seguiam a margem do rio, os espinhos e as pedras cortavam os seus pés expostos, até que ela clamou em sua agonia: “Eu não posso mais ir adiante. Eu estou morrendo. Senhor, se assim Tu desejas, salva-me! Envia os teus anjos para sustentarem-me em suas asas”. Na próxima cidade em que chegou, o tenente encarregado havia sido ordenado a executar todos os refugiados. No entanto, estando o bispo ausente no momento, ao invés de executá-los logo, o tenente permitiu que permanecessem ali até que o bispo retornasse, mantendo-os, enquanto isso, em suspense entre a vida e a morte. Mas finalmente ele os libertou.

Então, os ventos celestiais começaram a soprar em outra direção; o favor do céu começou a novamente brilhar sobre eles. Um nobre desconhecido, tocado pelos seus

sofrimentos, deu a eles quinze florins de ouro. Com isso, puderam continuar o seu caminho até Erbach, no Palatinado, cujo conde era tão piedoso, que um pastor da cidade vizinha disse sobre ele: “aprendi mais em poucos dias em sua companhia, do que em seis anos na Universidade de Wittemberg” .

Quando, afinal, pôde encontrar um abrigo seguro, Olympia se abateu completamente. Ela estava por demais abalada. A um só sopro ela havia perdido toda a fortuna do seu esposo, e também os seus livros – que haviam sido trazidos a grandes custas da Itália –, todos os quais, porém, vieram a ser vítimas das chamas em Schweinfurth. A febre que a havia acometido agora se apoderava de todo o seu vigor. Ela estava, entretanto, sendo muito bem cuidada por uma das nobres famílias do Palatinado, a do Conde de Erbach.

A condessa cuidou dela como uma irmã, e quando ela veio a ficar convalescente, se agradou demasiadamente ao descobrir que o seu irmão estava agora abrindo o seu coração para a fé reformada. Ela encontrou uma atmosfera religiosa naquela nobre família, pois o Conde prestava cultos familiares em seu lar e diariamente visitava o seu povo, exortando-os à piedade. O Conde usou da sua influência para fazer com que o esposo de Olympia – que havia conseguido chegar até ali em segurança também – fosse nomeado como professor em Heidelberg. Ele obteve sucesso em indicá-lo ao Príncipe do Palatinado, e eles deixaram Erbach para ir residir em Heidelberg.

No caminho, um agradável incidente ocorreu. Em uma noite, eles chegaram a uma pousada, onde o mestre de uma escola e seus pupilos haviam chegado para dar um concerto. Os seus alunos não foram muito bem. Na realidade, eles foram um fracasso. Olympia, então, se levantou apressadamente e, com sua graça encantadora, foi até eles para encorajá-los e ajudá-los. O mestre ficou imensamente surpreendido que ela conhecesse as partes que cabia a cada criança. Somente mais tarde, conversando com os visitantes, ele descobriu que aquele era o professor Grunthler e sua famosa esposa Olympia. Ele, então, correu apressadamente até a sua casa, trazendo de volta partes de composições feitas por Grunthler, as quais ele cantava freqüentemente com sua família. Ele ficou grandemente honrado de conhecer o autor dessas composições.

Dois dias depois, eles chegaram a Heidelberg, em agosto de 1554, e encontraram ali um lar muito agradável e adequado às suas necessidades, visto que Heidelberg era não somente bela devido ao local onde se situava, mas também porque havia se tornado um grande centro de estudos. Ali eles encontraram ainda antigos amigos, como Sinapius – o seu antigo professor de grego – e Curione, que deu a eles uma cordial recepção.

Ela e o seu esposo estavam, no entanto, realmente muito pobres, e tiveram de pedir emprestado vinte florins de ouro para cobrir as suas despesas do primeiro mês. Enquanto

ele dava palestras em medicina, ela dedicou-se aos deveres domésticos. Leodius afirma, em seus escritos, que Olympia foi chamada a Heidelberg como professora e que se tornou uma palestrante feminina ali. Não há dúvidas de que, graças aos seus talentos, ela teria exercido tal função com grande propriedade. Entretanto, ela não faz referência a esta atividade em nenhuma das suas cartas, e nem os atos da universidade mencionam qualquer ligação dela com a instituição. O seu nome é apenas mencionado uma vez nestes atos, e depois há algumas referências aos seus poemas.

Ela manteve uma abrangente correspondência. A destruição da pequena igreja reformada de Ferrara pelo Papa causou a ela grande sofrimento. Alguns de seus membros foram presos, outros exilados, e outros encontraram segurança apenas quando se refugiaram em outros países. A apostasia temporária da sua querida amiga, a Duquesa Renée, causou a ela grande dor. A sua companheira, Anna de Este, havia se tornado líder da casa de Guise, na França, que tão terrivelmente perseguiu os reformados ali.

Assim ela escreveu à Anna, suplicando por eles: "Visto que o Senhor a tem honrado com tão grande bênção, que é o conhecimento da verdade, você não pode estar ignorante da inocência destes homens que são, todos os dias, arrastados à plataforma de decapitação e que são expostos a tão cruéis tormentos pela causa de Cristo. É seu dever interceder por eles. Se você permanecer em silêncio e permitir que eles sofram e morram sem defesa alguma, você estará sendo cúmplice daqueles que os perseguem. Eu sei que ao suplicar pela causa deles você poderá provocar a ira do rei e a fúria dos seus inimigos. Mas eu lhe respondo com firmeza que é melhor ser exposta à ira dos homens do que à de Deus. 'Se Deus é por nós, quem será contra nós?'". O resultado desta sua súplica foi que, por muitos anos depois disto, a única pessoa na corte francesa que ousava levantar a sua voz contra a perseguição era Anna de Este.

Olympia também esteve ocupada com a educação do seu irmão Emílio. Ela lhe ensinou os clássicos, mas o seu grande deleite era poder ensinar-lhe as verdades das Escrituras. A Palavra do Senhor foi o seu consolo nos dias de sua pobreza e de sua fraqueza. Desse modo, visto que tinha que se dedicar aos afazeres domésticos, sobrava-lhe pouco tempo para os estudos literários. Mas infelizmente não foi permitido a ela viver durante muito tempo neste aprazível lar.

Os seus sofrimentos durante o bloqueio militar em Schweinfurth e durante os seus tempos de fuga haviam enfraquecido tanto sua saúde que ela parecia não conseguir recuperar-se. O perigo aumentou ainda mais quando a peste irrompeu em Heidelberg, em junho de 1555. Em julho, ela estava tão fraca que já ninguém mais esperava que se recuperasse. Ela mesma sentia que não iria mais melhorar. Escrevendo para Curione, diz: "Quanto a mim, eu estou mais fraca a cada dia. A febre não me deixa nem por uma hora".

A sua morte foi, no entanto, radiante e cheia de esperança, como o que ocorreu no Monte da Transfiguração. Naquele momento, ela pareceu não sentir os sofrimentos da

morte, mas apenas o seu gozo e a sua glória. Para ela, era como se o Senhor houvesse retirado o aguilhão da morte e deixado apenas o seu mel. Ela viu o céu antes mesmo de chegar lá. Poucas horas antes da sua partida, ela acordou de um profundo sono e sorriu do modo mais belo. Quando lhe perguntaram a causa de tão doce sorriso, ela disse: "Eu, em um sonho, vi um lugar iluminado pela mais pura, mais bela e mais brilhante luz". O seu esposo respondeu: "Coragem, minha mui amada; você logo habitará no meio desta pura luz". Ela sorriu e acenou em consentimento. Logo após, a sua visão falhou. "Eu não mais posso ver", disse ela ao seu esposo, "mas tudo o que me cerca parece estar adornado com belas flores". E estas foram as suas últimas palavras. Ela caiu imediatamente em um profundo sono e assim faleceu.

Ela partiu no dia 25 de outubro de 1555, ainda jovem, com apenas 29 anos de idade. Porém, embora tenha morrido tão cedo, já havia granjeado fama e passado por sofrimentos que caberiam em uma longa vida. Sua morte foi lamentada em todo o mundo protestante de então – França, Suíça, e Alemanha. A peste continuou a causar terrível destruição. Seu marido, afetado pela perda da esposa, ia agora a todos os lugares, imprudentemente se expondo como médico para lutar contra a terrível praga. Ele já não se importava em viver, visto que Olympia não mais vivia. Parecia estar cortejando a morte, e ela o alcançou, um mês após a morte da sua esposa.

Emilio também foi vítima desta peste. Os três membros desta tão ilustre e piedosa família estão sepultados na histórica Igreja de São Pedro, em Heidelberg, onde, ainda hoje, o visitante pode ler esta inscrição: "Em nome do eterno Deus e em memória de Olympia Fulvia Morata, a amada esposa de Andreas Grunthler. Os seus notáveis feitos em várias línguas, a maravilhosa pureza da sua vida e a sua piedade a elevam acima de todas as do seu gênero. O testemunho da sua vida foi até mesmo sobrepujado pelo da sua morte. De modo pacífico, alegre e santo ela morreu, no ano MDLV do nosso Senhor, à idade de XXIX anos, em terras estrangeiras. Aqui jaz o seu corpo, com o do seu esposo e do seu irmão Emilio".



OLYMPIA MORATA

[1] Poeta lírico grego (518-438 a.C.) (Nota do Tradutor).

CONCLUSÃO

Ao lermos as vidas dessas grandes mulheres, é impossível deixar de fazer algumas considerações:

Primeiramente, fazemos coro com o Salmista: Que variedade, Senhor, nas tuas obras! Assim como, na obra da Criação, Deus demonstra a sua sabedoria, poder, soberania e glória na grande variedade de seres, objetos, cores, formas, texturas e sabores que criou, é surpreendente observar a diversidade na escolha e na preparação dessas mulheres: donas de casa e rainhas, solteiras e casadas, ricas e pobres, cultas e iletradas, ousadas e tímidas. Entretanto, todas cumpriram o papel para o qual Deus as designou, fosse à frente de um exército ou no recôndito de seus lares. Todas ajudaram a transformar o mundo religioso da época com suas vidas, atos e escritos, tanto no palácio, quanto na masmorra ou mesmo na cozinha.

Em segundo lugar, é também impressionante constatar – utilizando as palavras do livro de Apocalipse – a "fúria do Dragão". Como, nesse período, Satanás se volta contra a Igreja de Cristo, através de seus agentes mais poderosos: a autoridade civil e (principalmente) a autoridade eclesiástica, fomentando o ódio e a intolerância religiosa, ao ponto de terem sido cometidas atrocidades inimagináveis em nome da fé. Tanto em meio à perseguição, quanto através dos sofrimentos em geral, por amor ao evangelho essas mulheres padeceram como poucas: perderam esposo, filhos, amigos, bens, reputação, liberdade e a própria vida. A grande maioria de nossos sofrimentos – mesmo de nossas tragédias pessoais – são tão menores que deveríamos "corar de vergonha" ao pensar em nos queixarmos.

Finalmente, é impossível deixar de perceber (e ressaltar) a relação entre a soberania de Deus e a responsabilidade humana em cada vida e episódio, assim como a importante questão da necessidade de discernimento espiritual. Por um lado, elas oravam e esperavam em Deus, mas por outro, não ficavam paradas: agiam. Contudo, é interessante observar que houve hora de falar e de calar, de fugir e de enfrentar, de tomar partido e de tolerar. Para que a Reforma seguisse o seu curso, muitas decisões (e ações) foram tomadas e muitas outras deixaram de o ser, tendo, cada uma dessas mulheres, exercido plenamente sua liberdade de escolha individual, com seus erros e acertos, virtudes e falhas, porém tudo concorrendo para um "fim proveitoso... segundo o conselho da Sua vontade, e tudo para o louvor da Sua glória!"

- Layse Anglada, Editora.

APÊNDICE DO EDITOR

Katharina Von Bora

Esposa de Lutero

Uma das figuras femininas mais importantes da Reforma Protestante do Século XVI foi, sem dúvida, Katharina Von Bora. Não que ela tenha praticado qualquer grande ato heróico, se envolvido pessoalmente em grandes controvérsias ou sido martirizada em virtude de sua fé. No dizer de um de seus biógrafos: "ela não escreveu nenhum livro nem jamais pregou um único sermão, mas seu inestimável auxílio possibilitou que seu marido fizesse tudo isso como poucos na História da Igreja". Estamos falando da Sra. Lutero.

Katharina nasceu em 1499, filha de um nobre alemão que passava por dificuldades financeiras. Aos 3 anos de idade, perdeu sua mãe, e seu pai a levou para estudar na escola do convento Beneditino, onde vivia sua tia Madalena Von Bora. Aos 9 anos, entrou para o convento propriamente dito, tornando-se freira aos 16 anos de idade.

Quando Lutero fixou as suas famosas 95 teses nos portões da Capela de Wittemberg, Katharina estava com 18 anos de idade. Entretanto, ela e outras freiras do convento ouviram falar do ensino bíblico de Lutero, e crendo no que ele pregava, desejaram abandonar a clausura. Escreveram aos seus pais, mas eles não tomaram nenhuma atitude no sentido de libertá-las. Decidiram então escrever a Lutero, tendo a carta sido redigida pela própria Katharina. Quando o reformador tomou conhecimento do fato, encorajou um amigo negociante a ajudá-las a escapar. Esse homem, Leonardo Koppe, ia frequentemente ao convento, levando alimentos e todo tipo de mantimentos para abastecer o mosteiro, e uma noite, em 1523, ajudou-as a fugir, transportando as 12 noviças em um barril de peixes! Muitas retornaram às suas famílias. Lutero procurou auxiliar a todas, ajudando-as a encontrar moradias, maridos e empregos. Dois anos após a fuga, todas haviam seguido seu destino, exceto Katharina, que morou por um curto período de tempo na casa do pintor Lucas Cranach, autor de seu famoso retrato.

Em 1524, com a aprovação e recomendação de Lutero, Katharina foi cortejada por um dos alunos de Wittemberg, mas seu pai se opôs ao casamento. Neste mesmo ano, Lutero arrumou-lhe um novo pretendente, o Pastor Glatz, mas ela recusou-se a desposá-lo. Ela costumava dizer: "Só me casarei com o Dr. Lutero ou com alguém muito parecido com ele". Lutero ria ao ouvir isso, pois apesar de, já àquela altura, condenar o celibato, não tinha a intenção de casar-se: "nunca farão com que eu me case!", afirmou ele. Alguns garantem que ele chegou a interessar-se por outra ex-freira, Ave Von Schonfeld, mas o relacionamento parece não ter prosperado.

Porém, gradualmente, tanto pela convivência, como por insistência de seus amigos e de seu pai, Lutero acabou propondo casamento à Katharina. Eles ficaram noivos em 13 de junho de 1525 e casaram no dia 25 de junho daquele mesmo ano, ou seja, doze dias depois! A decisão parece ter causado surpresa, pois o próprio Melanchton, escrevendo a um amigo, declarou: "Inesperadamente, Lutero desposou Bora sem sequer mencionar seus planos ou consultar seus amigos". Muitos foram contra o casamento, pelos motivos mais variados. Primeiramente porque, àquela altura, ainda não se admitia que os religiosos contraíssem matrimônio: tratava-se de um escândalo! Segundo, pela grande luta que o reformador vinha travando contra Roma: na condição de herege e proscrito, sua vida estava em constante perigo. Outra razão era a diferença de idade: quando casaram, Lutero estava com 42 anos e Katharina com 26! Ela também sofreu difamações pela união com o reformador, mas, felizmente, o casamento ocorreu e eles viveram felizes por cerca de 21 anos, até a morte do reformador. São curiosos alguns escritos de Lutero sobre esse período inicial de sua vida matrimonial. Escrevendo a um amigo, ele declarou: "Existem algumas coisas com as quais precisamos nos acostumar no primeiro ano de casamento; o sujeito acorda de manhã e encontra um par de tranças postiças no travesseiro, onde antes não havia nada!" Entretanto, após um ano de casado, escreveu: "Minha Kathe é, em tudo, tão dedicada e encantadora que eu não trocaria minha pobreza pelas maiores riquezas do mundo". E mais tarde: "Não há na terra um laço tão doce, nem uma separação mais amarga como a que ocorre num bom casamento". Finalmente, é bem conhecida a sua declaração: "Não há relação mais bela, mais amável e mais desejável, nem comunhão e companhia mais agradável do que a de marido e mulher num casamento feliz".

O príncipe Frederico havia dado de presente a Lutero o prédio do mosteiro agostiniano em Wittemberg, e foi para lá que a familia se mudou em 1525. Katharina reformou o mosteiro e o administrou, o que veio a permitir que Lutero gozasse de relativa paz e ordem em sua vida privada. Ela dirigia e administrava as finanças da família, para que ele pudesse dedicar-se às tarefas que essencialmente lhe competiam: escrever, ensinar e pregar. Ela foi uma esposa dedicada e diligente, a quem Lutero frequentemente se referia como: "Kathe, minha patroa (no inglês, my lord)". Eles tiveram 6 filhos, dos quais 4 sobreviveram até a idade adulta. Além disso, cuidavam de uma parente de Katharina e, em 1529, com a morte da irmã do reformador, mais 6 crianças – agora órfans – se juntaram à família. Além dos familiares e de um cachorro de estimação, era comum haver mais de 30 pessoas no mosteiro, entre hóspedes, viajantes em trânsito e estudantes (eles costumavam receber estudantes, que pagavam pelos seus estudos, ajudando assim a equilibrar o orçamento doméstico). Desse modo, sua rotina diária era bastante atarefada: ela tinha uma horta, um orquidário, confeccionava material para pescaria, e acabaram, posteriormente, adquirindo uma pequena fazenda onde criavam gado, galinhas e fabricavam cerveja caseira. Ela também gostava de ler e de bordar. Lutero costumava chamá-la de "a estrela da manhã de Wittemberg", já que diariamente levantava às 4 horas da madrugada para dar conta de suas muitas responsabilidades. Com muita freqüência, o reformador caía enfermo, e Katharina cuidava dele não simplesmente como esposa, mas quase como enfermeira, devido aos grandes

conhecimentos médicos que possuía.

Entretanto, sua vida não era somente dedicada às coisas materiais. Seu marido a encorajava em seus estudos bíblicos devocionais e sempre sugeria algumas passagens particulares para que memorizasse. Quando ele se encontrava deprimido, era a sua vez de ajudá-lo: sentava-se ao seu lado e lia a Bíblia para ele, edificando o seu coração. Conta-se que, certa vez, Lutero estava bastante deprimido. Não se alimentava e passava os dias trancafiado em seu quarto. Estava cheio de dúvidas sobre se o que fazia era ou não da vontade Deus. Katharina vestiu-se de preto e entrou subitamente no aposento. Lutero tomou um grande susto, pensando que alguém tinha morrido. Katharina respondeu: "Ao que parece, Deus morreu!" A reação de Lutero foi imediata: levantou-se e saiu do quarto, agradecendo à esposa por fazê-lo retornar à vida.

Em termos de recreação, Lutero gostava de participar de jogos ao ar livre com a família, e também apreciava os jogos de mesa, como o xadrez, além de jardinagem e música. Ele e Katharine eram pais diligentes, "disciplinando seus filhos, em amor". Seu lar era famoso pela vitalidade e felicidade ali reinantes. Dessa forma, a família do reformador tornou-se um modelo para as famílias cristãs alemãs por muitos anos. Lutero considerava o casamento como a melhor escola para moldar o caráter, e a vida familiar um meio excelente e apropriado para treinar e desenvolver as virtudes cristãs da firmeza, paciência, bondade e humildade.

Lutero faleceu em 1546, e Katharina ainda viveu por mais 6 anos. Ela chegou a ver seus filhos atingirem a idade adulta, alcançando posições de influência na sociedade, exceto aqueles que morreram na infância, causando grande sofrimento aos pais: sua primeira filha (Elizabeth) que morreu com 8 meses de idade, e a segunda filha (Madalena) que faleceu aos 13 anos. Para termos uma idéia desses sofrimentos, segue um breve relato. Quando Madalena adoeceu gravemente, Lutero orou: "Senhor, eu amo muito a minha filha, mas seja feita a tua vontade". Ajoelhando-se junto à cabeceira de sua cama, falou: "Madalena, minha menina, eu sei que você gostaria de permanecer aqui com o seu pai, e também sei que gostaria de ir encontrar-se com o seu Pai no céu". Ela, sorrindo, respondeu: "Sim, papai, como Deus quiser". Finalmente, depois de alguns dias, ela faleceu em seus braços, e no seu sepultamento, Lutero disse chorando: "Minha querida e pequena Lena, como você está feliz! Você ressurgirá e brilhará como o Sol e as estrelas... É uma coisa esquisita – eu saber que ela está feliz e em paz, e ainda assim me sentir tão triste!"

Quanto aos outros filhos, o mais velho (Hans) estudou Direito e tornou-se conselheiro da corte. O segundo (Martin), estudou Teologia. O terceiro (Paul), tornou-se um médico famoso, e a terceira filha (Margareth) casou-se com um rico prussiano. A título de curiosidade: os descendentes de Lutero que ainda vivem, descendem de sua filha Margareth, dentre eles, o ex-presidente da Alemanha, Paul Von Hindenburg.

No mesmo ano da morte de Lutero (1546), Katharina deixou Wittenberg e fugiu para Dessau, devido à guerra smalkaldiana e, em 1552, viajou para Torgau, fugindo de uma peste que graçara em Wittemberg. Ela morreu em 20 de dezembro de 1552 na cidade de Torgau.

Encerro esse breve relato sobre a vida de Katharina, citando um último testemunho de seu esposo. Escrevendo, certa vez, a um amigo, ele disse: "Minha querida Kate me mantém jovem, e em boa forma também... Sem ela, eu ficaria totalmente perdido. Ela aceita de bom grado minhas viagens e quando volto, está sempre me aguardando com alegria. Cuida de mim nas minhas depressões e suporta os meus acessos de cólera. Ela me ajuda em meu trabalho, e acima de tudo, ama a Cristo. Depois Dele, ela é o maior presente que Deus já me deu nesta vida. Se algum dia, vierem a escrever a história de tudo o que tem acontecido (a Reforma), espero que o nome dela apareça junto ao meu. Eu oro por isso...".

Ao tomar conhecimento dessa declaração, Katharina respondeu: "Tudo o que tenho feito se resume a simplesmente duas coisas: ser esposa e mãe, e tenho certeza que uma das mais felizes de toda a Alemanha!".



RETRATO DE KATHARINA VON BORA, POR LUCAS CRANAC